



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

JOSÉ EMANUEL RODRIGUES FÉLIX MILHEIRO AMORIM

***O De Sacerdotio* de João Crisóstomo
Cenário *in nuce* para os *tria munera* e suas
concretizações no Magistério desde o II Concílio do
Vaticano**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

Porto
2021

*«Muitas vagas e fortes tempestades nos ameaçam,
mas não tememos ser submergidos,
porque nos apoiamos na rocha firme.
Por mais que se enfureça o mar,
nunca poderá quebrar esta rocha;
por mais que se levantem as ondas,
nunca poderão afundar a nau de Jesus».*

JOÃO CRISÓSTOMO – *Sermão quando ia para o exílio*

Resumo

O *De Sacerdotio* é uma das obras mais conhecidas e mais amplamente difundidas de João Crisóstomo. Sendo redigida em finais do séc. IV representa um verdadeiro legado espiritual da antiguidade cristã. Escrito provavelmente em Antioquia da Síria, o *De Sacerdotio* aborda, como o nome indica, o sacerdócio ministerial ordenado. Nele encontra-se um autêntico elogio ao sacerdócio cristão, pautado por belíssimas e riquíssimas imagens, quer bíblicas quer do quotidiano. Assim, partindo da vida de João Crisóstomo e da leitura e estudo do *De Sacerdotio*, este trabalho procura olhar o ministério sacerdotal ordenado propondo um cenário embrionário para os *tria munera* como tripé fundamental do exercício do ministério ordenado. Neste sentido, e depois de serem destacados os três múnus crísticos no texto de João Crisóstomo, são realçadas as suas concretizações no Magistério relacionado com o sacerdócio ministerial, desde o II Concílio do Vaticano.

Palavras-chave: *De Sacerdotio*, João Crisóstomo, sacerdócio ministerial, *tria munera*, II Concílio do Vaticano, Magistério pontifício, Magistério curial

Abstract

De Sacerdotio is one of the most known and widely spread works by John Chrysostom. Written in the end of the 4th century, it represents a true spiritual legacy of the ancient Christianity. Most likely written in Antioch of Syria, *De Sacerdotio* approaches, as its title suggests, the ordained ministerial priesthood. In this Chrysostom's work, we can find an authentic praise to the Christian priesthood, enriched by very beautiful and interesting images, both from the Bible and from the daily life. Therefore, starting from the life of John Chrysostom and the reading and study of *De Sacerdotio*, the present work tries to look at the ordained ministerial priesthood by proposing an embryonic scenario to the *tria munera*, as a fundamental tripod to the practice of the ordained ministry. In this way and after the three Christic *munus* have been highlighted in John Chrysostom's text, its achievements in the Magistry related to the ministerial priesthood, since the Second Vatican Council, are pointed out.

Keywords: *De Sacerdotio*, John Chrysostom, ministerial priesthood, *tria munera*, Second Vatican Council, Papal magisterium, Curial magisterium

Siglas e abreviaturas

Siglas bíblicas

1Cor. – Primeira carta aos Coríntios

1Pe. – Primeira carta de Pedro

1Rs. – Primeiro livro dos Reis

1Sm. – Primeiro livro de Samuel

1Tm. – Primeira carta a Timóteo

2Cor. – Segunda carta aos Coríntios

2Tm. – Segunda carta a Timóteo

At. – Atos dos Apóstolos

Cl. – Carta aos Colossenses

Ef. – Carta aos Efésios

Ex. – Livro do Êxodo

Fl. – Carta aos Filipenses

Heb. – Carta aos Hebreus

Jo. – Evangelho segundo João

Lc. – Evangelho segundo Lucas

Lv. – Livro do Levítico

Mc. – Evangelho segundo Marcos

Mt. – Evangelho segundo Mateus

Nm. – Livro dos Números

Rm. – Carta aos Romanos

Sl. – Livro dos Salmos

Tt. – Carta a Tito

Outras siglas e abreviaturas

II CV – Segundo Concílio do Vaticano

AAS – *Acta Apostolicae Sedis*

AT – Antigo Testamento

BAC – *Biblioteca de Autores Cristianos*

Bull. litt. ecclés. – *Bulletin de Littérature Ecclésiastique*

cap. – capítulo(s)

CD – *Christus Dominus*

Cf. – Conferir/confrontar

col. – coluna(s)

coord. – coordenação

DACL – *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie*

De Sacerdotio/De Sac. – *Diálogo sobre o sacerdócio* de João Crisóstomo

dir. – dirigido por

DMVP – *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*

ed. – edição

IDEM – o mesmo autor

LG – *Lumen Gentium*

n. – nascimento

n.º – número

NRT – *Novelle Revue Théologique*

NT – Novo Testamento

Or. – *Oratio*

org. – organização

OT – *Optatam Totius*

p. – Página(s)

PDV – *Pastores Dabo Vobis*

PO – *Presbyterorum Ordinis*

s./st. – são/santo

SCh – *Sources Chrétiennes*

séc. – século(s)

supra – acima referido

vol. – volume(s)

Introdução

«Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso. Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo» (2Cor. 4,7-10).

Esta é, para nós, a passagem da Sagrada Escritura que melhor diz o ministério ordenado e a própria vida do nosso Autor: João Crisóstomo. Se falarmos neste, talvez a maior parte o reconheça pelo seu nome e pelos atributos na oratória. Outros, porventura, lembrar-se-ão daquela que, com maior ou menor justiça, passou a ser conhecida como a sua *Divina Liturgia*. Nós, por seu lado, abeiramo-nos dele pelo seu texto, em forma de diálogo, sobre o sacerdócio – o *De Sacerdotio*.

Todos sabemos que existem pessoas que marcam o seu tempo e, ainda assim – ou talvez justamente por isso –, permanecem, inclusive após as suas mortes, intemporais e indelévels mesmo tendo vivido, em vida, tribulações, confusões e perseguições. Em grande parte, também é isto que faz dos grandes textos poderem vir a ser, um dia, reconhecidos como clássicos: apesar de – ou quiçá graças a isso – terem sido escritos numa época, não terem ficado encarcerados nela, antes se tenham convertido em obras intemporais, por mais que tenham atravessados momentos em que a receptividade às mesmas tenha sido atribulada, contestada e até ignorada.

É um facto geralmente conhecido, mas que cremos dever trazer para aqui, que João Crisóstomo foi o autor de uma imensa coleção de textos, muitos dos quais chegaram até nós. A respeito disto mesmo, Bento XVI, numa das suas Audiências Gerais, pronunciou as seguintes palavras: «Crisóstomo coloca-se entre os Padres mais fecundos: dele chegaram até nós 17 tratados, mais de 700 homilias autênticas, os comentários a Mateus e a Paulo [...], e 241 cartas»¹. Inserido neste vasto elenco de escritos, e havendo adquirido a aura de ser um dos seus mais notáveis e até um dos mais relevantes de todas as obras dos Padres da Igreja, encontramos o já aduzido texto sobre o sacerdócio

¹ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (19 de setembro de 2007).

ordenado: o *De Sacerdotio*. É a partir desta Obra, que tanto nos fascinou pessoalmente e àquelas pessoas que sobre ela pudemos informar a dado momento do nosso percurso acadêmico na Faculdade de Teologia – notavelmente durante a frequência de um Seminário Teológico intitulado *Espiritualidade Sacerdotal segundo os Padres da Igreja* –, que começámos a querer eleger, para tema da nossa Dissertação de conclusão do *Mestrado Integrado em Teologia*, algo relacionado com o ministério sacerdotal ordenado.

Apesar de considerarmos o *De Sacerdotio* um escrito intemporal, não o pudemos ler e estudar sem perceber de onde ele veio; de onde nasceu; de onde surgiu. Posto isto, e antes de termos recorrido a comentários e estudos sobre tal Obra, fizemos a nossa leitura pessoal à mesma, de modo que não fosse a opinião desta pessoa, ou a daquele especialista, a marcar a nossa abordagem ao *De Sacerdotio*. Foi mesmo fruto dessa leitura que fomos descobrindo neste texto um autêntico elogio ao sacerdócio ministerial cristão – seja em geral, seja na particularidade deste que acabámos por escolher como foco concreto da nossa ulterior reflexão –, que nos fez desejar tratar o tema desta nossa Dissertação.

Foi desde essa primeira leitura do texto e, depois, do estudo biográfico do nosso Autor – que completou, e até corrigiu, o que dele já sabíamos das nossas aulas da disciplina de Teologia Patrística –, que surgiram à nossa percepção as diversas comparações entre, por um lado, o escrito por ele no *De Sacerdotio* e, por outro lado, a nossa atualidade. Isto, por seu lado, fez-nos dar conta que muitas das características que Crisóstomo ia apresentando acerca do perfil desejado e indesejado dos ministros ordenados são, ou deviam ser, as mesmas do nosso tempo. Da mesma forma, os perigos e os vícios para uma sã vida sacerdotal, pautada pela vida do Bom Pastor, também são, em regra geral e embora com as devidas diferenças sociais e culturais próprias de cada época, semelhantes.

Pensar o ministério ordenado na Igreja é algo permanentemente importante e tem sido feito em múltiplos momentos da história da mesma, particularmente, e para o que mais nos diz respeito, depois do II CV. Esta não é uma temática de todo superficial e, assim, não se pode desconsiderar, com uma irreflexão leviana, os dados quer da Tradição, quer da vivência sacerdotal de antanho: «o serviço sacerdotal não se tornará mais importante se estivermos continuamente a dismantelar a imagem do sacerdote, criticando alguma “caricatura” do sacerdócio do passado»². Pensar o ministério sacerdotal é algo

² AUGUSTIN, George – *Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas, 2015, p. 47.

que deve ser feito com amor, inteligência, fidelidade criativa e profundidade, pois para dar credibilidade ao mesmo é preciso muito mais do que ridicularizar aqueles que a ele não foram, ou não são, fiéis; é preciso – na linha de Jesus, de Paulo e de Crisóstomo e tal como aludiremos mais adiante – uma unidade íntima e coerente entre o fazer e o dizer; entre as palavras e a ação, de modo a que, vivendo-se o que se diz, se possa ajudar os demais a assumirem o que dizemos pelo que fazemos.

Por considerarmos esta mencionada reflexão como absolutamente pertinente e imprescindível para quem se abeira do ministério ordenado, foi-se configurando e fortalecendo em nós o desejo de – depois de termos chegado a pensar tratar do amor como base, sustentáculo e fruto da vida sacerdotal segundo o *De Sacerdotio* – abordarmos a temática do sacerdócio à luz desta obra de João Crisóstomo. Um tal desejo acabou por ser igualmente moldado pela relevância que, de modo crescente, fomos dando às supracitadas comparações – entre as pistas deixadas pelo nosso Autor e a realidade coeva –, razão pela qual procurámos deixar-nos iluminar e guiar igualmente por alguns textos do Magistério do II CV e do período que a este sucedeu.

Tudo isto era, evidentemente, um tema muito vasto, e, assim, decidimos focar a nossa atenção no que no *De Sacerdotio* e em tal Magistério era referido acerca do assim tradicionalmente denominado tríplice múnus de Cristo – ensinar, santificar e governar – enquanto fundamento da ação dos sacerdotes. De facto, se esta temática tende a ser relevante em diversos textos relativamente recentes do Magistério eclesial, ela também está claramente presente no *De Sacerdotio*, sendo que, se é verdade que Crisóstomo fala da importância desses serviços sem os enunciar explicitamente, nota-se claramente que estes são, para ele, como que a base tripla do ministério ordenado.

Pode-se, com toda a legitimidade, questionar em que sentido é que um texto de finais do séc. IV pode acrescentar e contribuir para a reflexão sobre o ministério ordenado nos dias de hoje. Nós mesmos pensámos nisto diversas vezes, também face às múltiplas observações e críticas que fomos ouvindo a respeito da eleição que fizemos para a temática deste nosso Estudo. No entanto, quer o alento de pessoas amigas – incluindo o nosso Orientador –, quer o seguinte testemunho de Bento XVI – que a dado momento ficámos a conhecer – foram-nos confirmando na nossa escolha: «o seu [de Crisóstomo] projeto pastoral estava inserido na vida da Igreja, na qual os fiéis leigos com o Batismo

assumem o ofício sacerdotal, real e profético»³ e, assim, Crisóstomo já dizia, a seu modo, aquilo que, mais tarde o II CV afirmou.

Foi assim que surgiu a presente Dissertação no término do curso de *Mestrado Integrado em Teologia*, que, como já dissemos, tem como principal objetivo e propósito olhar o ministério sacerdotal e os seus serviços – especialmente focados no triplo múnus de Cristo e daqueles que são Seus sacerdotes ordenados – a partir de um dos incontornáveis textos da história do Cristianismo: o *De Sacerdotio* de João Crisóstomo. Neste sentido, esta investigação por nós empreendida tem: como centro, o texto desse grande autor cristão e, em articulação com este, alguns documentos do Magistério da Igreja lavrados no II CV e depois deste; e como horizonte, a atualidade do ministério sacerdotal alicerçada no tríplice serviço ministerial.

Advirta-se, neste momento, que, chegado o momento de escolher uma temática para este nosso Trabalho de conclusão do já referido curso, foi sempre claro para nós que tal empreendimento não se deveria limitar, nem a ser apenas um trabalho conclusivo de uma mera etapa, nem um estudo puramente académico. Sempre quisemos que fosse um trabalho que nos enriquecesse humana, pastoral e espiritualmente. Isto também pesou, e não pouco, na escolha genérica da nossa temática, que, desde há anos, se foi encaminhando, a par e passo com a nossa vida, para o ministério sacerdotal ordenado.

Escolhida a temática mais genérica faltava decidir a abordagem que iríamos imprimir ao nosso Trabalho. De facto, dada a riqueza da temática, o trilho a delinear quase que poderia ser um entre um número infinito de possibilidades. Uma escolha exigia-se. De algum modo, sempre foi claro para nós o caminho a percorrer na elaboração do que pensámos que precisava de ser o primeiro e o segundo capítulo no presente Estudo para, depois, se tratar o tema geral que gostaríamos de trabalhar; respetivamente: uma contextualização histórica da vida de João Crisóstomo e a apresentação do *De Sacerdotio*. Neste sentido, entregámo-nos a um processo de investigação bibliográfica sobre a vida do nosso Autor e o *De Sacerdotio*. A dúvida era como abordar o derradeiro capítulo, e só ao fim de muita reflexão e diálogo com o nosso Orientador – e não só –, escolhemos ponderar os dados acerca do tríplice múnus sacerdotal presentes naquela obra como possível grelha de leitura dos textos do Magistério a que já nos referimos anteriormente.

Seguindo uma estrutura lógica – do primeiro ao último capítulo –, fomos investigando e tratando a informação que recolhíamos para, depois, redigirmos o nosso

³ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (19 de setembro de 2007).

Trabalho. Neste sentido, toda a bibliografia elencada contribuiu grandemente e de forma significativa – mas sem prescindirmos jamais da nossa própria reflexão inicial sobre o *De Sacerdotio* – para a elaboração desta nossa Dissertação. Note-se que tal bibliografia não foi a única que pudemos conhecer, pois, verdade seja dita, tivemos entre mãos um documento com 240 páginas de referências bibliográficas acerca de João Crisóstomo, a partir do qual procurámos os textos que nos pareciam mais relevantes para os nossos propósitos. Entre estes acabámos por eleger alguns segundo os seguintes critérios: que fossem de interesse para este nosso Trabalho e para a temática que abordamos nele; que, dentro do possível, fossem “atuais”, de forma a permitirem uma leitura o mais contemporânea possível da temática tratada; e, por fim, que fossem redigidos em idiomas que nós fossemos capazes de ler e perceber.

Quanto ao texto do nosso Autor, optámos por utilizar e trabalhar a tradução castelhana elaborada por Juan José Ayán Calvo e de Patricio de Navascués Benlloch – devidamente referenciada na bibliografia do nosso Trabalho. A razão para esta escolha decorreu fundamentalmente de dois fatores: primeiramente, por ter sido através desta tradução que conhecemos e lemos o *De Sacerdotio*; depois, pela nossa proximidade e grande à-vontade com esse idioma. Assim sendo, foi uma nossa opção metodológica traduzir para o idioma luso todas as citações que fizéssemos de fontes que não estivessem na língua portuguesa, com a única exceção das citações da nossa Obra. Tal peculiaridade deveu-se, única e exclusivamente, ao facto de – preocupados que sempre estivemos com a apresentação de um texto o mais fiel possível ao original de João Crisóstomo – tentarmos evitar fazer uma tradução de uma tradução, correndo o risco de desvirtuar em demasia um texto cristão antigo redigido originalmente em grego. Não obstante isto, tivemos o cuidado de colocar, em nota de rodapé, o texto grego a partir da edição crítica de Anne-Marie Malingrey – também devidamente referenciada na bibliografia deste nosso Trabalho.

O texto do nosso Trabalho foi redigido seguindo uma estrutura orgânico-sequencial concomitante com a ordenação dos seus capítulos; ou seja: primeiramente, redigimos o primeiro capítulo; de seguida, escrevemos o segundo capítulo; e, por fim, elaborámos o terceiro capítulo. Acerca deste último, consideramos que, se é verdade que existem repetições face ao dito nos capítulos anteriores e inclusive nele mesmo, isso a nada mais se deve senão a uma procurada fidelidade às fontes; quer dizer: são repetições decorrentes do presente, seja no *De Sacerdotio*, seja dos textos do Magistério que elegemos tratar tendo em apreço o fito, já esclarecido, deste nosso Estudo.

Posto isto, diga-se ainda, que, ao longo da redação do nosso Trabalho, procurámos imprimir a este uma grande coerência a nível do aparato formal e crítico. Por isso, e dado que havíamos começado com a dita redação antes da implementação do *Livro de Estilo da Faculdade de Teologia*, seguimos como norma metodológica a Norma Portuguesa 405 tal como a mesma surge apresentada no manual de *Metodologia Científica* elaborado por Carlos A. Moreira Azevedo e Ana Gonçalves de Azevedo – referenciado, evidentemente, na bibliografia final. Contudo, sempre que isso se justificasse de modo imprescindível, procedemos a ligeiras adaptações, embora nunca tenhamos abdicado de, como já o indicámos, procurar manter uma coerência na metodologia utilizada.

Conforme já foi sendo mencionado, esta nossa Dissertação terá uma estrutura ternária. No primeiro capítulo deter-nos-emos na biografia do nosso Autor, João Crisóstomo. Já no segundo debruçar-nos-emos mais direta e profundamente sobre o texto do *De Sacerdotio*. Por fim, no terceiro capítulo voltaremos à nossa Obra e lançaremos mão de alguns textos do Magistério para, desse modo, fazermos emergir algumas concretizações do tríplice múnus de Cristo como tripé fundamental para o exercício do ministério ordenado. Vejamos isto de modo mais detalhado.

O primeiro capítulo do nosso Trabalho apresentará, seguindo uma sequência lógico-cronológica, alguns aspetos biográficos de João Crisóstomo (1). Por isso intitulado *João Crisóstomo: monge, presbítero de Antioquia e bispo de Constantinopla*, ele realçará estas três grandes etapas na vida do nosso Autor. Deveras, sempre entendemos que, para olharmos devidamente para o *De Sacerdotio* na sua totalidade, precisávamos, antes, de olhar a vida de quem o escreveu. Contudo, nunca foi nosso desejo fazer história em sentido estrito, antes abeirarmo-nos do contexto histórico e da vida do seu redator.

Fruto do que acabámos de apontar, este primeiro capítulo estará estruturado em duas grandes secções: primeiramente, e em jeito quase introdutório, apresentaremos João Crisóstomo como uma figura proeminente do seu tempo na esteira dos três grandes bispos capadócijs (1.1); de seguida, olharemos para a vida do nosso Autor em duas partes. A saber: na primeira, que corresponde ao denominado “período antioqueno”, olharemos para a vida de João de Antioquia e aí aludiremos: às suas origens; à sua educação; às suas amizades; à vida no ascetério; ao episódio da recusa do ministério como presbítero e ao seu refúgio na vida monacal e eremítica. Posto isto, voltar-nos-emos para o período mais fecundo de João enquanto ministro da comunidade antioquena, e abordaremos: o seu

regresso a Antioquia, vindo da vida eremítica; a sua ordenação diaconal; e, enfim, o seu trabalho enquanto presbítero (1.2).

A segunda parte debruçar-se-á sobre o evocado “período episcopal” (1.3). Depois de cerca de onze anos enquanto presbítero de Antioquia, João é conduzido à sede episcopal de Constantinopla – então capital oriental do Império – por indicação do Imperador Arcádio, na sequência de uma já então comum preferência por Antioquia quando se tratava de eleger bispos para a cidade sobre o Bósforo. O ministério episcopal em Constantinopla representa o período mais conturbado da vida do nosso Autor. Procurando, desde logo, reformar o clero dessa, e a prática religiosa nessa, cidade rapidamente começará a reunir opositores, razão pela qual olharemos para esses conflitos, quer com a corte e o clero, quer com outros bispos – nomeadamente com Severiano de Gábara e Teófilo de Alexandria –, que acabarão por servir de pretexto para o primeiro exílio decorrente das decisões do polémico sínodo do Carvalho de 403. Exílio breve, sim, mas que não veio a impedir um segundo desterro, desta feita definitivo e que acabou por ser, pelo menos indiretamente, a causa da morte de um nosso Autor já muito “ferido” pelas consequências da querela entre Alexandria e Constantinopla.

Depois de olharmos para a vida do nosso Autor, entraremos no segundo capítulo do presente Trabalho, em que estudarmos o *De Sacerdotio*, e que terá o seguinte título: *De Sacerdotio: um legado espiritual da antiguidade cristã* (2).

Este capítulo olhará para a nossa Obra em três momentos. Primeiramente, olharemos, em traços gerais, para o contexto social e religioso em que nasceu o texto (2.1). Assim sendo, daremos a nossa atenção à cidade de Antioquia da Síria – cidade natal de João e onde ele viveu o seu período mais fértil –, pois foi muito provavelmente nesse local e em finais do séc. IV que nasce o *De Sacerdotio*. Ainda nesta mesma parte, faremos uma breve menção ao género literário da nossa Obra – o diálogo –, apontando algumas semelhanças e diferenças entre este e os diálogos filosóficos platónicos (2.2), aludindo, além do mais, a outros aspetos de realce na redação do texto, sobretudo o grande apreço que Crisóstomo mostra ter por Paulo (2.3).

De seguida, abordaremos as principais problemáticas relacionadas com a redação da nossa Obra, tais como: as dificuldades com a datação da redação do texto, naturais num texto do séc. IV; a identidade das personagens, tanto de João como também, e sobretudo, de Basílio; as eventuais semelhanças, mas também diferenças do texto do nosso Autor com o *De fuga* de Gregório de Nazianzo; e, finalmente, os motivos da redação deste texto (2.4).

No terceiro momento, encetaremos numa abordagem essencialmente sintética e pessoal, embora enriquecida com alguns comentários de outros autores, ao conteúdo fundamental da totalidade do texto do *De Sacerdotio* (2.5). Para isso, seguiremos fielmente o esquema dessa obra, dividindo, por conseguinte, este apartado em seis pontos que correspondem a cada um dos capítulos do texto a que estaremos a dar a nossa atenção.

Depois do anteriormente aludido, chegaremos ao terceiro e último capítulo da nossa Dissertação, intitulado *O tríplice múnus de Cristo: concretizações no De Sacerdotio e em alguns textos do Magistério* (3).

Este encontrar-se-á dividido em dois grandes apartados. Num primeiro momento trataremos de dois aspetos (3.1). Primeiramente e em jeito de introdução, procuraremos fazer uma breve resenha histórica acerca da importância dada ao tríplice múnus ao longo da história. Esta introdução tratar-se-á de uma breve súpula, muito geral, de dois mil anos de história. De facto, a mesma pretende servir tão-somente de uma simples contextualização histórica do conteúdo que será tido em conta neste apartado.

Posto isto, avançaremos, mais uma vez, para o *De Sacerdotio*, de modo a nele identificarmos as principais características presentes no texto que nos remetem para o tríplice serviço. Cada um dos três subpontos desta parte estarão intitulados com as duas possibilidades de terminologia para cada um dos respetivos múnus: a primeira mais bíblica, a segunda baseada na usada no, e a partir do, II CV, sendo de realçar esta segunda, colocada em forma verbal, remetendo, dessa forma, para uma ação; para um fazer. Assim sendo, para cada um dos serviços extrairemos do texto do nosso Autor as características correspondentes, devendo-se referir, além do mais, que: quanto ao serviço de santificar destacaremos a Eucaristia, o Batismo e o perdão dos pecados; relacionado com o serviço de ensinar realçaremos a importância da pregação, o exemplo de Paulo e o dever de estudar os Textos Sagrados; por fim, quanto ao múnus de governar destacaremos, do *De Sacerdotio*, o cuidado a ter com as viúvas e as virgens, a atividade judicial e o cuidado de todos sem exceção. Na segunda e última parte deste capítulo, e depois de feito o levantamento dos elementos relacionados com o tríplice múnus no *De Sacerdotio*, propomos-nos a lançar mãos de alguns textos do Magistério para, assim e à luz daquela obra, apontarmos algumas perspectivas e provocações desses textos acerca do ministério ordenado (3.2). Esta segunda parte surge no presente Estudo também porque nunca foi nossa intenção estudar este belíssimo texto cristão antigo sem que o trouxéssemos para os nossos dias, por forma a daí podermos tirar algum proveito, quer pessoal, quer pastoral.

Tenha-se em consideração que todos os documentos que seleccionámos, e que serão por nós apresentados, se reportam diretamente ao ministério ordenado e à formação para este. Mas não só: será a partir dessa realidade que realçaremos, cruzando referências com o *De Sacerdotio* e outros textos, o tríplice serviço ministerial. Tais documentos estarão repartidos por três categorias: textos do Magistério do II CV; do Magistério pontifício pós-conciliar; e, por fim, do Magistério curial (romano). Desse modo, abordaremos, de forma cronológica e do mais antigo para o mais recente, os textos do II CV relacionados com o ministério ordenado e a formação dos candidatos para o mesmo: *Lumen Gentium*; *Optatam Totius*; *Christus Dominus*; e, enfim, *Presbyterorum Ordinis*. O texto provindo do Magistério pontifício que apresentaremos será a *Pastores Dabo Vobis*, de João Paulo II. Por fim, o texto do Magistério curial que elegemos para vir a apresentar, foi o *Directório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, em concreto, a sua última edição de 2013.

Outros textos poderiam aqui ser elencados, contudo tal não foi possível dada a imensidão de escritos existentes sobre o ministério ordenado. Escolhemos aqueles que considerámos, e ainda estimamos, como sendo basilares e imprescindíveis e que se referem de modo particular ao ministério ordenado – à exceção, evidentemente, da *Lumen Gentium*. a qual, sendo um texto basilar do II CV, reconfigurou uma nova forma de ver a Igreja e os ministérios. Mais uma vez reforçamos o facto de que, se é inegável que neste capítulo – e em particular, na segunda parte –, virão a ser patentes algumas repetições, isso resultou tão somente da procura de fidelidade às fontes por nós estudadas.

Ao terminarmos esta parte introdutória, não poderia faltar uma muito breve nota de agradecimento. Em primeiro lugar, ao Seminário do Bom Pastor e ao Seminário Maior do Porto, duas instituições que me acolheram e foram a minha casa ao longos destes últimos anos. Não evidentemente, de modo abstrato, mas de uma forma concreta pontualizada em todos aqueles formadores, colaboradores, colegas, amigos e companheiros desta jornada que contribuíram, de alguma forma, para o término desta etapa. Agradeço, também, à Universidade Católica Portuguesa e à sua Faculdade de Teologia no Porto; também não de uma forma impessoal, mas tendo na memória do nosso coração os seus professores e demais funcionários que, cada um do seu jeito específico, potenciaram estes anos de formação e de aprendizagem, pois, na verdade, sem eles este nosso Trabalho não teria sido possível.

1. João Crisóstomo: monge, presbítero de Antioquia e bispo de Constantinopla

Este primeiro capítulo da nossa Dissertação tem como objetivo apresentar, dentro de uma sequência lógico-cronológica, alguns dados biográficos de João Crisóstomo. Trata-se, pois, de uma breve súpula biográfica do homem, do presbítero e do bispo. Não é de todo nossa intenção, nem reconhecemos em nós capacidade para isso, fazer história em sentido estrito, porquanto, como já dissemos, trata-se de uma breve síntese biográfica que expõe alguns dados ordenados de forma lógica e cronológica. Para tal, lançaremos mão de vários apoios bibliográficos, particularmente e sobretudo dos trabalhos de Inmaculada Delgado Jara e de John Norman Davidson Kelly.

Assim sendo, tendo como base o trabalho destes dois autores, estruturaremos o nosso capítulo em duas grandes secções: uma primeira, e brevíssima, em que procuraremos apresentar João Crisóstomo como alguém que viveu na senda dos três grandes bispos capadócijs – Basílio de Cesareia, Gregório de Nisa e Gregório de Nazianzo –; e uma outra, bem mais extensa, em que nos focaremos na sua vida e que estará dividida em duas partes que apresentaremos já de seguida.

Como dissemos, esta parte substancial do capítulo dedicar-se-á ao estudo e apresentação da vida do nosso Autor e terá duas partes. Numa primeira parte, abordaremos o chamado “período antioqueno” da vida de João Crisóstomo. Este período, coincidindo com a etapa de maior produção literária de Crisóstomo, corresponde: ao seu nascimento e educação; à sua experiência do eremitério e do “deserto”; e, enfim, à sua vida pastoral na Igreja de Antioquia, nomeadamente como diácono e presbítero.

Num segundo momento, abordaremos o denominado “período episcopal”, em que João foi bispo de Constantinopla. Em finais do séc. IV e inícios do séc. V – período em que viveu o nosso Autor –, Constantinopla era a capital do Império e, por isso, a cidade da corte imperial. É com esta corte que Crisóstomo, quase imediatamente após a sua chegada à cidade sobre o Bósforo, travará alguns difíceis confrontos, procurando uma maior independência da Igreja face ao poder imperial e esforçando-se por levar a cabo uma reforma do seu clero de acordo com os valores evangélicos. Tudo isto fará com que o seu ministério seja exigente e muito difícil, o que rapidamente conduzirá a um fim de

vida trágico. De facto, João morrerá de modo atroz no desterro, após se ter visto: envolvido em confrontos doutrinários e nas intrigas político-eclesiais suscitadas pelo bispo de Alexandria – Teófilo de Alexandria –; traído por muitos dos seus presbíteros que preferiam continuar a ter uma vida de ostentação; e, contestado pela corte que sempre tentou imiscuir-se nas decisões eclesiais.

1.1. Na senda dos grandes capadócijs

João Crisóstomo é uma das grandes figuras do Cristianismo no Oriente cristão, tendo vivido durante os séculos IV e V. Os seus inúmeros escritos – cartas, tratados, homilias, etc. – permanecem até aos nossos dias como um dos maiores legados espirituais do Cristianismo. Devido a isto, é comumente tido, juntamente com Gregório de Nazianzo e Basílio de Cesareia, como um dos três grandes hierarcas do Cristianismo Oriental.

A segunda metade do séc. IV é denominada “Idade de ouro da patrística”⁴. Ao utilizarmos, na senda de diversos estudiosos, tal denominação, queremos reconhecer e expressar que esta época se caracterizou pelos seus intervenientes terem estado em relações relativamente próximas uns com os outros, num ambiente de influência evidente e por vezes mútua, «constitu[ndo] um grupo extraordinariamente característico que se distingue tanto dos seus predecessores [...] como dos seus sucessores»⁵.

De modo particular, João Crisóstomo segue na esteira dos grandes bispos capadócijs, seja pela proximidade espacial e temporal, seja por uma proximidade de pensamento que o nosso Autor recolhe e que, em certa medida, sintetiza e projeta para o futuro, nomeadamente e principalmente a nível da espiritualidade e da moral – tema que, como veremos, é muito caro ao bispo João Crisóstomo. Assim sendo, e dado que acerca dele iremos falar mais adiante, é oportuno destacarmos, já nesta ocasião, que também Melécio de Antioquia, bispo desta cidade e amigo de João, conhecia bem a Basílio, de quem terá sido um conselheiro próximo. Por esta razão, tanto o grande bispo de Cesareia, como o nosso Autor tiveram como mestre e mentor, a dados momentos das suas vidas, a mesma pessoa. Desta forma, é normal que partilhem de uma certa proximidade de ideias: «dada esta estreita rede de relações, e a crescente estatura de Basílio como religioso e

⁴ Cf. RAMOS-LISSÓN, Domingo – *Patrología*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005, p. 212; ALTANER, Berthold – *Patrología*. Madrid: Espasa-Calpe, 1956, p. 235; QUASTEN, Johannes – *Patrología: la edad de oro de la literatura patrística griega*. Madrid: BAC, 1977, vol. 2, p. 3.

⁵ DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri Irénée – *Nueva historia de la Iglesia: desde los orígenes a san Gregorio Magno*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1964, tomo 1, p. 338-339.

teólogo, não deve ser surpreendente que Crisóstomo tenha lido alguns dos escritos de Basílio, e tenha sido moldado por eles»⁶.

Mas não só: há mais distintos traços da vida de Crisóstomo que se aproximam de determinados elementos da vida dos três grandes bispos capadócijs. Cremos que os mais salientes são os que elencaremos na continuação. Em primeiro lugar, João Crisóstomo teve uma esmerada educação e frequentou os mestres pagãos, tendo estudado os autores clássicos da cultura greco-romana. Depois, o nosso Autor nasceu no seio de uma família em que a fé cristã era vivida e, de facto, «todos os Padres da Igreja [do período áureo] encontraram instalada no seu berço a fé cristã, porque toda a sua família se havia convertido, e por vezes desde várias gerações anteriores, como é o caso de são Basílio e seus irmãos, ou porque ao menos a sua mãe era cristã [como no caso do nosso Autor]»⁷. Em terceiro lugar, Crisóstomo foi alguém que experienciou uma “conversão adulta” – algo distinto a uma “conversão em adulto” – e, também em consequência, desejou viver, e viveu, um período de isolamento ascético. Também foi monge a dado momento, e, só por fim, chegou ao episcopado, tendo-se então revelado como um bispo sempre empenhado na luta pela ortodoxia da fé. Isto insere-se perfeitamente num dos traços mais comuns aos Padres da Patrística áurea, os quais passaram, em geral e pelo menos algum tempo, pela vida monacal:

«Para os homens do séc. IV a vida perfeita encontrava-se no deserto. Todos os Padres da Igreja [deste período] foram monges durante um período mais ou menos longo e exercitaram-se na prática de uma rigorosa ascese, em contacto e sob a direcção de mestres da vida espiritual; [...] muitos realizaram uma obra importante na história da instituição monástica»⁸.

Posteriormente, o nosso Autor deu um grande relevo à sua atividade pastoral, principalmente a nível da pregação e do cuidado e atenção que prestou, e estimulou a que se prestasse, aos pobres e demais necessitados. De facto, «estes bispos foram também, e em primeiro termo, escritores, oradores (estamos, todavia, num tempo em que a palavra humana conservava o seu domínio natural sobre a escrita), pregadores, pensadores religiosos»⁹. Penultimamente, o nosso Pensador deu enorme atenção à problemática das interferências do estado na Igreja (“cesaropapismo”), principalmente no que diz respeito

⁶ LAI, Pak-Wah – John Chrysostom’s reception of Basil of Caesarea’s trinitarian theology. *Scrinium*. 15 (2019) 64.

⁷ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 340.

⁸ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 341.

⁹ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 343.

à delimitação de territórios, à nomeação de bispos e em relação à lei matrimonial¹⁰. Por fim, é de realçar o equilíbrio doutrinal e conceptual de Crisóstomo que se assemelha à ponderação característica da escola dos teólogos capadócijs que em tudo procuraram, por temperamento e necessidade, uma *mesotes*. De facto, o próprio Jean Daniélou o afirma em relação aos Padres da “Idade de ouro da patrística”:

«Os Padres do séc. IV e dos inícios do séc. V representam um momento de equilíbrio particularmente precioso entre uma herança antiga, todavia pouco minada pela decadência e perfeitamente assimilada, e por outra parte uma inspiração cristã chegada ao seu pleno amadurecimento»¹¹.

1.2. Uma vida em tensão

A vida do nosso Autor é um suceder de ondas agitadas que se cruzam e entrecruzam dando origem a momentos de enorme tensão. Não cremos que seja correto dizer-se que ele viveu entre Cila e Caríbdis, mas, se quisermos evocar uma outra imagem geográfica mitológica, talvez pudéssemos dizer que ele partiu de Ítaca e acabou expulso de Troia. Veremos, na continuação, em que sentido esta nossa opinião se ajusta à existência de João Crisóstomo.

1.2.1. Entre Antioquia e o “deserto”

Como não é raro em figuras da antiguidade, há imensos dados acerca das suas vidas que nos escapam. A respeito de João Crisóstomo, encontramos imediatamente com um deles a respeito da datação do seu nascimento. De facto, não se conhece a data exata do nascimento daquele que passou à posterioridade pelo cognome de “boca de ouro” – e pouco se sabe sobre a sua infância. Este é mesmo um tema sobre o qual versam vários estudos científicos e, fruto disso e das compreensíveis opiniões contrastantes, encontramos ante um emaranhado de opiniões acerca da data mais provável para o nascimento de João. Todas essas opiniões são grandemente conjecturais, pois «à falta de uma data de referência certa anterior a 381, o ano da sua ordenação diaconal, não é possível sair da dubiedade»¹².

De todas as teorias a que tivemos acesso, podemos afirmar que João Crisóstomo terá nascido, provavelmente, entre 340 e 354¹³. No entanto, como consideramos que

¹⁰ Cf. JEDIN, Hubert – *Manual de historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1980, p. 136-141.

¹¹ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 339.

¹² MALINGREY, Anne-Marie – Juan Crisostomo. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patrístico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992, vol. 2, p. 1177.

¹³ Cf. MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177; KELLY, John N. D. – *Golden mouth: the story of John Chrysostom: ascetic, preacher, bishop*. Ithaca; New York: Cornell University Press, 1995, p. 4;

estabelecer uma data o mais exata possível é relativamente relevante para o nosso Trabalho, optaremos, por razões de organização e estruturação do mesmo, pela data proposta por Inmaculada Delgado Jara¹⁴, segundo a qual João poderá ter nascido por volta do ano de 344.

Seja como for, é certo que «João nasceu em um mundo que era ao mesmo tempo estável e apanhado no impulso inexorável da mudança»¹⁵: nasceu na cidade de Antioquia da Síria¹⁶, no seio de uma família de classe média e que, como afirmam alguns relatos, vivia comodamente¹⁷. A sua mãe, Antusa, era cristã e o seu pai, Secundus, parece tê-lo sido¹⁸. Secundus – que fora um importante «funcionário público no gabinete do comandante das operações militares da diocese imperial do *Oriens*»¹⁹ – morreu muito cedo na vida do nosso Autor, pouco tempo depois do nascimento deste. Por isso, Crisóstomo não chegou a ser educado pelo pai. É a sua mãe que, vendo-se viúva numa idade ainda nova, se empenhou arduamente em oferecer a João a melhor educação possível e, como refere Delgado Jara, terá sido certamente dela que «João ouvi[u] pela primeira vez os relatos bíblicos»²⁰.

1.2.2. O estudo dos autores clássicos e da arte da retórica

Nos primeiros séculos, a Igreja não possuía nenhuma estrutura educativa para os cristãos que queriam estudar. A forma de aceder a um mais elevado grau de educação ou aprendizagem era frequentando a educação clássica greco-romana, algo que desde cedo foi aceite pela Igreja até ao surgir do Imperador Juliano.

De qualquer modo, aqueles que um dia viriam a ser conhecidos como os três grandes bispos capadócijs recomendavam que os jovens tivessem acesso e estudassem os autores pagãos como um exercício para a mente, de forma a que se preparassem para, mais tarde, melhor acederem à essência da fé cristã²¹. Na realidade, «os cristãos participaram da educação pública, não só na condição de discípulos, mas também de

DROBNER, Hubertus R. – *Manual de patrología*. Barcelona: Herder, 1999, p. 356; DELGADO JARA, Inmaculada – El período antioqueno de la vida de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 52 (2001) 24.

¹⁴ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 23-24.

¹⁵ MAYER, Wendy; ALLEN, Pauline - *John Chrysostom*. London; New York: Routledge, 2000, p. 3.

¹⁶ Cf. DROBNER - *Manual de patrología*, p. 356; MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177; DELGADO JARA - El período antioqueno, 25.

¹⁷ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 25; KELLY – *Golden mouth*, p. 4.

¹⁸ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 25; KELLY – *Golden mouth*, p. 4-5.

¹⁹ MAYER – *John Chrysostom*, p. 5.

²⁰ DELGADO JARA – El período antioqueno, 27.

²¹ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 27.

mestres»²², pois não era preciso ser pagão, ou acreditar nas divindades pagãs, para se aprender e lecionar a cultura clássica. De qualquer modo, nas escolas pagãs não era providenciada uma educação cristã; essa ficava ao encargo da própria família²³.

Assim sendo, também João e o seu jovem amigo Basílio – acerca de cuja identidade teceremos algumas considerações no nosso próximo capítulo – estudaram segundo os modelos da cultura da época, ou seja, da cultura greco-romana. É precisamente nessa época que João conhece os grandes autores clássicos: Homero, Eurípedes e, entre outros, Demóstenes²⁴. Contudo, a mais alta etapa da educação clássica era o estudo da arte da retórica e, assim e com o enorme apoio de sua mãe, João frequentou a escola de retórica de Libânio, um dos mais conhecidos e prestigiados professores em Antioquia²⁵. Nesta escola, João contacta com Platão, Tucídides, Isócrates e, sobretudo, com o já nomeado Demóstenes – figura de enorme relevo para Libânio²⁶. Porém, o que mais relevante parece ter aprendido com Libânio foi a arte da palavra pois «não se podia falar elegantemente sem o estudo da retórica»²⁷. João também frequentou a aprendizagem de filosofia com um professor, de nós desconhecido, de nome Andragatio, tendo, junto deste, muitos dos seus amigos como condiscípulos: «Teodoro, Máximo e sobretudo Basílio, futuros bispos, ao que parece, de Mopsuéstia, Selêucia Isaura e Rafanea na Síria, respetivamente»²⁸.

Na realidade, foi pela arte da palavra e da pregação que João ficou conhecido com o epíteto, já por nós aduzido, de «boca de ouro»²⁹. Posto isto, é de se mencionar igualmente que o nosso Teólogo rapidamente fugiu dos propósitos comuns da retórica tradicional pois «a pregação não foi jamais para ele literatura, mas ministério da palavra divina»³⁰ e «se é certo que aprendeu fielmente a *techné* retórica que o seu mestre lhe ensinou, praticará logo uma eloquência que tem muito pouco que ver com aquela *techné*»³¹.

²² DELGADO JARA – El período antioqueno, 28.

²³ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 29.

²⁴ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 6.

²⁵ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 6-7; DELGADO JARA – El período antioqueno, 31.

²⁶ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 31-32.

²⁷ DELGADO JARA – El período antioqueno, 32.

²⁸ STIERNON, Daniel – Jean I^{er} Chrysostome. In JACQUEMET, Gabriel, dir. – *Catholicisme: hier, aujourd'hui, demain*. Paris: Letouzey et Ané Editeurs, 1967, tomo 6, col. 499.

²⁹ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 46.

³⁰ DELGADO JARA – El período antioqueno, 35.

³¹ DELGADO JARA – El período antioqueno, 35.

1.2.3. Conclusão dos estudos e a vida no ascetério

Segundo a cronologia que seguimos – a de Inmaculada Delgado Jara –, João acaba os seus estudos por volta do ano 367; ou seja, quando tinha cerca de 23 anos³². Já John N. D. Kelly, como parte do princípio de que João terá nascido por volta do ano 349, segue o que já tinha sido dito por Paládio da Galácia³³, ou seja, que o jovem teria 18 anos quando acabou os estudos³⁴. Seja como for, findados os estudos, João viveu com a sua mãe, Antusa, em Antioquia, preparando-se, tudo leva a crer, para vir a se entregar «ao serviço público, talvez como um dos escriturários da *sacra scrinia*»³⁵, isto é, do departamento imperial dos assuntos religiosos.

Nessa cidade João tinha muitos amigos, entre os quais o já referido Basílio. Apesar de ambos terem nascido no mesmo ambiente sociocultural e terem estudado juntos, João tinha a opinião de que eram muito diferentes. Enquanto João gostava de frequentar os tribunais, acompanhava diversos casos com muita assiduidade e gostava de assistir ao teatro, Basílio era mais recatado e voltado para os livros e o estudo³⁶. Contudo, é perante o convite e a insistência de Basílio que o nosso Autor, deixando de ser tão assíduo aos tribunais e aos teatros, passa a dedicar-se aos livros sagrados³⁷.

Mais tarde, também por insistência de Basílio, João começa a levar a sério a possibilidade de abraçar a vida de “deserto” para, desse modo, «encontrar-se só com o pensamento de Deus e fortalecer a sua alma elevando o seu espírito»³⁸. Contudo, ele vê-se demovido desse projeto de vida por insistência da mãe, mas, após alguma luta interior não muito prolongada no tempo, acabará por fazer valer a sua determinação e impor-se ao querer da mãe. Neste sentido, juntamente com Basílio e Teodoro, entra para a vida no ascetério de Diodoro – à ocasião sacerdote, ordenado pelo bispo niceano Melécio de Antioquia, mas que viria a ser bispo de Tarso – e Cartério de Antioquia³⁹.

Tanto Diodoro, como Cartério e o próprio Flaviano – que virá a ser, depois, bispo de Antioquia e já então mantinha alguma ascendência espiritual no ascetério – procuravam fazer frente ao arianismo, que se tinha tornado, na Igreja, uma doutrina

³² Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 35.

³³ Cf. PALÁDIO – *Dialogue sur la vie de Jean Chrysostome*, 5. Introduction, texte critique, traduction et notes par A. M. Malingrey. Paris: Les Éditions du Cerf, 1988, tomo 1 [= *SCh.* 341], p. 105-110.

³⁴ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 14.

³⁵ MAYER – *John Chrysostom*, p. 5.

³⁶ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 14-15.

³⁷ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 36.

³⁸ DELGADO JARA – El período antioqueno, 36.

³⁹ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 18; DELGADO JARA – El período antioqueno, 36.

errónea predominante, nomeadamente devido à sua politização sob a influência dos Imperadores Constâncio II e Valentiniano I. Faça-se notar que Diodoro deixou uma marca permanente na educação cristã de Crisóstomo, pois não só era alguém dotado de um grande nível cultural, como levava uma vida de santidade. Foi com Diodoro que João começou a estudar mais afincadamente a Sagrada Escritura, tendo aprendido a interpretar os textos bíblicos – no fundo, a fazer exegese – segundo o método da escola antioquena⁴⁰.

Terá sido neste ambiente ascético que João acabará por conhecer Melécio – então bispo de Antioquia –, o qual, apercebendo-se da capacidade de Crisóstomo e das suas grandes qualidades (intelectuais, espirituais e morais), começou a aproximar-se dele. Também terá sido Melécio que – depois de um período de catecumenado que, normalmente e na zona de Antioquia, poderia, segundo as circunstâncias, chegar a demorar até três anos – batizou João no ano de 369. Depois disso, João Crisóstomo prossegue a sua formação no ascetério e, rapidamente e como dizemos hoje, é instituído leitor, provavelmente em 371⁴¹, o que comportava «ler o texto litúrgico do Antigo Testamento e proferir lições sobre as epístolas bíblicas durante o culto»⁴².

1.2.4. Recusa do ministério e a vida eremítica

É pouco depois da sua admissão ao leitorado que, segundo John Norman Davidson Kelly, se dão dois episódios dramáticos para João. O primeiro episódio não revelou ter grande impacto na vida do nosso Pensador. Tal passou-se por volta dos anos 371/372 quando João era ainda um jovem. John Kelly diz-nos, acerca de tal episódio, que João, ao passear com um amigo junto das margens do rio Orontes – curso de água que nasce na Síria Baixa (hoje o Vale de Beca, no Líbano) e passa por Antioquia –, encontrou um objeto a flutuar nas águas. Apercebendo tratar-se de um livro de magia, ficou aterrorizado e voltou a lançá-lo ao rio, com medo das consequências de ser apanhado com tal. De facto, «na altura, o pânico reinava em Antioquia, pois o governo, alarmado pela exposição de uma conspiração para adivinhar quando morreria o imperador e quem seria o seu sucessor, realizava sucessivamente investigações ferozes, julgamentos e execuções»⁴³.

Já o outro episódio terá acontecido anos mais tarde, provavelmente, depois do exílio de Melécio, bispo de Antioquia, para a Arménia. Nessa ocasião, João e o seu amigo

⁴⁰ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 37.

⁴¹ Cf. STIERNON – Jean I^{er} Chrysostome, col. 499; DELGADO JARA – El período antioqueno, 37-38.

⁴² MAYER – *John Chrysostom*, p. 6.

⁴³ KELLY – *Golden mouth*, p. 25.

Basílio souberam que, provavelmente, iriam ser ordenados presbíteros. Assim sendo, ambos fizeram um acordo em que ou os dois aceitavam a ordenação, ou, então, ambos a recusavam. Neste sentido, o que um decidisse para si, o outro também decidia como sua própria escolha para a vida. No entanto, quando chegou o bispo para tratar das ordenações, Basílio aceitou ser ordenado, confiando que João iria fazer o mesmo. Contudo, e rompendo com o acordo realizado com o seu amigo, João recusou a ordenação, dizendo que se considerava indigno de tal ministério. Basílio, quando descobriu que João tinha recusado, ficou extremamente decepcionado⁴⁴.

Por volta de 371, João é mais uma vez proposto pelas autoridades eclesiais para a ordenação, mas de novo recusa, o que acaba por gerar indignação e ressentimento na comunidade⁴⁵. Assim sendo, toma a decisão de se retirar da cidade para um mosteiro nas montanhas que a rodeavam⁴⁶. Durante seis anos, João viveu até chegar ao extremo das suas forças: «submeteu-se à orientação de um ancião monge sírio; nos anos restantes, levou o anacoretismo ao grau mais elevado»⁴⁷.

Não se ficando por aqui, antes procurando uma maior e mais exigente disciplina, retira-se, totalmente sozinho, para viver numa gruta. Durante esse tempo, colocava-se à prova e testava-se com diversas penitências, jejuns e mortificações⁴⁸. Devido às duras práticas ascéticas a que se foi submetendo, rapidamente a sua saúde se foi deteriorando, de tal forma que acabou por se encontrar num estado de subnutrição – e inerente magreza – extrema, que fez com que alguns dos seus órgãos – nomeadamente o estômago e os rins⁴⁹ – começassem a ressentir-se das duras práticas que levava. Em consequência disto, o nosso Autor reconheceu a conveniência e até a necessidade de abandonar a vida no “deserto”⁵⁰.

⁴⁴ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 25-26.

⁴⁵ Kelly menciona que este acontecimento é ignorado pela maioria dos historiadores e, de facto, Inmaculada Delgado Jara, embora escrevendo bem depois daquele, não refere este acontecimento, antes optando por justificar a retirada de João com o ambiente sociopolítico e religioso adverso para com os cristãos ortodoxos por parte do poder que protegia o arianismo.

⁴⁶ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 28.

⁴⁷ DELGADO JARA – El período antioqueno, 40.

⁴⁸ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 41; KELLY – *Golden mouth*, p. 32-33.

⁴⁹ Cf. PALÁDIO – *Dialogue sur la vie de Jean Chrysostome*, 5 [Sch. 341, p. 111].

⁵⁰ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 42.

1.2.5. Regresso a Antioquia e o diaconado

João volta a Antioquia, provavelmente em finais de 378⁵¹. Também o bispo Melécio tinha regressado do exílio a que havia sido votado e procurava reconstruir a comunidade e a vida da Igreja de Antioquia, que a partir de 363 chegou a ter três linhas episcopais distintas, chegando às quatro no ano de 375⁵². Depois de um breve período de descanso para restaurar a sua fraca saúde, João voltou a assumir o serviço de leitor, que tinha deixado aquando da sua partida para o “deserto”⁵³. Assim viveu João até que «no final do ano 380 ou princípio de 381, Melécio, bispo de Antioquia, ordenou-o diácono»⁵⁴. Para Kelly, este acontecimento deverá ter tido lugar nos últimos meses de 380, ou nas primeiras semanas de 381, pois Melécio preparava-se para ir a Constantinopla presidir – por sinal durante um brevíssimo período de tempo, pois acabará por falecer pouco tempo depois do seu começo – ao que ficará conhecido como o segundo Concílio Ecuménico da Igreja: o I Concílio de Constantinopla⁵⁵.

Durante cinco anos, Crisóstomo exerceu o seu ministério de diácono na Igreja de Antioquia, nomeadamente ocupando-se da caridade, dos que eram mais pobres e desprotegidos. Visitava os doentes e os cristãos que estavam presos, ajudava o bispo – então o já apontado Flaviano – no trabalho pastoral, cuidava e administrava os bens e propriedades da comunidade⁵⁶.

De facto, João completou a sua educação passando pelas mais diversas experiências: completou os estudos clássicos e aprendeu a usar o instrumento da retórica com Libânio; retirou-se para o ascetério de Diodoro de Tarso onde aprendeu a ler a Sagrada Escritura; passou um tempo na solidão do eremitério onde fortaleceu o seu espírito interior e fez crescer a sua relação com Deus; por fim, como diácono começou a ter um contacto mais íntimo com o que era a vida dos cristãos de Antioquia, com as suas misérias e fragilidades, com os seus interesses e necessidades, o que lhe fez ganhar a coragem de distribuir os seus bens pelos pobres⁵⁷. Talvez, também hoje, a formação dos candidatos ao sacerdócio devesse passar por um caminho mais análogo a este.

⁵¹ Cf. STIERNON – Jean I^{er} Chrysostome, col. 499; KELLY – *Golden mouth*, p. 36.

⁵² Cf. MAYER – *John Chrysostom*, p. 3.

⁵³ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 38.

⁵⁴ DELGADO JARA – El período antioqueno, 42.

⁵⁵ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p.38; DELGADO JARA – El período antioqueno, 43.

⁵⁶ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 43; KELLY – *Golden mouth*, p. 39; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 356.

⁵⁷ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 44.

1.2.6. O presbiterado e o ministério da pregação da Palavra

No ano de 386, João Crisóstomo foi ordenado presbítero pelo bispo de Antioquia, Flaviano, sucessor de Melécio⁵⁸. É nesta altura que começa a pregação de João Crisóstomo, precisamente no sermão que faz no dia da sua ordenação, no qual, por sinal, faz um belo encómio ao seu bispo e amigo Flaviano⁵⁹. Foi nesta etapa da sua vida que João Crisóstomo escreveu – ou viu serem transcritas – mais homilias. A esse respeito, a própria autora Inmaculada Delgado Jara diz:

«Durante doze anos pregou em Antioquia, sem nenhuma interrupção a não ser a doença. A quantidade de homilias que pronunciou é incalculável, e um grande número não foi recolhido; quase todas eram improvisadas. É impossível determinar exatamente quais pertencem ao presbiterado e quais pertencem ao episcopado. Mas sabemos que pregava frequentemente todos os dias, e normalmente três vezes por semana»⁶⁰.

Este foi, sem dúvida, o período mais fértil de João Crisóstomo, graças ao qual, e como já apontámos, virá a ser reconhecido como “Crisóstomo”; isto é, e literalmente, «boca de ouro»⁶¹.

1.3. O ministério episcopal na sede de Constantinopla

Depois de, ao longo de cerca de doze anos como presbítero em Antioquia, João ter cativado o povo dessa cidade com os seus sermões e com todas as suas qualidades, dificilmente deixaria de perspetivar o que acabaria por acontecer. De qualquer modo, foi com surpresa que, em outubro de 397, se viu a receber uma carta do Imperador Arcádio com a indicação de que iria tomar posse na sede episcopal de Constantinopla. Mais: e que deveria dirigir-se de imediato para lá com a máxima discrição, pois se o povo de Antioquia soubesse disso seria capaz de sabotar a ordem imperial. Tudo isto se deu devido à morte do bispo de Constantinopla, Nectário, e conseqüente vacância da sede dessa metrópole⁶².

Segundo Kelly, existe uma grande discussão sobre os motivos pelos quais João foi o escolhido⁶³. O mais provável é que o Imperador tenha sido influenciado por

⁵⁸ Cf. DROBNER – *Manual de patrología*, p. 356; MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177; DELGADO JARA – El período antioqueno, 44; KELLY – *Golden mouth*, p. 38.

⁵⁹ Como vimos anteriormente, João e Flaviano conheceram-se e tornaram-se amigos no ascetério de Diodoro de Tarso.

⁶⁰ DELGADO JARA – El período antioqueno, 45.

⁶¹ Cf. DELGADO JARA – El período antioqueno, 46.

⁶² Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 104; DELGADO JARA, Inmaculada – Los primeros años del episcopado de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 53 (2002) 212; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 357; MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177.

⁶³ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 105.

Eutrópio, eunuco imperial e importante membro da corte de Constantinopla, que, numa visita que fizera ao extremo oriental do Império, ouvira Crisóstomo falar⁶⁴ e depois, «supostamente através do uso judicioso de chantagem»⁶⁵, logrou tal nomeação. De facto, tal conjectura a respeito dos motivos da sua eleição, não é, de todo, descabida, visto que o lugar de bispo de Constantinopla era cobiçado por muitos e quem lá vivia pretendia, também para que essa cidade granjeasse prestígio eclesial (e político), as melhores pessoas para desempenharem tal missão. A mencionada cobiça dar-se-ia, do lado dos pretendentes a esse cargo episcopal, muito mais por razões políticas associadas ao facto de Constantinopla ser a sede imperial, do que por verdadeiras razões eclesiais. Sejam francos: a partir do momento em que as nomeações episcopais passaram a ser do encargo do Imperador, a corrupção fez morada na Igreja⁶⁶.

Observe-se que não raras vezes, e por várias razões, os Imperadores voltaram-se para Antioquia em busca de bispos para ocupar a sede de Constantinopla.

Em primeiro lugar, é importante referir que Antioquia era a capital da Síria e, naquela época, era um grande centro cultural e um polo de atração muito ativo, como afirma Jean Daniélou: «na Síria, o “Oriente” propriamente dito, de acordo com a terminologia oficial, Antioquia continua a ser o polo de atração, um centro ativo transbordante de vida, um tanto quanto tumultuosa»⁶⁷.

Depois, no período em causa, Antioquia era uma cidade com um número muito significativo de cristãos, possuindo um clero culto e intelectualmente elevado, também fruto do contato com o ambiente cultural mais amplo da cidade.

Por fim, Antioquia – porquanto marcada, a partir da emergência da importância eclesial da Capadócia, pela sua relação de mútua influência com esta região – acabou por se ver moldada pelo espírito de equilíbrio capadócio, o que permitiu que fosse um viveiro de futuros bispos muito importantes e relevantes na ação eclesial e pastoral. Como já foi por nós feito notar, esta característica de equilíbrio também pode ser aplicada a Crisóstomo, nomeadamente a propósito das suas salvaguardas cristológicas: «são João Crisóstomo, catequista prudente, evitou quase sempre entrar no terreno minado da cristologia, e as suas fórmulas, magistralmente equilibradas, mais uma vez antecipam cerca de meio século as definições posteriores»⁶⁸.

⁶⁴ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 212.

⁶⁵ MAYER – *John Chrysostom*, p. 8.

⁶⁶ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 213-214.

⁶⁷ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 347.

⁶⁸ DANIELLOU – *Nueva historia de la Iglesia*, p. 376.

Como é sabido, Nectário era um ex-senador que foi eleito bispo para colocar termo às disputas entre os cristãos arianos e os cristãos ortodoxos e, assim, trazer a paz a Constantinopla, logo a começar pela sua presidência do Concílio de Constantinopla de 381, em que substituiu a um Gregório de Nazianzo que sucedera, por pouco tempo e nesse cargo de presidente dessa reunião episcopal, a Melécio. De facto, isso acabou por ser logrado, dado que, ao findar do seu episcopado, «o arianismo e o politeísmo estavam quase suprimidos»⁶⁹.

Contudo, a paz não seria algo que João conseguiu manter, pois não possuía as habilidades políticas do seu antecessor⁷⁰ – pessoa que, devido à sua carreira profana, adquirira experiência na diplomacia, essa arte de dissimular, sem mentir, para benefício dos interesses estatais ou eclesiais –, nem parecia conhecer bem aquele ambiente da corte e os seus costumes burgueses e cheios de intrigas palacianas. Ele era apenas um pastor e um estrangeiro que, desde cedo e pelo incómodo que ia fazendo medrar na consciência de muitos dos constantinopolitanos, começou a despertar olhares de inveja – a maioria deles de presbíteros da sua Igreja⁷¹.

Crisóstomo, enquanto bispo de Constantinopla, sempre procurou acabar com a intromissão do poder político na vida eclesial e, por isso, começou logo a colecionar inimigos dentro da própria Igreja, pois, não querendo perder as boas relações com tal poder que os “tinha nas mãos” com o multiplicar de regalias, «quase todo o clero tomou o partido dos seus [de João] inimigos»⁷². Visto João ser moralmente irrepreensível, o que certamente fazia com que o ódio por ele aumentasse ainda mais e os seus inimigos não o pudessem acusar de imoralidade e hipocrisia, acabaram, como veremos mais à frente, por o acusar de heresia. Mais propriamente: culpavam o nosso Autor de ser origenista, ou seja, partidário das ideias de Orígenes de Alexandria e de alguns dos seus sucessores menos esclarecidos teologicamente do que aquele grande mestre alexandrino⁷³.

1.3.1. Conflitos com a corte e reformas do clero

Como já foi referido, João não possuía grandes habilidades diplomáticas. Em consequência disto, ele era, em algumas ocasiões, justamente ríspido e veemente nas suas pregações, pois queria tentar combater: os vícios da sociedade; os excessos da corte – e

⁶⁹ DELGADO JARA – Los primeros años, 215-216.

⁷⁰ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 212.

⁷¹ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 213.

⁷² DELGADO JARA – Los primeros años, 214.

⁷³ DELGADO JARA – Los primeros años, 217.

em especial os da Imperatriz Eudóxia –, com a sua «nova aristocracia, promovida por Constantino e sucessivos imperadores como nova classe senatorial da “nova Roma”»⁷⁴; e a imoralidade dos cristãos. Assim, e aos poucos, o nosso Autor, àqueles já mencionados inimigos provindos do interior do clero, foi suscitando uma hostilidade para consigo por parte de quem se sentia atingido pelas suas palavras e ações⁷⁵. Na verdade, João não se ficava pelas palavras: em tudo o que podia, em consequência da sua missão episcopal, o nosso Pensador passava sempre das palavras aos atos. Neste cenário, uma das grandes ações de reforma efetuada por João teve como destinatário o seu clero, que estava, na sua grande maioria, entregue a vícios e práticas moralmente deploráveis e mundanas. Como tal, o número de inimigos ia crescendo⁷⁶.

Ao falarmos dessa reforma, referimo-nos aos «abusos dos *syneisaktoi*, ou seja, àqueles que praticavam a coabitação “espiritual” de clérigos com mulheres»⁷⁷. Em que consistia, idealmente, tal prática? A Igreja desde o seu fundamento, e tendo como princípio o Evangelho, procurou viver de acordo com essa Boa-Nova, daí que sempre tenha querido ajudar e auxiliar aqueles mais desfavorecidos ou que viviam em situação de indigência, nomeadamente os cristãos órfãos, deslocados e, no que agora nos concerne mais, as viúvas e as virgens (cf. *Tt.* 2,3-4; *1Tm.* 5,3-10)⁷⁸.

Assim sendo, a Igreja procurou estabelecer comunidades onde estas viúvas e virgens eram acolhidas. Contudo, essas comunidades eram apenas o destino das mulheres pobres, pois as que vinham de famílias abastadas tinham a possibilidade de viver normalmente no mundo, sendo que a única forma de provar a sua forma de vida enquanto viúvas ou virgens era a presença frequente de um presbítero junto das mesmas. Por seu lado, as pobres eram muitas vezes levadas para as casas dos clérigos. Como é obvio, estas duas situações – a dos presbíteros a frequentarem assiduamente a casa das viúvas e virgens abastadas e a das que eram pobres a viverem nas casas dos presbíteros – eram terreno fértil para escândalos e, assim, foi-se tornando um meio fácil de criticar e até insultar a reputação dos presbíteros. Foi precisamente por isto que João proibiu expressamente esse tipo de relações⁷⁹.

⁷⁴ Cf. MAYER – *John Chrysostom*, p. 4.

⁷⁵ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 217-218.

⁷⁶ Cf. SILVA, Gilvan Ventura da – Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da Igreja de Constantinopla. *Phoînix*. 16: 1 (2010) 113.

⁷⁷ DELGADO JARA – Los primeros años, 218.

⁷⁸ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 218.

⁷⁹ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 121-122; DELGADO JARA – Los primeros años, 218-220; CLARK, Elizabeth A. – John Chrysostom and the subintroductae. *Church History*. 46: 2 (1977) 175-182.

Mas não foi apenas com aquele que designamos por clero secular que rapidamente João Crisóstomo, tendo uma postura muito exigente e irrepreensível, teve problemas. É certo que foi com estes, em geral altamente corrompidos a diversos níveis, que a sua ação terá sido mais visível, mas também se dirigiu aos monges que se refugiavam na vida monástica para fugirem das dificuldades da vida social ou, então, que em vez de guardarem o recolhimento monástico, saíam à rua para se mostrarem nas cidades. A esses, «Crisóstomo não temeu em absoluto apelidar de pedintes e impostores»⁸⁰. João, conhecendo esta triste realidade, não podia fazer outra coisa que não fosse a denúncia e a oposição⁸¹.

Os padres e monges vendiam-se ao poder imperial em troca de honras e de riquezas e assim, anestesiados e entorpecidos, viviam quais marionetas nas mãos do poder. O povo, vivendo na miséria e arcando com as injustas contingências da vida, depositava toda a esperança naqueles que, supostamente seguindo o Evangelho e o exemplo de Jesus, lhes deveriam servir de consolo e de baluarte. Todavia, estes, por aquilo que fomos retratando, nem sempre estariam do seu lado contra a opressão dos ricos e poderosos. Em consequência disto, o sacerdócio perdia toda a credibilidade evangélica e profética, pois o povo percebia facilmente que os presbíteros eram parasitas tão altivos, arrogantes e prepotentes quanto os poderosos do Império⁸².

Na tentativa de reformar tudo isto que acabamos de descrever, o nosso Autor exortava incessantemente, com um tom grave e irrepreensível para com aqueles que não dignificavam o grande dom do sacerdócio ministerial, o seu clero para que vivesse uma vida digna, honesta e despojada de quaisquer riquezas. Ele próprio decidiu investir o dinheiro da Igreja na construção de hospitais e na ajuda aos pobres. Tudo isto, contudo e apesar de lhe ter permitido alcançar o apreço de muitos cristãos mais íntegros, também aumentou o número daqueles que o queriam eliminar⁸³.

⁸⁰ DELGADO JARA – Los primeros años, 221.

⁸¹ Cf. PIETRI, Luce; BROTTIER, Laurence – Il prezo dell'unità: Giovanni Crisostomo e il sistema teodosiano. In PIETRI, Luce; DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Storia del cristianesimo: la nascita di una cristianità (250-430)*. Roma: Borla, 2000, vol. 2, p. 458; SILVA – Um bispo para além da crise, 117.

⁸² Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 220.

⁸³ Cf. DROBNER – *Manual de patrología*, p. 358; DELGADO JARA – Los primeros años, 221-223.

1.3.2. Conflito com o bispo Severiano

Segundo Inmaculada Delgado Jara, um dos mais significativos opositores de Crisóstomo, e que mais tarde ajudará na sua condenação, é o bispo Severiano de Gábalá⁸⁴. Efetivamente, o conflito entre os dois teve grande impacto, a ponto de o próprio teólogo anglicano John Kelly, na sua obra *Golden mouth*, dedicar todo um capítulo a falar sobre essa desavença⁸⁵. Embora, por vias de simplificação pedagógica, não seja frequente tratar-se desta disputa e desta inimizade em obras de cariz mais introdutório à Patrologia e à História da Igreja Antiga, podemos asseverar que, de certa forma, foi esta querela que esteve na origem dos grandes problemas que conduziram o nosso Autor a ser expulso de Constantinopla: «enquanto Teófilo [de Alexandria], como podemos ver, esteve para ser o imediato artífice da queda de João, foi Severiano quem preparou o terreno em Constantinopla, assiduamente atizando as chamas da hostilidade contra ele entre o clero, na corte, com os oficiais do governo e com os próprios soberanos»⁸⁶.

O que esteve na origem de tal conflito? Na verdade, a opinião dos autores não é de todo unânime no que diz respeito às circunstâncias que envolveram tal discórdia. Sabemos que Severiano foi a Constantinopla pouco antes de uma importante viagem de João a Éfeso efetuada com o intuito de averiguar o que se passava nesta cidade devido a rumores de que o bispo da mesma – Antonino – havia vendido cargos episcopais. Neste sínodo são tomadas medidas contra a simonia nas eleições episcopais e é eleito Heráclides como sucessor de Antonino⁸⁷. Durante os começos da estadia de Severiano na cidade imperial, nada fazia prever tal animosidade, até porque o nosso Autor rapidamente simpatizou com Severiano e este ganhou a confiança daquele. No entanto, parece que Severiano sabia muito bem o que queria, pois rapidamente começou a frequentar a vida da corte e se tornou próximo do Imperador e da Imperatriz, que, devido ao facto de neles Severiano não os invetivar, preferiam os seus sermões aos de João⁸⁸.

Segundo John Norman Davidson Kelly, antes da partida de João para Éfeso já existia alguma animosidade entre um certo Serapião, que era arqui-diácono de Constantinopla, e o bispo Severiano. Este dado não é referido por Delgado Jara, que

⁸⁴ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 224.

⁸⁵ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 181-190.

⁸⁶ KELLY – *Golden mouth*, p. 189.

⁸⁷ Cf. SIMONETTI, Manlio – Éfeso: concilios. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patristico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991, vol. 1, p. 683; PIETRI – *Il prezo dell'unità*, vol. 2, p. 461.

⁸⁸ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 183.

apenas afirma que Serapião denunciou Severiano a João⁸⁹. A abordagem de Kelly não é tão superficial e, por isso, explora mais esta quezília ao não inocentar Serapião: «não havia, claramente, amor entre Serapião e Severiano e é mais do que provável que as missivas do arqui-diácono a João fossem pesadamente prejudiciais»⁹⁰.

De facto, quando João se retirou, em inícios de 402, da cidade sobre o Bósforo para ir até Éfeso, o arqui-diácono Serapião já desconfiava das reais intenções de Severiano, pois «estava convencido de que era plausível [que] o popular bispo sírio est[ivesse] a procurar ascender para, no fim, enfraquecer o seu mestre»⁹¹. A animosidade entre ambos cresceu ainda mais quando, na ausência de Crisóstomo, o bispo sírio ficou encarregue da liturgia e da pregação. Porém, o que verdadeiramente fez estalar a inimizade foi um evento relatado pelo historiador Sócrates Escolástico e citado por Kelly⁹². Certa altura, o arqui-diácono Serapião tem um ato desrespeitoso quando o bispo Severiano passa por ele. Ora, Severiano não teve dúvidas de que se tinha tratado de algo intencional e de uma atitude arrogante. Desse modo afirma: «se Serapião morrer cristão, então Cristo não se fez homem»⁹³.

Perante isto, Serapião decide contar a Crisóstomo o sucedido. Contudo, e segundo Kelly continuando a citar a Sócrates Escolástico, o arqui-diácono não terá contado tudo o que ocorreu, pois terá omitido a parte «se Serapião morrer cristão» proferida por Severiano. Resumindo, Serapião tornou uma alteração pessoal numa questão de blasfémia por parte de Severiano – a negação da encarnação do Logos. Em consequência disto, quando João regressa a Constantinopla, profundamente irritado com Severiano – «que tinha vindo a ganhar o seu nicho de apoiantes para a sua própria posição na corte e entre a aristocracia às custas de seu bispo anfitrião»⁹⁴ –, tenta resolver a situação fazendo com que o bispo sírio aceite um pedido de desculpas de Serapião e a suspensão do arqui-diácono por uma semana. No entanto, Severiano rejeitou o pedido de desculpas e insistiu na remoção do arqui-diácono. Perante este impasse, só restou a João fazer com que Severiano regressasse à Síria.

⁸⁹ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 225.

⁹⁰ KELLY – *Golden mouth*, p. 182.

⁹¹ KELLY – *Golden mouth*, p. 183.

⁹² Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 184-185.

⁹³ KELLY – *Golden mouth*, p. 184.

⁹⁴ MAYER – *John Chrysostom*, p. 9.

Ora, desde estes acontecimentos, Severiano tudo fará para destruir Crisóstomo. De facto, ele será um dos bispos que, mais tarde, o condenou ao exílio⁹⁵. Contudo, a história não fica por aqui, pois, como vimos antes, Severiano tinha ganho o apreço e o carinho da corte, de tal forma que a Imperatriz ordena o seu regresso⁹⁶. No entanto, João «recusou, não obstante, vê-lo e admiti-lo em sua comunhão»⁹⁷, pois «foi humilhante para ele que a Imperatriz tenha contraordenado as suas instruções»⁹⁸. No entanto, Eudóxia, a Imperatriz, utilizou o seu filho – que viria a ser o Imperador Teodósio II – como instrumento para que João mudasse a sua decisão e obrigou ambos os bispos a se reconciliarem em público⁹⁹.

1.3.3. Os quatro monges e o sínodo do Carvalho de 403

Como fomos vendo nos pontos anteriores, percebemos que, devido à sua austeridade e irrepreensível vida moral, João começou, desde cedo, a fazer inimizades: com o Imperador, com a Imperatriz, com alguns padres e monges que viviam uma vida que em nada dignificava o ministério sacerdotal e com alguns bispos, como por exemplo, Severiano de Gábalá, Heráclides de Éfeso e Teófilo de Alexandria. De facto, tudo fazia crer que apenas era preciso um pretexto, ou um passo em falso de Crisóstomo, para que este fosse retirado do seu cargo. O tão desejado pretexto não tardaria muito.

Na verdade, e provavelmente no Outono do ano 401¹⁰⁰, chegaram a Constantinopla – na vanguarda de outros origenistas expulsos por Teófilo de Alexandria do Egipto, na sequência de ter sido por aqueles acusado, em 399, de defender que Deus era puramente imaterial – quatro irmãos monges egípcios conhecidos, já então, como os “irmãos altos”: Dióscoro, Amónio, Eusébio e Eutímio¹⁰¹. Estes, recorrem a João para lhe pedirem, quer proteção, quer uma averiguação dos procedimentos que levaram àquela referida expulsão decorrente de terem sido acusados por Teófilo de Alexandria de serem origenistas. Contudo, os verdadeiros motivos para tal acosso foram: o terem testemunhado a corrupção, sobretudo, financeira, na comunidade de Alexandria pois

⁹⁵ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 225; KELLY – *Golden mouth*, p.186-190.

⁹⁶ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 185-186; DELGADO JARA – Los primeros años, 225.

⁹⁷ DELGADO JARA – Los primeros años, 225.

⁹⁸ KELLY – *Golden mouth*, p. 186.

⁹⁹ Cf. DELGADO JARA – Los primeros años, 225; KELLY – *Golden mouth*, p. 186.

¹⁰⁰ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 191.

¹⁰¹ Cf. CLARK, Elizabeth A. – *The origenist controversy: the cultural construction of an early christian debate*. Princeton: Princeton University Press, 1992, p. 46.

dizia-se que «Teófilo se tinha preocupado apenas com a acumulação de riqueza»¹⁰²; e o terem dado abrigo a um certo Isidoro, presbítero de Alexandria, que, embora tivesse sido anteriormente apoiado por Teófilo para ocupar a sede de Constantinopla, «se opôs a que o dinheiro dos pobres fosse gasto por Teófilo em construções faustosas e inúteis»¹⁰³ e, depois, não corroborou «a versão de Teófilo de uma história relativa à admissão de um convertido do maniqueísmo aos “mistérios sagrados”»¹⁰⁴.

Como vemos, começam a ser lançadas as bases para a acusação de João, o qual, alheio às questões do origenismo, intervém junto de Teófilo a favor dos quatro monges. Na verdade, Teófilo estava ávido de humilhar Constantinopla e Crisóstomo¹⁰⁵ essencialmente por duas razões: primeiro, e quanto a Constantinopla, por, desde o I Concílio dessa cidade, o episcopado de Alexandria ter perdido para a sede constantinopolitana o segundo lugar na primazia episcopal da Igreja¹⁰⁶; segundo, e acerca de João Crisóstomo, por este ter sido escolhido para bispo de Constantinopla em detrimento do já referido Isidoro e, além do mais, por o eunuco Eutrópio ter influenciado a tal tomada de decisão mediante o ameaçar «revelar detalhes desagradáveis acerca do comportamento de Teófilo, [tendo-se preparado] com acusações formais, caso Teófilo não concordasse com a nomeação de Crisóstomo»¹⁰⁷. Assim, recusando tal mediação de Crisóstomo, os monges dirigem-se ao Imperador e este chama Teófilo à sua presença. Ao chegar a Constantinopla, provavelmente no fim do ano de 402, Teófilo recusa a hospitalidade de João enquanto este não expulsasse os quatro monges já referidos. Contudo, Crisóstomo recusa tal exigência e assim, «Teófilo, de acusado converte-se em acusador»¹⁰⁸.

Teófilo de Alexandria já tinha a estratégia bem pensada, pois, para além de ter «trazido com ele uns trinta bispos egípcios, dispostos a tudo para merecer a sua amizade»¹⁰⁹, foi recrutando todos os sacerdotes e monges de Constantinopla e de zonas eclesásticas sob a jurisdição do bispo desta cidade, que Crisóstomo tinha censurado pelos

¹⁰² CLARK – *The origenist controversy*, p. 46.

¹⁰³ DELGADO JARA, Inmaculada – Los últimos años del episcopado de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 54 (2003) 272.

¹⁰⁴ CLARK – *The origenist controversy*, p. 47.

¹⁰⁵ Cf. CLARK – *The origenist controversy*, p. 22.

¹⁰⁶ Cf. PASQUATO, Ottorino – Antioquia de Siria: história. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patristico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991, vol. 1, p. 137.

¹⁰⁷ CLARK – *The origenist controversy*, p. 46.

¹⁰⁸ DELGADO JARA – Los últimos años, 273.

¹⁰⁹ DELGADO JARA – Los últimos años, 273.

seus comportamentos e, enfim, procurou o apoio da corte – em especial o da Imperatriz Eudóxia que desestimava grandemente ao nosso Autor¹¹⁰.

Depois de conseguir tudo isto, Teófilo convoca, em 403, João a comparecer num sínodo – o famoso sínodo do Carvalho do Outono desse mesmo ano – com o objetivo de o destituir da sede de Constantinopla. No entanto, devido ao facto de considerar os bispos presentes como inimigos oportunistas e não como juízes imparciais, João recusa-se a comparecer no dito sínodo. Mesmo assim, os bispos publicam, no outono de 403¹¹¹, a ata de condenação de João Crisóstomo sem que o próprio marcasse presença para se defender das acusações¹¹².

Muitos foram os motivos levantados, pelo sínodo do Carvalho de 403, para a condenação de João. A autora Inmaculada Delgado Jara enumera, no seu trabalho, alguns desses motivos. A saber: o ter gastado inúmeras quantias de dinheiro da Igreja em esmolas para os pobres e na construção de hospitais; e as duras palavras que dirigia aos seus clérigos que se corrompiam¹¹³. Como parece evidente, procuraram acusar João de corrupção, mas que crimes terá este cometido se o que fez foi apenas consequência de ter tentado fazer a Igreja pobre e humilde à imagem da mensagem do Evangelho? De facto, apenas o povo mais simples de Constantinopla estava ao lado do seu bispo perante tais injúrias e mentiras.

Dado que João não reconheceu autoridade a um sínodo que era tudo menos imparcial e que apenas procurava a sua condenação, cabia ao Imperador a última palavra. Contudo e por não lhe reconhecer autoridade para dirimir questões do foro interno da Igreja, João recusa-se a comparecer diante de Arcádio. Por isso, o sínodo, conhecedor e denunciador de determinadas palavras do nosso Autor dirigidas à Imperatriz Eudóxia e que foram tidas como ofensivas por esta, pede o seu desterro¹¹⁴.

1.3.4. Revogação do exílio e regresso não autorizado

Este primeiro exílio durou pouco tempo, visto ter sido revogado vinte e quatro horas mais tarde¹¹⁵. Não se sabe ao certo o que levou o Imperador e a Imperatriz a

¹¹⁰ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 216-217; DELGADO JARA – *Los últimos años*, 274.

¹¹¹ Cf. DROBNER – *Manual de patrología*, p. 359.

¹¹² Cf. MALINGREY – *Juan Crisostomo*, p. 1177; KELLY – *Golden mouth*, p. 218; DELGADO JARA – *Los últimos años*, 273-276; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 358-359.

¹¹³ Cf. DELGADO JARA – *Los últimos años*, 276-280.

¹¹⁴ Cf. PALÁDIO – *Dialogue sur la vie de Jean Chrysostome*, 8 [Sch. 341, p. 179]; DELGADO JARA – *Los últimos años*, 281.

¹¹⁵ Cf. DELGADO JARA – *Los últimos años*, 283.

revogarem a sua decisão. Segundo Inmaculada Delgado Jara, terá sido o medo da população e o facto de a Imperatriz se sentir incomodada com as repercussões para o seu prestígio de todos os tumultos causados por causa desse exílio. Também poderá ter decorrido de um enigmático acidente na corte que terá sido causado por um terramoto, que foi tido pela população de Constantinopla como um sinal de desaprovação divina da expulsão do nosso Autor¹¹⁶. Se Delgado Jara não clarifica que acidente terá sido esse, já Kelly fala de uma tragédia que ocorreu na câmara imperial e que vitimou uma filha de Eudóxia¹¹⁷, sendo que, por seu lado, Hubertus Drobner diz, de acordo com Paládio da Galácia, que tal tragédia «talvez tenha sido um aborto da Imperatriz e que foi interpretado por esta como uma monição do céu, e chamou-se o bispo para que voltasse»¹¹⁸.

Como se constata, sabemos que algo aconteceu, mas desconhecemos o que terá sido. No entanto, o mais importante é que a ordem para que João fosse exilado foi revogada. Dito isto, uma soma de problemas burocráticos impediu o regresso imediato de João Crisóstomo, dado que para tal acontecer era necessário convocar uma nova reunião episcopal, com um número maior de participantes, que revogasse a condenação feita pelo sínodo anterior. Ante este atraso, o povo constantinopolitano mais chegado ao nosso Autor continuou a manifestar-se, com grande alvoroço, em protesto contra a saída do seu bispo e os tumultos em Constantinopla sucediam-se uns aos outros. Embora sem autorização de um sínodo, mas certamente com uma autorização pelo menos implícita da corte, João decide voltar para acalmar os ânimos¹¹⁹: «o primeiro exílio de Crisóstomo durou pouco tempo. A agitação popular permaneceu na capital; Teófilo, que tinha pregado contra João, provocou uma tal hostilidade que foi forçado a regressar apressadamente a Alexandria»¹²⁰.

1.3.5. O exílio definitivo e a sua derradeira partida

Após o retorno, João, «regressou na prática a exercer todas as suas funções normais»¹²¹, mas rapidamente voltou a proferir discursos incómodos contra o poder, dirigindo-se, nomeadamente, quer contra a estátua de prata que a Imperatriz Eudóxia não só mandou fazer de si, em meados de novembro de 403, mas também colocar numa praça

¹¹⁶ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 282-283.

¹¹⁷ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 232.

¹¹⁸ DROBNER – *Manual de patrología*, p. 359.

¹¹⁹ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 282-284.

¹²⁰ PIETRI – *Il prezo dell'unità*, vol. 2, p. 463

¹²¹ MAYER – *John Chrysostom*, p. 10.

junto à igreja de Santa Sofia¹²², quer contra os cultos pagãos realizados à pessoa de Eudóxia. Perante isto, esta Imperatriz associou-se de forma célere aos inimigos do nosso Pastor e, assim, voltou-se a formar um complô para a destituição do mesmo¹²³.

Desta vez, a causa formal da condenação foi o facto de João ter regressado a Constantinopla sem a autorização de um sínodo. Contudo, o Imperador não tomou nenhuma decisão até que, na quaresma de 404, foi alertado, por bispos inimigos de João Crisóstomo, de que um dado bispo, que havia sido destituído por este último, não podia celebrar a Páscoa. Assim sendo, Arcádio dá a ordem de exílio, não antes de, vacilante como era e perante a resistência e a força do povo de Constantinopla, ter hesitado na promulgação de tal determinação. Deveras, o mesmo só a publicou depois de alguns bispos opositores de Crisóstomo terem afirmado que se responsabilizavam por tudo o que acontecesse¹²⁴: «em junho de 404, Arcádio deixou-se persuadir ao exílio de João, que, sempre desejoso de evitar perturbações, aceitou a deportação para Cucusus, na Ásia Menor, sem resistência»¹²⁵.

Foi justamente durante a celebração da vigília pascal de 404 que soldados imperiais entram em Santa Sofia e agrediram todos os que estavam à espera de receber o Batismo e prendem os sacerdotes leais a João Crisóstomo. O povo foge, sendo perseguido pelos soldados que têm ordens para acoessar os apoiantes de João, acabando, porém, por estabelecer um perímetro de segurança na casa de Crisóstomo, onde resiste com todas as suas forças para impedir que o nosso Autor seja levado para o exílio. Crisóstomo, não querendo mais o sofrimento daqueles que o defendiam, entregou-se às autoridades e partiu para o exílio¹²⁶. Em primeiro lugar, é conduzido, «sob escolta militar e à pressa através de Nicomédia, Niceia, Ancira e Cesareia, para Cucusus, uma pequena urbe na *Armenia Secunda*»¹²⁷. Mais tarde – já debilitado e depois de ter, por intermédio de conhecidos em Constantinopla, recorrido a bispos Ocidentais, nomeadamente o bispo de Roma, Inocêncio I – é ordenado que, fruto de incursões particularmente violentas de bandidos provindos da Isáuria, parta para Pitiús, na costa sudeste do Mar Negro. Devido

¹²² Cf. STIERNON – Jean I^{er} Chrysostome, col. 503; KELLY – *Golden mouth*, p. 238-239.

¹²³ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 284.

¹²⁴ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 285-287.

¹²⁵ PIETRI – Il prezo dell'unità, vol. 2, p. 464-465.

¹²⁶ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 288-290.

¹²⁷ MAYER – *John Chrysostom*, p. 10.

ao calor, às dificuldades da caminhada e à sua débil saúde, acaba por morrer no caminho, a 14 de setembro de 407¹²⁸. Eis como Johannes Quasten nos relata isto mesmo:

«Arcádio desterrou-o [a João] para Pitiús, lugar selvagem na extremidade oriental do Mar Negro. Quebrado pelas dificuldades do caminho e por ver-se obrigado a caminhar com um tempo rigoroso, morreu em Comana, no Ponto, a 14 de setembro de 407, antes de chegar ao seu destino»¹²⁹.

Terá a querela político-eclesial entre Alexandria e Constantinopla contribuído como uma das causas remotas para este final de vida trágico de João Crisóstomo? Em certa medida, e como já apontamos de passagem, sim. Com efeito, o I Concílio de Constantinopla de 381 alterou a ordem das primazias das principais sedes episcopais estabelecida em Niceia, no ano de 325, colocando, entre Roma e Alexandria, a sede de Constantinopla, então já tida como a «“nova Roma”, imediatamente atrás da velha Roma»¹³⁰. E colocando-a fruto de uma estratégia política decorrente de ser desejo imperial assegurar ao bispo da capital uma posição de relevância perante os outros bispos do Oriente¹³¹.

Deste modo, é seguro afirmar-se que a problemática origenista também foi utilizada pelo bispo Teófilo de Alexandria como pedra de arremesso contra Crisóstomo – embora não por razões doutrinárias, mas puramente políticas¹³² –, fruto também da sua robusta aliança com uma Roma que se sentira incomodada com a comparação, feita no I Concílio de Constantinopla, entre si e a cidade sobre o Bósforo, dado que se estava a querer estabelecer a supramencionada ordem de primazia em critérios políticos e não eclesiais:

«Até então, a posição especial de Antioquia e de Alexandria atribuíam-se mais à origem apostólica destas comunidades, do que à importância política das suas cidades. Agora, a enorme elevação de posto da sede episcopal de Bizâncio – que anteriormente era apenas uma mera sede episcopal sob o metropolitano de Heracleia – fundamenta-se na importância política da nova capital da parte oriental do império, e indiretamente remonta à especial posição do bispo de Roma para o posto político da antiga capital do império»¹³³.

Teófilo estava habituado a exercer domínio quase despótico na sua diocese e nas que lhe eram sufragâneas, mas também muitas vezes tentou – e logrou – agir fora da sua

¹²⁸ Cf. DELGADO JARA – Los últimos años, 291-293; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 359; MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177; KELLY – *Golden mouth*, p. 285.

¹²⁹ QUASTEN – *Patrología*, vol. 2, p. 474.

¹³⁰ PASQUATO – Antioquia de Siria, vol. 1, p. 137.

¹³¹ Cf. JEDIN – *Manual de historia de la Iglesia*, p. 123.

¹³² Cf. CLARK – *The origenist controversy*, p. 9.

¹³³ JEDIN – *Manual de historia de la Iglesia*, p. 123.

jurisdição, tal como sucedeu com Gregório de Nazianzo e no já visto caso do já referido sínodo de Constantinopla do Outono de 403¹³⁴.

Teófilo de Alexandria era, de facto, hábil em estratagemas e em jogos políticos. Não bastou ter conseguido excomungar os denominados “irmãos altos”, como também conseguiu que Crisóstomo fosse condenado e enviado para o exílio onde viria a sucumbir. Segundo a autora Elizabeth Clark, «a duplicidade de Teófilo foi confirmada pela genial revogação da excomunhão destes [dos quatro “irmãos altos”] depois de ter orquestrado a queda de João Crisóstomo»¹³⁵ e, assim, fica claro que a sua preocupação em todo o seu procedimento não era doutrinal, mas puramente política.

¹³⁴ Cf. JEDIN – *Manual de história de la Iglesia*, p. 122.

¹³⁵ CLARK – *The origenist controversy*, p. 47.

2. O *De Sacerdotio*: um legado espiritual da antiguidade cristã

Ao longo da sua vida, sobretudo enquanto presbítero da Igreja de Antioquia, João escreveu inúmeras obras deixando um legado incomensurável na tradição cristã. A maioria desses escritos chegaram até aos nossos dias, continuando, ainda hoje, a serem difundidos tanto na *Liturgia das Horas* como nas instituições de ensino teológico e em diversas publicações. Entre os mais notáveis escritos de Crisóstomo encontramos o seu texto sobre o sacerdócio: o *De Sacerdotio*.

O *De Sacerdotio* é uma das suas obras mais conhecidas e mais amplamente difundidas; neste sentido é pertinente dizer que «segundo um termo cunhado no séc. XIX, esta Obra, juntamente com *A fuga* de Gregório Nazianzeno e a *Regra Pastoral* de Gregório Magno, formam a “trilogia pastoral” da antiguidade cristã»¹³⁶. Logo aqui, com esta referência ao seu enorme relevo, podemos depreender que não será uma Obra de leitura e interpretação fáceis, mas devido à sua antiguidade, à quantidade de cópias e traduções e, sobretudo, rica mensagem torna-se um texto que precisa de ser lido pausadamente e paulatinamente.

Partimos, neste Trabalho, por apresentar uma síntese biográfica do homem, do presbítero e do bispo que hoje conhecemos pelo nome de João Crisóstomo. Agora, neste segundo capítulo, entraremos no texto de Crisóstomo sobre o sacerdócio. Primeiramente, abordaremos em traços gerais o contexto social e religioso da narração, fazendo breves menções ao seu estilo e género literário, trazendo à tona alguns aspetos do texto, sobretudo o grande apreço que se nota pelo apóstolo Paulo.

Posto isto, procuraremos fazer referência, num segundo momento, às principais problemáticas que se colocam acerca da redação do texto. Falaremos: de problemas com a datação da Obra, naturais num texto do séc. IV; da historicidade das personagens, tanto de João como de Basílio; das semelhanças com um texto de Gregório Nazianzeno – o já aduzido *A fuga* –; e das motivações do autor em empreender neste diálogo.

¹³⁶ AYÁN CALVO, Juan José; NAVASCUÉS BENLLOCH, Patricio de – Introducción. In JUAN CRISÓSTOMO – *Diálogo sobre el sacerdotio*. Madrid: Ciudad Nueva, 2010, p. 5.

Por fim, teremos o último apartado deste presente capítulo, no qual entraremos numa abordagem ao conteúdo essencial do texto. Assim, apresentaremos uma síntese e comentário da totalidade do *De Sacerdotio*, livro a livro. Partindo dos motivos que deram origem ao texto e daí expandindo a nossa atenção, iremos descobrir um autêntico elogio do sacerdócio cristão, pautado por imagens belíssimas e um rico manancial de referências aos textos bíblicos. Como veremos, o nosso Autor cuidará de apresentar as características ideais que o sacerdote deve possuir, não deixando de advertir para os possíveis perigos e desvios à fidelidade do sacerdote para com Cristo, a Igreja e o povo de Deus.

2.1. Contexto social e religioso da redação

Crisóstomo terá escrito a Obra em que centramos a nossa atenção entre 372 e 390, depois de ter regressado da sua experiência monástica e eremítica. Neste sentido, o texto terá sido escrito num hiato de tempo correspondente a 18 anos. Posto isto, deixaremos para um momento posterior a nossa análise da problemática relacionada com a datação do *De Sacerdotio*. Aqui pretendemos focar-nos no contexto geográfico-social em que, levando-se em consideração aqueles dados cronológicos incipientes que apontámos, a mesma terá surgido. Em concreto: Antioquia – cidade já bem conhecida por João, nomeadamente a nível do seu ambiente social e religioso¹³⁷.

Antioquia da Síria terá sido fundada três séculos antes de Cristo. Cidade bem localizada geograficamente. Nas margens do rio Orontes, a que nos reportámos já no capítulo anterior, Antioquia era um grande polo comercial e social com todas as infraestruturas de uma capital da época¹³⁸. Até à chegada do Cristianismo e, assim, do Evangelho à cidade de Antioquia, esta era maioritariamente habitada por judeus e a sua sociedade, enquanto representativa de uma certa degradação moral que se ia generalizando um pouco por todo o Império, era um tecido «composto por malabaristas, charlatães, mímicos, mágicos, milagreiros, feiticeiros e sacerdotes impostores»¹³⁹. No entanto, esta era uma cidade muito culta, onde prevalecia o ensino e a prática da retórica, fazendo com que a sua população fosse assaz alfabetizada. Ora, é com a introdução do Cristianismo na sociedade antioquena que se revelam mudanças ao nível da moral e do

¹³⁷ Cf. RAPP, Claudia – Pragmatic authority. In IDEM – *Holy bishops in late antiquity: the nature of christian leadership in an age of transition*. California: University of California Press, 2005, p. 44; MALINGREY, Anne-Marie – Introduction au *Dialogue sur le sacerdoce*. In JEAN CHRYSOSTOME – *Sur le sacerdoce: dialogue et homélie*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980 [= *SCh.* 272], p. 11-13.

¹³⁸ Cf. PASQUATO – Antioquia de Síria, p. 135.

¹³⁹ LECLERCQ, Henri – Antioche. In *DACL* I, 2, col. 2368.

comportamento, sendo de estimar que, ao tempo de João Crisóstomo, a comunidade cristã de Antioquia teria cerca de 100.000 cristãos¹⁴⁰.

Ao tempo do nosso Autor, Antioquia era uma cidade central – e a terceira maior do Império romano¹⁴¹ –, para onde convergiam os caminhos das diversas províncias situadas nas redondezas. Províncias essas, que, por um lado, gravitavam social e economicamente em torno dela, e, por outro lado, tinham nela o local onde habitava um bispo que tinha jurisdição sobre as comunidades cristãs nelas instaladas. Tal importância eclesial é atestada nas atas do Concílio de Niceia de 325 e nas do I Concílio de Constantinopla, realizado em 381. Toda esta relevância da cidade de Antioquia fez com que, com o passar do tempo, ao seu bispo fosse atribuído o título de Patriarca. Assim, a jurisdição do bispo antioqueno ia além das fronteiras do território específico da Igreja de Antioquia e do das zonas a si limítrofes, estendendo-se aos fiéis e bispos de todo o seu bem mais amplo patriarcado¹⁴².

A comunidade de Antioquia que Crisóstomo conhece estava a braços com um cisma devido ao «carácter polémico do cristianismo antioqueno [...] já que encontra o seu triste marco na controvérsia ariana»¹⁴³. De facto, João Crisóstomo encontra uma comunidade dividida em diversas fações, fruto de divergências doutrinárias e, subsequentemente, eclesiais: os arianos, os semiarianos, os ortodoxos que estiveram do lado de Melécio e os apoiantes de Paulino¹⁴⁴.

Notamos que todas estas polémicas surgem após o assim denominado *Édito de Milão* que colocou fim às perseguições imperiais romanas aos cristãos e ao Cristianismo. Os cristãos deixam de se preocupar com as perseguições por parte das autoridades imperiais, passando a ter uma maior disponibilidade para dar uma mais atenção a algumas questões a que, anteriormente, não se pudera considerar. Neste contexto, começam a surgir, nomeadamente e com maior vigor, debates relacionados com razões doutrinárias¹⁴⁵. No entanto, parece-nos que o nosso Autor se revela como alguém ponderado e moderado a respeito das múltiplas disputas doutrinárias e teológicas vigentes. Deveras, João Crisóstomo pauta-se geralmente – o que não significa sempre – por uma sensível

¹⁴⁰ Cf. LECLERCQ – Antioche, col. 2368-2369.

¹⁴¹ Cf. NORMANN, Friedrich – Escuela teológica de Antioquia. In RAHNER, Karl, ed. – *Sacramentum Mundi*. Barcelona: Editorial Herder, 1972, tomo 1, col. 258.

¹⁴² Cf. SCHAEFER, Francis – The church of Antioch. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1907, vol. 1, p. 568-569.

¹⁴³ AYÁN CALVO – Introducción, p. 18.

¹⁴⁴ Cf. LECLERCQ – Antioche, col. 2369.

¹⁴⁵ Cf. RAMOS-LISSÓN – *Patrología*, p. 226.

sobriedade que o impede de enveredar por extremismos doutrinários, seguindo, antes, um certo equilíbrio, em especial no que concerne a debates cristológicos¹⁴⁶.

Conformadas na sua posição face ao ambiente político mais amplo, as diferentes comunidades não passarão ao lado das questões e disputas doutrinárias interiores ao Cristianismo. Como pudemos constatar com o primeiro capítulo deste Trabalho, a Igreja estava a viver, neste período, uma grande convulsão interna, com bispos a serem depostos e outros a assumirem os seus lugares; com comunidades afetas a doutrinas diferentes e, por vezes, opostas¹⁴⁷; e com o poder imperial a imiscuir-se nas decisões eclesásticas¹⁴⁸ semeando, muitas vezes e de distintos modos, na Igreja um clima de intriga, maledicência e subserviência ao Imperador e à sua corte. Neste cenário, não é de espantar que muitos se tenham aproximado do santo ministério sacerdotal, não por vocação, mas em busca de interesses e honras mundanas. Em suma, a Igreja estava fragmentada, o poder imperial exercia grande influência sobre os bispos e o serviço sacerdotal estava descredibilizado, pois os presbíteros e os bispos nem sempre optavam pelo Evangelho, antes por aquilo que mais os favorecia a nível pessoal e social¹⁴⁹.

Vendo o *De Sacerdotio* neste contexto, percebemos que ele é dirigido a um tempo e espaço concretos – ainda que possuindo, na sua essência, uma mensagem intemporal, muito relevante, por exemplo, para os nossos dias –, procurando enaltecer a imagem mais correta do sacerdócio. Se assim é, e como refere Juan José Ayán Calvo, devemos admitir que «não é disforme ou desproporcionada a sua visão do sacerdócio; o disforme é a sociedade em que [João] vive e à qual é destinada uma obra que, pretendendo-se recuperar o equilíbrio, não pode deixar de ser também um contraponto apropriado»¹⁵⁰.

2.2. Género literário: os diálogos platónicos e o diálogo de Crisóstomo

O *De Sacerdotio* é uma Obra escrita em forma de diálogo ao jeito da época em que surge e de quem tinha estudado e dominava a arte da retórica. Este género literário fora bastante utilizado no mundo clássico greco-romano, nomeadamente por um Platão que dele se serviu abundantemente para apresentar, sobretudo, os seus temas filosóficos e políticos: «para Platão o escrito filosófico [por excelência] apresentava-se como “diálogo”, que terá comumente Sócrates como protagonista, discutindo com um ou vários

¹⁴⁶ Cf. NORMANN – Escuela teológica de Antioquia, col. 261.

¹⁴⁷ Cf. SCHAEFER – The church of Antioch, p. 568.

¹⁴⁸ Cf. RAMOS-LISSÓN – *Patrología*, 215-216.

¹⁴⁹ Cf. AYÁN CALVO – Introducción, p. 18-19.

¹⁵⁰ AYÁN CALVO – Introducción, p. 21-22.

interlocutores»¹⁵¹. Neste sentido, Anne-Marie Malingrey, na sua Introdução à nossa Obra, utiliza a clássica definição de Diógenes de Laércio acerca do que é um “diálogo”: «é isto que é um diálogo: é um assunto filosófico ou político, tratado sob a forma de perguntas e respostas, com palavras adequadas ao carácter dos interlocutores e um estilo elegante»¹⁵².

Tendo em conta tudo isto, é perfeitamente natural que João Crisóstomo, que estudou com os maiores mestres clássicos do seu tempo e dominava a arte da retórica, se sirva deste tipo de género literário. No entanto, existe uma importante diferença entre os diálogos clássicos, especialmente os platónicos, e o *De Sacerdotio*. Se os diálogos gregos se ocupavam particularmente de temas políticos e filosóficos – sendo outras temáticas menos frequentes –, a Obra de Crisóstomo ocupa-se de um tema religioso e cristão, já indicado no título clássico da mesma: o sacerdócio¹⁵³.

No escrito de Crisóstomo, o diálogo vai decorrendo entre dois amigos, contudo é de notar que as intervenções da personagem Basílio são bastante mais curtas que as da de João, acabando isto por fazer com que a Obra se manifeste, de certa forma, mais como um monólogo, do que um diálogo. No entanto, atentamos que o texto vai fluindo com o sucessivo vai e vem de temas. Notamos ainda que não podemos circunscrever determinadas temáticas a partes da Obra, mas que todas as temáticas e momentos se vão cruzando. Refira-se, também, que apesar da Obra estar dividida em seis livros, é de notar que essa mesma divisão não pertence ao texto original. De facto, João vai discorrendo acerca do tema e é de tal forma dinâmico na sua abordagem, que torna a divisão que fizeram da Obra desconectada com a realidade intrínseca da mesma¹⁵⁴.

Como dissemos, as temáticas não têm um seguimento lógico perfeitamente retilíneo, antes, e tal como acontece numa conversa entre duas pessoas, vão surgindo de forma pontual e não-sequencial ao longo do discurso. Face a tudo isto, não é de espantar que haja uma certa dificuldade na abordagem ao texto, em particular por, como acontece em não poucas ocasiões, a divisão – posterior e até de certo modo artificial – do texto cortar o ritmo discursivo do mesmo. De facto, inclusivamente «uma leitura superficial basta para dar-se conta que a atual divisão força o conteúdo»¹⁵⁵.

¹⁵¹ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario – *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2007, vol. 1, p. 136.

¹⁵² MALINGREY – Introduction, p. 16.

¹⁵³ Cf. AYÁN CALVO – Introducción, p. 10-11.

¹⁵⁴ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 13.

¹⁵⁵ AYÁN CALVO – Introducción, p. 10.

Além da já anotada diferença de temática entre o diálogo platónico e o *De Sacerdotio*, a autora Anne-Marie Malingrey apresenta outras diferenças e semelhanças. Vejamos aquelas que nos parecem mais importantes de assinalar num Trabalho desta natureza. Por um lado, Crisóstomo herda a tradição clássica e retórica, mantendo o mesmo estilo dos diálogos platónicos e utilizando os mesmos métodos para levar o seu interlocutor a um objetivo final, chegando a levar Basílio a acreditar que, se lhe havia mentido, apenas o fez, não por maldade, mas por se considerar indigno do ministério sacerdotal¹⁵⁶.

Por outro lado, o diálogo de João também se afasta e distancia do diálogo platónico, essencialmente em dois aspetos. Desde logo, o motivo pelo qual Basílio foi ter com João é representativo da primeira diferença: os diálogos platónicos estão repletos de ironia e de confrontos, mas Basílio vai ter com João, seu amigo, porque está a viver um problema que atinge os dois. Uma outra diferença é a relação entre as personagens: se nos diálogos platónicos, evidencia-se a superioridade de um dos interlocutores, na nossa Obra ambos estão no mesmo patamar, tratam-se como amigos e, perante isto, os dois estão empenhados em mostrar o seu ponto de vista e em justificar-se¹⁵⁷. De facto, «a discussão entre ambos desenrola-se no mesmo plano, sem vantagem alguma para João»¹⁵⁸.

Face a tudo o que acabamos de expor, e embora ainda seja comum encarar-se o *De Sacerdotio* como um “tratado” – o que só é possível de entender se se abstrair da sua estrutura e se se focar apenas na sua mensagem –, compreende-se a razão de se estimar que se deve incluir esta Obra na categoria de “diálogo” e não de “tratado”. É justamente isto que refere Juan José Ayán Calvo quando escreve: «o primeiro e imprescindível passo [para uma correta abordagem ao *De Sacerdotio*] é não atribuir, após uma leitura da Obra, conclusões totalmente deslocadas a um escrito que nunca pretendeu ser nem uma exposição global e ordenada do sacerdócio, nem o primeiro capítulo da autobiografia do futuro bispo de Constantinopla»¹⁵⁹.

2.3. Outros aspetos de realce na redação de Crisóstomo

Acabámos de ver que João Crisóstomo é devedor do ambiente literário da sua época e da tradição educativa clássica que recebeu. Tal é evidente, por exemplo, no estilo

¹⁵⁶ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 17.

¹⁵⁷ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 17-18.

¹⁵⁸ AYÁN CALVO – Introducción, p. 11.

¹⁵⁹ AYÁN CALVO – Introducción, p. 14.

literário que adota para fazer passar a sua mensagem: o diálogo. Este facto faz com que o *De Sacerdotio* adquira, também influenciado pelos gostos da época em que foi escrito, outras feições derivadas, tais como o uso de inúmeras comparações com recurso a exemplos provindos da vida quotidiana e, sobretudo, enormes descrições bem ao estilo da retórica sua contemporânea.

Primeiramente, notamos as inúmeras e longas comparações apresentadas pelo nosso Autor. Utilizando exemplos da vida quotidiana, bem ao estilo do que aprendeu e praticou, procura falar de realidades ou de matérias não tão facilmente acessíveis à sua eventual audiência. Na realidade, não faz mais do que o que já fazia Jesus com as parábolas presentes nos relatos evangélicos. De facto, o objetivo era o mesmo: falar de temáticas elevadas, e muitas vezes difíceis de compreender a partir de uma conceptualização rígida, utilizando comparações com elementos do quotidiano, pois só assim a mensagem poderia chegar, lentamente, ao seu destinatário. Assim sendo, ao longo do diálogo são recorrentes as comparações com a vida militar, com a pastorícia, com a prática médica, com a vida marítima e com temáticas do quotidiano social¹⁶⁰.

No entanto, Crisóstomo não é excessivamente palavroso e nunca chega a tornar-se maçador. Na verdade, João Crisóstomo segue o espírito do “equilíbrio”, não falando demais, nem de menos. Neste sentido, e embora constatem com facilidade que, quando expõe uma temática, o nosso Autor tenda a procurar enriquecer o discurso com alguns desvios – para assim se poder fazer entender melhor pelos seus destinatários –, o mesmo volta ao assunto primeiro para, dessa maneira, fazer seguir a sua linha de pensamento¹⁶¹.

Em segundo lugar, destacamos que apesar de João Crisóstomo ter recebido uma formação clássica grega na sua juventude e de, na sua Obra, aconselhar vivamente o estudo dos autores clássicos e dos poetas gregos, ele não os cita diretamente no *De Sacerdotio*. Contudo, não podemos dizer que não se nota a influência da sua educação – basta ter em conta o género literário adotado no *De Sacerdotio*¹⁶². Na verdade, ao contrário do que afirmam alguns autores – que sustentam que Crisóstomo não utilizou os métodos da retórica clássica –, Michael Psellos afirma que João utiliza dois tipos de retórica: uma mais acessível; e outra apenas ao alcance de um grupo estrito dos destinatários da sua obra. Mais: para Psellos, João Crisóstomo não só utiliza a retórica

¹⁶⁰ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 24.

¹⁶¹ Cf. PSELLOS, Michael – On Saint John Crisostom. In IDEM – *Michael Psellos on literature and art: a byzantine perspective on aesthetics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2017, p. 173.

¹⁶² Cf. COLEMAN-NORTON, Paul Robinson – St. Chrysostom’s use of the greek poets. *Classical Philology*. 27: 3 (1932) 213.

que aprendeu com os seus mestres, como, utilizando-a, supera os seus próprios mestres, sendo que, por exemplo, Crisóstomo consegue falar de um mesmo assunto utilizando sempre histórias e exemplos diferentes¹⁶³.

Por último, destacamos o conhecimento que Crisóstomo mostra ter dos Textos Sagrados, manifestando, sobretudo, um grande apreço por Paulo, a quem refere abundantemente¹⁶⁴. De facto, no *De Sacerdotio* pudemos encontrar cerca de trinta referências explícitas às missivas do apóstolo, sendo que a estas se deve acrescentar pelo menos mais cinquenta e sete referências implícitas às mesmas. É de facto notório o amor de Crisóstomo para com Paulo, tanto que não é apenas no *De Sacerdotio* que existem múltiplas referências ao apóstolo; também noutros escritos de Crisóstomo são de notar as referências ao epistolário paulino, sobretudo nos seus comentários bíblicos elaborados em jeito de homilias¹⁶⁵. Neste sentido, podemos admitir, com Bruce Beck, que «este amor [de Crisóstomo] por Paulo significava, naturalmente, que João também o imitava como um santo ideal e exortava o seu rebanho a fazer o mesmo»¹⁶⁶.

Como se sabe dos estudos paulinos, Paulo adaptava os seus discursos e os seus textos consoante o destinatário e a mensagem que pretendia transmitir. Exemplo disto é a passagem, muito trabalhada e apresentada mais como exemplo de um insucesso pastoral, do famoso discurso no areópago relatado em *At.* 17,15-34. Em particular, Paulo tentava, na sua escolha das palavras e das ideias, acomodar-se ao vocabulário, identidade e até ao ambiente socio-religioso de cada comunidade a que se dirigia¹⁶⁷.

Note-se que esta aproximação jamais foi apenas uma mera questão de estratégia, tendo sido especialmente algo decorrente de uma profunda configuração pessoal de Paulo com a própria dinâmica da pedagógica economia salvífica divina, revelando uma genuína humildade, proximidade e esvaziamento de si próprio. Nesta linha, Crisóstomo faz o mesmo com os seus textos, levando em conta o tempo, o local, a linguagem e o estilo¹⁶⁸. Este princípio de adaptação que Crisóstomo toma de Paulo é chamado, por Margaret

¹⁶³ Cf. PSELLOS – On saint John Crisostom, p. 169-170.

¹⁶⁴ Cf. TREVIJANO ETCHEVERRIA, Ramón – *Patrología*. Madrid: BAC, 1994, p. 219.

¹⁶⁵ Cf. CATTANEO, Enrico – San Giovanni Crisostomo, pastore e teologo. *La Civiltà Cattolica*. 3782 (2008) 130.

¹⁶⁶ BECK, Bruce N. – “Learn from me”: embodied knowledge through imitation in early christian pedagogy. In BEZZERIDES, Ann Mitsakos; PRODRONOU, Elizabeth H. – *Eastern orthodox christianity and american higher education: theological, historical, and contemporary reflections*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2017, p. 118.

¹⁶⁷ Cf. CARVALHO, José Carlos – *Introdução às cartas autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017, p. 66-71; BECK – “Learn from me”, p. 121-122.

¹⁶⁸ Cf. BECK – “Learn from me”, p. 121-122.

Mitchell, de «hermenêutica do amor»¹⁶⁹, através da qual, justamente por amor, o professor se aproxima dos alunos e procura adaptar a sua mensagem às características de cada destinatário que tem pela frente. Não é de espantar, por conseguinte, que, no fundo e também através disto, se possa encontrar no *De Sacerdotio* o convite exortativo a que o sacerdote adapte pedagogicamente o seu discurso na sequência dos exemplos de Deus, Paulo e Crisóstomo¹⁷⁰.

2.4. Problemáticas da redação: datação, personagens, veracidade e motivo

Depois de termos visto alguns pontos mais introdutórios ao *De Sacerdotio* – nomeadamente o seu contexto, o seu estilo e algumas particularidades que considerámos relevantes –, voltamo-nos, nesta presente secção do nosso Trabalho e ainda e sempre acompanhados de diversos estudiosos, para as problemáticas relacionadas com a redação da nossa Obra. Face às questões que nos pareceram mais importantes considerar, iremos dividir este apartado em quatro pontos: em primeiro lugar, abordaremos a dificuldade com a localização da narração do *De Sacerdotio* no tempo e no espaço. De seguida, consideraremos as suas personagens e ponderaremos até que ponto algo pode ser dito a respeito da sua real existência. Num terceiro momento, abordaremos as semelhanças e as diferenças deste Texto face ao *De fuga* de Gregório de Nazianzo. Por fim, algo diremos acerca do motivo que levou João Crisóstomo a escrever esta Obra.

2.4.1. A datação da redação

Apresentado em forma de diálogo, ao jeito de muitos dos escritos da época, o *De Sacerdotio* é uma Obra com alguma particularidade, pois, apesar de não ser o primeiro escrito a tratar o tema do sacerdócio¹⁷¹, é a primeira que o faz referindo explicitamente isso no seu título, representando, por isso, uma certa novidade na abordagem da temática exclusivamente sacerdotal num texto cristão¹⁷².

¹⁶⁹ MITCHELL, Margaret M. – *The heavenly trumpet: John Chrysostom and the art of pauline interpretation*. Louisville; London: Westminster John Knox, 2002, p. 39-40.

¹⁷⁰ Cf. BECK – “Learn from me”, p. 119.

¹⁷¹ Para além das cartas do NT, existem uma série de escritos dos cristãos dos primeiros séculos que abordam, ainda que de um modo não exclusivo ou estritamente central, esta temática. Entre estes podemos referir, a jeito de exemplo, os seguintes: a *Didaqué*, a *Carta da Comunidade de Roma à Comunidade de Corinto*, algumas cartas de Inácio de Antioquia – sendo que a *Epístola aos Esmírnios* refere o valor do episcopado e do presbiterado – e o já nomeado *De fuga* de Gregório de Nazianzo.

¹⁷² Cf. AYÁN CALVO – *Introducción*, p. 6.

Na maioria, senão mesmo na totalidade dos escritos do Cristianismo dos primeiros séculos, deparamo-nos com a problemática da datação e, conseqüentemente, com as diversas e distintas posições de vários estudiosos. A nossa Obra não foge a essa realidade. Apontar-se, acerca do período em que o *De Sacerdotio* foi escrito, para um período delimitado pelos anos de 381 a 386 é a opinião mais difundida entre diversos estudiosos, sobretudo os mais antigos, como os clássicos historiadores Sozomeno e Sócrates¹⁷³. Essas datas correspondem, respetivamente, à ordenação diaconal de João pelo bispo Melécio de Antioquia e à sua ordenação presbiteral pelo bispo Flaviano de Antioquia – duas ordenações que ocorreram na sua cidade natal¹⁷⁴. Ou seja: a teoria mais difundida e, por isso, mais generalizada é também a mais antiga, apontando para que o *De Sacerdotio* tenha sido composto durante o período diaconal do nosso Teólogo. É a partir destas datas que surgem todas as demais considerações temporais, as quais, em abono da verdade, não nos parecem ser senão meras aproximações.

Mas, como em quase tudo relacionado com a literatura cristã antiga, há divergências. Desde logo, autores há que colocam a redação da Obra entre os anos 372 e 378 – correspondentes ao chamado período monástico de João –, nomeadamente o grande compilador de hagiografias que foi Simeão Metafrasta¹⁷⁵. Por seu lado, Anne-Marie Malingrey refere que João, numa homilia sobre Ozias, aborda o tema do sacerdócio, garantindo ele que pretende aprofundar a temática mais tarde. Assim sendo, recusando a proposta do período do diaconado – por considerar ser muito precoce para a profundidade demonstrada por Crisóstomo na sua Obra e, não podendo ir além de 392, pelo facto do texto estar já referenciado no *De viris illustribus* de Jerónimo e que é desta última data –, a autora propõe o ano de 390¹⁷⁶. Já Manfred Lochbrunner, não descartando outras possibilidades, propõe balizar a escrita do *De Sacerdotio* entre 378 a 381 – datas correspondentes ao período do ministério do leitorado em Antioquia¹⁷⁷.

Em suma, esta é uma questão dúbia. O máximo que podemos afirmar, tendo em conta estas quatro perspetivas, é que João Crisóstomo terá escrito a Obra num período de 18 anos, algures entre os anos 372 e 390, muito provavelmente até no final da década de

¹⁷³ Cf. AYÁN CALVO – Introducción, p. 7; MALINGREY – Introduction, p. 11; ALTANER – *Patrología*, p. 286; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 362; QUASTEN – *Patrología*, vol. 2, p. 511.

¹⁷⁴ Cf. *Supra*, notas 54 e 58.

¹⁷⁵ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 11.

¹⁷⁶ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 13.

¹⁷⁷ Cf. AYÁN CALVO – Introducción, p. 8.

380, data que se aproxima da proposta de Anne-Marie Malingrey¹⁷⁸. Neste sentido, o mais provável é que o nosso Pastor tenha redigido a Obra em Antioquia, já depois de ter passado pela experiência do monaquismo e do eremitismo.

2.4.2. Quem é Basílio?

Se existe uma névoa de incerteza à volta da datação da Obra, as circunstâncias não são diferentes quando nos focamos nas personagens nela presentes. João é reconhecido como sendo, com quase toda a certeza, João Crisóstomo, mas a referência a Basílio levanta algumas questões, desde logo a mais basilar de todas: quem é este Basílio? Os investigadores há muito que fazem esforços para tentar perceber a que Basílio se refere a Obra. Fruto deste empenho, e pressupondo-se que Basílio é uma pessoa real, chegaram-nos três nomes mais consensuais: «Basílio o Grande, Basílio de Selêucia e Basílio de Rafanea»¹⁷⁹.

A hipótese de ser Basílio, bispo de Cesareia da Capadócia, justifica-se devido a uma eventual proximidade entre este e o nosso Autor. No entanto, esta possibilidade é descartada hodiernamente pelos estudiosos devido à discrepância de idades entre Crisóstomo (*n.* 347) e Basílio de Cesareia (*n.* 330), dado que as duas personagens presentes no *De Sacerdotio* parecem ser quase coetâneas¹⁸⁰. A teoria de o Basílio da nossa Obra ser Basílio de Selêucia, também se revelou improvável, dado que se este Basílio tivesse sido contemporâneo de João – como já sabemos ser o caso das duas personagens do *De Sacerdotio* –, teria uma idade muito avançada para, tal como foi o caso, poder ter sido um dos participantes, em 448, no sínodo de Constantinopla que, convocado por Flaviano de Constantinopla, condenou Eutiques devido às posições filo-cirilianas monofisitas deste último¹⁸¹. Assim sendo, resta-nos a terceira e última hipótese, Basílio de Rafanea; esta é justificada pela proximidade geográfica entre Rafanea e Antioquia, contudo também existem algumas reservas temporais, dado que, por exemplo e no que não nos convence totalmente, Basílio de Rafanea participou no I Concílio de Constantinopla em 381¹⁸².

¹⁷⁸ Cf. RAPP, Claudia – Pragmatic authority, p. 44; TREVIJANO ETCHEVERRIA – *Patrología*, p. 216.

¹⁷⁹ QUASTEN, Johannes – *Patrología*, vol. 2, p. 514.

¹⁸⁰ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 7-8.

¹⁸¹ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 8-9.

¹⁸² Cf. MALINGREY – Introduction, p. 9-10.

Perante estes dados, estamos novamente ante um cenário de grande incerteza, mas este tema, não obstante a sua pertinência, não é de primeiro interesse para o nosso Trabalho, pois o objeto deste é o conteúdo da redação de Crisóstomo e não tanto a atestação real ou fictícia das personagens. Posto isto, atrever-nos-íamos a dizer que sentimos alguma afinidade com o que nos disse o nosso Orientador: Basílio, face ao *pathos* posto pelo nosso Autor no diálogo com aquele, terá sido uma pessoa muito amada por João Crisóstomo e, se assim for o caso, pode ser que por detrás de tal nome se esconda Teodoro de Mopsuéstia. De facto, para além de ambos serem contemporâneos, provindos da comunidade de Antioquia e de pertencerem à geração de maior esplendor da escola teológica antioquena, tanto João Crisóstomo como Teodoro de Mopsuéstia foram os mais afamadamente conhecidos discípulos de Diodoro de Tarso e alunos de Libânio, tendo aprendido com este mestre pagão a arte da retórica¹⁸³.

2.4.3. O *De Sacerdotio* de Crisóstomo e o *De fuga* de Gregório de Nazianzo

Como já constatámos, não é de todo fiável a datação do *De Sacerdotio*. Esta incerteza e a própria característica da relativa – pois até pode ser uma soma da recolção de diversas entrevistas reais – artificialidade do género literário utilizado por Crisóstomo – o diálogo dramático –, levam-nos a questionar se os factos narrados no *De Sacerdotio* são reais ou, então, não são senão pura ficção, com o mero intuito de apresentar a uma determinada sociedade o valor do sacerdócio ministerial.

É um facto que existem elementos no texto – os detalhes a respeito da juventude de João e da relação com a sua mãe, o medo e o assombro perante um chamamento vocacional, a amizade entre João e Basílio que os faz querer ingressar na vida monástica – que nos fazem acreditar que o drama é real e que, assim, podemos extrair dele alguns dados biográficos acerca de Crisóstomo¹⁸⁴. No entanto, e segundo vários autores, não é totalmente claro que seja verdadeiro o motivo que João, no próprio *De Sacerdotio*, indica que o levou a escrever esta Obra. Berthold Altaner, por exemplo, refere que «a introdução, na qual o autor diz-nos a razão de se ter determinado a escrevê-la (1-2,6), não deve considerar-se como estritamente histórica»¹⁸⁵. Na mesma linha, diz-nos Quasten: «nem Paládio nem Sócrates mencionam o incidente da eleição e consagração de Basílio. Parece ser que, na sua narração introdutória e em todo o tratado, Crisóstomo tomou como modelo

¹⁸³ Cf. NORMANN – Escuela teológica de Antioquia, col. 260.

¹⁸⁴ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 20.

¹⁸⁵ ALTANER – *Patrología*, p. 286.

a Or. 2 *De fuga* [...] de Gregório Nazianzeno, onde este defende a sua fuga do sacerdócio»¹⁸⁶.

Ou seja: nem mesmo os biógrafos mais antigos de João Crisóstomo fazem qualquer nomeação à sua recusa em ser ordenado sacerdote. Assim sendo, torna-se altamente provável, mas não absolutamente certa, a hipótese de que Crisóstomo se tenha inspirado naquela obra anteriormente aduzida de Gregório de Nazianzo – a Or. 2: *De fuga* – em que este bispo provindo da Capadócia, dentro de um contexto histórico comprovável e comprovado, faz uma apologia à sua fuga ao sacerdócio. Na verdade, tal obra é diversas vezes apontada como um precedente e até uma inspiração para o *De Sacerdotio*¹⁸⁷.

Perante a ligação entre a nossa Obra e o *De fuga* gregoriano, diga-se que alguns estudiosos apresentam tanto semelhanças como diferenças entre as duas obras. Tendo em consideração o fito desta nossa Dissertação, apenas referiremos algumas. Uma diferença apontada às duas narrativas é delineada começando-se a referir que na obra de Gregório este mesmo parte da sua fuga para, depois, falar dos méritos do sacerdócio, contrapondo-o com o monaquismo dentro do contexto do seu próprio conflito interno. Depois, e em contraste, aponta-se que o *De Sacerdotio* apresenta uma situação diferente: é certo que também há uma fuga ao ministério sacerdotal, mas se Basílio é apresentado como um antigo monge que quer ser sacerdote, João coloca-se no papel do monge que se afasta do sacerdócio porquanto não considera ter as capacidades necessárias para desempenhar tão insigne ministério¹⁸⁸.

Quanto às semelhanças entre as duas obras, estas não se encontram no género, pois, ao contrário do *De Sacerdotio*, a obra de Gregório não é em diálogo, antes um discurso apologético. A semelhança diz respeito, isso sim, à situação narrada: «a mesma conceção do sacerdócio, a mesma convicção em ambos da sua indignidade pessoal, a mesma fuga de um fardo demasiado pesado»¹⁸⁹. Também podemos encontrar uma pequena semelhança no léxico empregado para se referirem ao ministério sacramental, pois ambos não só utilizam poucas vezes os termos *πρεσβύτερος* e *επίσκοπος*, mas também usam amplamente a palavra *ιερέυς*¹⁹⁰.

¹⁸⁶ QUASTEN – *Patrología*, vol. 2, p. 514.

¹⁸⁷ Cf. HOFER, Andrew – The reordering of relationships in John Chrysostom's «De Sacerdotio». *Augustinianum*. 51: 2 (2011) 454.

¹⁸⁸ Cf. RAPP – Pragmatic authority, p. 45.

¹⁸⁹ MALINGREY – Introduction, p. 21.

¹⁹⁰ Cf. MOLAC, Philippe – Des sources nazianzénennes au discours sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome. *Bull. litt. ecclés.* 105: 2 (2004) 172.

Face a tudo isto, e à evidente proximidade geográfica entre os locais da vida de Crisóstomo e de Gregório de Nazianzo, é altamente provável que o primeiro tenha tomado conhecimento da situação do autor do *De fuga*. Contudo, nem tudo isto nos parece suficiente para dizermos que o diálogo de Crisóstomo não tem por base um acontecimento real e biográfico do nosso Autor.

2.4.4. Motivo da redação

A existência de teses contraditórias em relação ao motivo pelo qual, segundo o *De Sacerdotio*, Crisóstomo redigiu este seu texto – a recusa de uma sua nomeação – também pode trazer dúvidas quanto à historicidade não só desse dado presente em tal Obra, mas também de outros que a mesma nos dá a conhecer. Diversos autores atestam que o nosso Autor recusou efetivamente o episcopado¹⁹¹. No entanto, outros, mais recentes, optam por nem sequer mencionar essa possibilidade, sendo ainda de salientar que há quem afirme ser altamente improvável que a ordenação a que João se terá furtado fosse a episcopal. A este respeito, o conceituado teólogo e historiador anglicano John Norman Davidson Kelly diz que:

«Ele [João] e o seu companheiro Basílio ouviram um relato segundo o qual as autoridades eclesiásticas responsáveis planeavam tomar ambos e ordená-los sob coação [...]. A sua intenção era, muito provavelmente, ordená-los sacerdotes; a opinião amplamente defendida de que seriam consagrados bispos, improvável em si mesma, deve-se à preocupação de João com o ofício episcopal em importantes secções posteriores do diálogo. A leitura correta na passagem chave (I,6) provavelmente não é episcopado, mas sim sacerdócio, um termo inclusivo que se aplica no contexto apropriado tanto ao presbitério como ao episcopado»¹⁹².

Como vemos, existem diversas perspetivas acerca da finalidade do *De Sacerdotio*. Contudo, não deixamos de optar pela posição mais recente. E isto por diversas razões, entre as quais o facto do período mais provável para a redação da Obra não corresponder a alguma menção episcopal na vida de Crisóstomo. De facto, a partir das nossas investigações, pudemos apurar que a primeira referência ao ministério episcopal do nosso Pensador ocorre em finais do séc. IV, quando ele é escolhido para bispo de Constantinopla sem sequer lhe ser dada escolha ou opção de recusar¹⁹³, sendo que antes disso não

¹⁹¹ Cf. SOUSA, Pío G. Alves – Objeto de los libros “*De Sacerdotio*”, de san Juan Crisostomo. In INSTITUTO ‘JUAN DE AVILA’, ed. – *Teologia del sacerdocio en los primeros siglos*. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1972, p. 203-221; DROBNER – *Manual de patrología*, p. 362; ALTANER – *Patrología*, p. 286; QUASTEN – *Patrología*, vol. 2, p. 511.

¹⁹² KELLY – *Golden mouth*, p. 25-26.

¹⁹³ Cf. MALINGREY – Juan Crisostomo, p. 1177; KELLY – *Golden mouth*, p. 104-114.

encontramos nenhuma menção a que ele tenha recusado o episcopado. No entanto, e por tudo o que expusemos, este é um assunto que continua envolto em dúvidas.

Posto isto, é igualmente verdade, como vimos acima, que existem alguns dados que nos fazem levantar a possibilidade de o drama patente no diálogo do *De Sacerdotio* ser efetivamente real, pelo menos em alguns momentos do mesmo. Em concreto: a vida da mãe da personagem João tem muitas semelhanças com a vida da mãe de João Crisóstomo¹⁹⁴; a história da juventude da personagem João assemelha-se, de certa forma e nomeadamente no que diz respeito às referências à felicidade nela vivida, à juventude de João Crisóstomo¹⁹⁵; a amizade entre as personagens João e Basílio dá a entender que tem por detrás uma grande estima entre ambos, e o próprio diálogo surge num crescendo característico em pessoas que se conhecem, de quem confia no amigo e, por conseguinte, ambos falam com sinceridade e abertura de coração¹⁹⁶. De facto, «a impressão de autenticidade é acentuada, à medida que o diálogo prossegue, pelo seu relato profundamente emocional da reação pública à sua recusa em ser ordenado»¹⁹⁷.

Assim sendo, verificamos que não existe consenso em relação ao motivo que levou Crisóstomo a escrever esta Obra. Todavia, cremos poder colocar de lado muitas dessas incertezas e, focando-nos no conteúdo geral da Obra, dizer que a verdadeira razão que terá levado Crisóstomo a escrever esta Obra foi a de ter querido falar sobre a dignidade do sacerdócio¹⁹⁸, pois parece patente que se moveu com o intuito primeiro e essencial de «devolver a imagem do sacerdote cristão, gastada e desvirtuada durante o cisma de Antioquia, à dignidade que lhe corresponde, uma dignidade alheada das pompas e intrigas, uma dignidade recebida do próprio Cristo»¹⁹⁹. Nesta mesma linha vai Jean-Pierre Mondet quando afirma que «o projeto do nosso autor consiste em manifestar o carácter sublime do sacerdócio ministerial e, como tal, contribuir para afastar os ambiciosos, os ignorantes e os devassos»²⁰⁰, de modo a tentar que o sacerdote fosse fiel ao Evangelho no seu serviço à Igreja e ao povo de Deus.

¹⁹⁴ Cf. AYÁN CALVO – Introducción, p. 14.

¹⁹⁵ Cf. KELLY – *Golden mouth*, p. 14-15.18; DELGADO JARA – El período antioqueno, 36.

¹⁹⁶ Cf. MALINGREY – Introduction, p. 20-21.

¹⁹⁷ KELLY – *Golden mouth*, p. 26.

¹⁹⁸ Cf. SOUSA, Pío G. Alves – *El sacerdocio ministerial: en los libros De Sacerdotio de san Juan Crisostomo*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1975, p. 53.

¹⁹⁹ AYÁN CALVO – Introducción, p. 22.

²⁰⁰ MONDET, Jean-Pierre – Sacerdoce du Christ et sacerdoce ecclésial: le témoignage de s. Jean Chrysostome. In HOUSSIAU, Albert; MONDET, Jean-Pierre – *Le sacerdoce du Christ et de ses serviteurs selon les Pères de l'Église*. Lovain-La-Neuve: Centre d'Histoire des Religions, 1990, p. 197.

2.5. A Obra: síntese e comentário

O objeto do *De Sacerdotio* é falar sobre o sacerdócio ministerial também em vista do recuperar de uma certa imagem perdida do sacerdote no âmbito da sociedade – mormente antioquena – contemporânea a João Crisóstomo. É com isto em consideração que surge este último ponto do presente capítulo, no qual, seguindo o *De Sacerdotio* livro a livro, propomo-nos encetar uma síntese da nossa leitura pessoal dessa Obra, enriquecida, aqui e ali, com a perspectiva de alguns autores com que pudemos contactar.

Sabemos que a estrutura em seis livros não faz parte do texto original, contudo foi incluída no texto para facilitar a leitura e, principalmente, a elaboração de referências e a localização de passagens no texto. Por outras palavras: sabemos que tal divisão força e viola o *De Sacerdotio*, no sentido em que não foi pensada nem colocada pelo nosso Autor, e, por isso, muitas vezes está deslocada do discorrer natural da leitura e das temáticas. Contudo, optámos por seguir essa mesma proposta de estrutura de divisão, não só por estar ainda hoje profusamente difundida, mas igualmente para simplificar o nosso labor e a sua futura leitura.

2.5.1. Livro I

O primeiro Livro do *De Sacerdotio* começa por abordar a profunda amizade entre João e Basílio, bem como o momento em que surge o rumor de os irem conduzir ao sacerdócio. João temia que recusar o sacerdócio pudesse influenciar a decisão de Basílio, privando, de tal forma, o rebanho de Cristo de tão bom e apto jovem para o seu cuidado. Por isso, enveredando pelo que podemos legitimamente considerar uma artimanha, João evita, *in extremis*, ser ordenado naquela ocasião, escapando àqueles que o queriam ordenar. Tal acaba por ocasionar perplexidade a todos, mas sobretudo ao seu amigo Basílio, que se sentiu enganado por tal estratégia a que já aludimos no precedente capítulo. De facto, estava em causa a amizade entre ambos. Qual a razão daquela decisão aparentemente de última hora? Por que motivo fugiu João ao acordo que tinha feito antes com o amigo Basílio?

João começa a explicação do seu procedimento advogando existir uma profunda motivação para ter recusado o sacerdócio e referindo que, no seu parecer, o que ele fez não se tratou de um engano – como considerara Basílio –, antes um gesto de mera prudência. Muito, diz João, é o poder do “engano” quando não é induzido por uma

intenção pérfida²⁰¹. Assim, faz um elogio à “santa mentira”, a qual, mais do que embuste ou engano, ocorre ser expressão de uma genuína sabedoria que lhe permitiu uma saída quando já parecia ser inevitável um prosseguir imprudente.

Lançando mão dos exemplos do seu quotidiano, João vai defender a sua perspectiva e argumentar em seu favor. A primeira analogia que utiliza diz respeito à vida militar: aí muitos são aqueles que conseguem as suas vitórias através da astúcia e da manha, sendo que para isto é necessária uma verdadeira inteligência²⁰². Depois, João recorre a exemplos do mundo da saúde, em que não é raro que o engano possa ser tão benéfico para aqueles que enganam, como para aqueles que são enganados. Exemplo disto é o dos médicos serem omissos com a realidade gravosa de uma situação nos seus doentes para não agravarem o estado de saúde destes²⁰³.

João não utiliza apenas exemplos do quotidiano no seu discurso. Como profundo conhecedor que era da Sagrada Escritura, ele também recorre a textos bíblicos para enriquecer a sua argumentação. João serve-se, por exemplo, do texto de *1Sm.* 20,4-29, o qual relata episódio onde Jónatas mente ao seu pai Saúl para assim poder preservar a vida do seu amigo David²⁰⁴. Também utiliza um exemplo do apóstolo Paulo, concretamente quando este decidiu circuncidar Timóteo (cf. *At.* 16,1-3) para, dessa forma, ganhar o apoio dos judeus²⁰⁵.

2.5.2. Livro II

No segundo Livro da Obra que estamos a apresentar, João Crisóstomo elogia o serviço do pastor e as consequências de tal serviço. Referindo-se a *Jo.* 21,15-17, ele procura dizer que só os que amam Jesus Cristo são chamados a apascentar o Seu rebanho. De facto, o rebanho é imensamente amado pelo Mestre, donde Este só o pode confiar a quem verdadeiramente O ama: «su intención era, más bien, que Pedro y todos nosotros aprendiésemos cuánto ama Él a su Iglesia, para que también nosotros manifestemos mucha diligencia en esse asunto»²⁰⁶.

²⁰¹ Cf. JUAN CRISÓSTOMO – *Diálogo sobre el sacerdocio*, I,7. Introducción, traducción y notas de Juan José Ayán Calvo y Patricio de Navascués Benlloch. Madrid: Ciudad Nueva, 2010, p. 56.

²⁰² Cf. *De Sac.* I,6.

²⁰³ Cf. *De Sac.* I,7.

²⁰⁴ Cf. *De Sac.* I,6.

²⁰⁵ Cf. *De Sac.* I,7.

²⁰⁶ *De Sac.* II,1: «ἀλλ' ὅσον αὐτὸς τὴν Ἐκκλησίαν ἀγαπᾷ τὴν ἑαυτοῦ, καὶ Πέτρον καὶ πάντας ἡμᾶς μαθεῖν ἠθέλησεν ἵνα πολλὴν καὶ ἡμεῖς περὶ ταῦτα εἰσφέρωμεν τὴν σπουδὴν» [*SCh.* 272, p. 102].

De facto, Cristo é o bom e belo pastor que ama as suas ovelhas. É de Cristo e do Seu amor para com a Igreja, que o sacerdote deve aprender o modo de cuidar do rebanho do Senhor. Esta é a intenção de Jesus no Seu diálogo com Pedro e, ao mesmo tempo, a que Crisóstomo pretende realçar no começo do seu texto: «Ele [Jesus] não quer tanto mostrar o quanto Pedro o amava, mas sim dar a conhecer a Pedro e a todos nós o quanto ele próprio amava a sua Igreja, para que nós, por nossa vez possamos depositar um grande zelo nos seus interesses»²⁰⁷.

Assim sendo, o serviço pastoral deve ser exercido tendo Jesus como exemplo de amor e entrega para com todos e Crisóstomo, dando o exemplo do amor de Cristo, pretende demonstrar que o amor dos pastores Àquele deve ser o verdadeiro motor da sua atividade pastoral. É justamente por isto que é neste diálogo de Jesus com Pedro que João Crisóstomo encontra a força necessária para falar de uma postura de serviço que tem os seus alicerces no amor *de* Cristo e *a* Cristo²⁰⁸. De modo muito breve: para João, e numa definição muito relevante, o sacerdote é chancela do amor para com Cristo.

Também podemos entender, a partir deste segundo livro do *De Sacerdotio*, que, para o nosso Autor, a verdadeira amizade excede todo o valor e, por seu lado, o amor a Cristo transcende todo o tipo de amizade terrena. Assim, e como diz Gian Saba, «o amor por Cristo é superior ao que se pode ter por um amigo»²⁰⁹. Este é, para Crisóstomo, o paradigma das relações de todos os sacerdotes de Cristo, pois para estes deve estar sempre em primeiro lugar a sua relação com Cristo. Só depois é que, dentro dessa relação, surge aquela que é estabelecida com os demais, e se se inverter esta ordem toda uma série de problemas surgirão inevitavelmente. Será mesmo a partir do diálogo entre Jesus e Pedro que se desenvolverá todo o discurso de João²¹⁰, sendo que também está implícito neste trecho do *De Sacerdotio* o facto do sacerdote, sobretudo se for bispo, ser o pastor visível do rebanho do Senhor, tendo a incumbência de guiar as pessoas²¹¹ e, dessa forma, participar do múnus real de Cristo.

²⁰⁷ BOULARAND, Ephrem – Le sacerdoce mystère de crainte et d’amour chez saint Jean Chrysostome. *Bull. litt. ecclés.* 72: 1 (1971) 17.

²⁰⁸ Cf. TUTAS, Maria Rodica – São João Crisóstomo e São Gregório Magno: uma fonte de inspiração pastoral. *Atualidade Teológica.* 19: 51 (2015) 524.

²⁰⁹ SABA, Gian Franco – *Il dialogo sul sacerdozio di Giovanni Crisostomo: sintesi tra paideia clássica e paideia cristiana?* Bologna: Dehoniana Libri, 2012, p. 368.

²¹⁰ Cf. HOFER – The reordering of relationships, 464.

²¹¹ Cf. LUBAC, Henri de – Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome. *NRT.* 100 (1978) 824.

A partir da moldura antes apresentada, Crisóstomo compara dois tipos de pastores e dois tipos de rebanho. Apresenta-nos o rebanho irracional dos animais em contraposição ao rebanho racional dos homens para, desse modo, dizer que o castigo inerente a se perder o primeiro ou o segundo é muito diferente. Se se perder o rebanho irracional, o que pode acontecer é o dono do mesmo pedir uma indenização. Já quanto ao rebanho racional, a gravidade é muito maior, visto que se trata do rebanho de Cristo e, por isso, não se trata de perder algo suscetível de ser ressarcido por uma quantia de dinheiro, antes de perder as almas das próprias pessoas²¹².

Para cada um dos rebanhos terá de existir um pastor e, como tal, quando o rebanho é atacado, o pastor do rebanho irracional geralmente escapa e pode entregar-se a curar as ovelhas feridas. Em contrapartida, o pastor do rebanho racional tem uma tarefa mais árdua: não pode fugir dos ataques; deve, mesmo quando atacado, cuidar das feridas das almas; e, se não tiver cautela e deixar gangrenar em si a incúria, pode ser negativamente afetado na sua disposição sacerdotal e, em consequência, tornar-se no maior perigo para as ovelhas. Note-se que esta comparação não deve ser mal interpretada, pois Crisóstomo, com a contraposição por si feita entre “ovelhas” e “pastor”, não procura certamente despreziar os leigos e o seu papel eclesial. O que ele apenas tenta dizer é que os pastores – ou seja, os clérigos – são os principais culpados se os fiéis a eles confiados ficarem aquém da santidade. De facto, um padre deve ser sábio e santo, de forma a que os fiéis a quem ele guia também o possam ser²¹³.

É neste sentido que, segundo Christina Landman, diversos autores e estudiosos, entre eles Herbert Mayer, Carl Volz e Christian Möller, destacam a importância da pregação de Crisóstomo, mas também – e sobretudo – realçam o seu cuidado para com os pobres e as viúvas, incluindo a sua insistência no dever de se prestar ajuda financeira àqueles e àquelas. Vincam, ainda, o papel de conselheiro espiritual como aquele que era de extrema importância para Crisóstomo²¹⁴, sendo que, de facto, quando este utiliza a analogia entre o par “sacerdote” / “conselho espiritual” e o par “médico” / “cirurgia”, o nosso Autor afirma que o sacerdote deve ter sempre em atenção o tamanho do ferimento espiritual e/ou moral antes de proceder à sua cura, não caindo nos extremos, mas sendo sempre moderado, dado que, como ele mesmo menciona,

²¹² Cf. *De Sac.* II,2.

²¹³ Cf. DAVIS, H. Francis – The unchanging priesthood. *Life of the Spirit.* 5: 58 (1951) 454.

²¹⁴ Cf. LANDMAN, Christina – John Chrysostom as pastoral counsellor. *Acta Patristica et Byzantina.* 12: 1 (2001) 148.

«si te comportas dulcemente com quien necessita de una gran incisión y no haces la herida profunda a quien tiene necesidad de ella, cortas solamente algo del mal pero dejas otra parte. Y si haces el corte necesario sin cuidado, a menudo, el enfermo se desespera por los dolores y rechaza todo a la vez, la medicina y la venda»²¹⁵.

Na verdade, é muito mais difícil identificar e sanar os padecimentos da alma do que os do corpo. Neste sentido, é interessante que João refira que o pastor não é, nessa sua ação, dono, mas colaborador, donde não pode corrigir com violência, mas somente com persuasão, sendo que toda a diligência e cuidado com o rebanho é sinal do já apontado amor por Cristo e de Cristo²¹⁶. É neste enquadramento que Crisóstomo justifica a sua recusa da ordenação sacerdotal com o muito amor que tem a Cristo e o receio de não estar à altura de tão grande dom.

De seguida, e a concluir este segundo Livro, João apresenta mais características importantes para quem deva ser co(m)-pastor do rebanho do Senhor, em especial a inteligência decorrente do amor. Diante de tais exigências que o sacerdócio acarreta, João considera absolutamente correto ter recusado o sacerdócio: «pero yo digo, ante todo, que no hay que tener en cuenta la ofensa a los hombres cuando, para honrarlos, nos vemos obligados a ofender a Dios»²¹⁷.

2.5.3. Livro III

Avançando-se na nossa exposição, no Livro III vemos João ser acusado de ter rejeitado o sacerdócio por orgulho. Ora, ele afirma que tal acusação não tem qualquer tipo de fundamento, visto que o sacerdócio está acima de qualquer reino e de qualquer poder. Assim, diz que quem o acusa de tal coisa demonstra bem em que conta tem o sacerdócio; ou seja, demonstram que consideram o sacerdócio como algo semelhante a aceitar um cargo, um reino, uma riqueza ou algo ainda mais banal. A questão que se coloca é se alguém poderia depreciar levemente o sacerdócio²¹⁸.

²¹⁵ *De Sac.* II,4: «Ὅτι πολλῆς τὸ πρᾶγμα δυσκολίας γέμει καὶ κινδύνων τί οὖν ἂν τις ποιήσῃ; Καὶ γὰρ ἂν πρᾶοτερον προσενεχθῆς τῷ πολλῆς ἀποτομίας δεομένῳ καὶ μὴ δῶς βαθεῖαν τὴν πληγὴν τῷ τοιαύτης χρεῖαν ἔχοντι, τὸ μὲν περιέκοψας, τὸ δὲ ἀφήκας τοῦ τραύματος· κἂν ἀφειδῶς τὴν ὀφειλομένην ἐπαγάγῃς τομὴν, πολλάκις ἀπογνοὺς πρὸς τὰς ἀλγηδόνας ἐκεῖνος, ἀθρόως ἅπαντα ρίψας καὶ τὸ φάρμακον καὶ τὸν ἐπίδεσμον, φέρων ἑαυτὸν κατεκρήμνισε, συντρίψας τὸν ζυγὸν καὶ διαρρήξας τὸν δεσμόν» [*SCh.* 272, p. 112].

²¹⁶ Cf. HOFER – The reordering of relationships, 462.

²¹⁷ *De Sac.* II,7: «Ἐγὼ δὲ πρῶτον μὲν ἐκεῖνό φημι ὅτι οὐδένα λόγον ποιεῖσθαι δεῖ τῆς εἰς ἀνθρώπους ὕβρεως ὅταν διὰ τῆς εἰς ἐκείνους τιμῆς ἀναγκάζωμεθα προσκροῦειν Θεῷ» [*SCh.* 272, p. 130].

²¹⁸ Cf. *De Sac.* III,1-3.

Exercido na terra, o sacerdócio tem em si traços das realidades celestes, como, por exemplo, reproduzir do ministério dos anjos, dado que se diz que o sacerdote deve ser tão puro como tais realidades angélicas²¹⁹. Crisóstomo refere-se a esta pureza, segundo Pio Alves de Sousa, como «uma íntima relação sacerdote-Deus vivida pelo homem no mundo, mas tendo como horizonte a visão beatífica»²²⁰. Recorde-se que, tal como já foi aduzido anteriormente, o objetivo de João é o de revitalizar a figura do sacerdote e do seu ministério na sociedade do seu tempo²²¹. Por outras palavras: é o de elevar a dignidade do sacerdócio perante uma sociedade onde o ministério tinha caído no descrédito por diversos motivos – já apontados, quer no capítulo precedente, quer no primeiro ponto deste presente capítulo –, daí a referência às realidades angélicas e celestes como termos de comparação para com aquele serviço²²².

Claro está que não poderia faltar neste escrito a referência à liturgia, e nomeadamente à celebração da Eucaristia. De facto, seguindo as palavras de Henri de Lubac, Crisóstomo, devido ao seu temperamento, não abdicaria, na sua exposição, de fazer referência às influências das liturgias da comunidade de Antioquia²²³. Ao fazê-lo, é impossível não reconhecer quão bela é a referência que o nosso Autor faz a elementos da liturgia veterotestamentária, superados, devido a Cristo Jesus, pela cristã. Crisóstomo, empregando a sua arte no uso das palavras, faz-nos sentir como que dentro de uma cena em que vemos uma comparação entre os traços característicos dos dois sacerdócios: o provisório da Antiga Aliança e o definitivo da Nova²²⁴. Ante essa comparação, recordamo-nos que, embora Cristo nunca tenha pretendido intitular-Se como sacerdote, a *Carta aos Hebreus*, afirmando que o sacerdócio de Cristo supera e leva à plenitude o sacerdócio judaico (cf. *Heb.* 9,1-14; 10,1-18), sublinha a diferença entre o sacerdócio de Cristo e o sacerdócio judaico: «de facto, se Jesus torna-se o único e grande sacerdote, é apenas através da sua paixão, com a qual ele oferece o único verdadeiro sacrifício»²²⁵.

²¹⁹ Cf. *De Sac.* III,4 e, depois, HOFER – The reordering of relationships, 465.

²²⁰ SOUSA, Pío G. Alves – Las virtudes del sacerdote: concepto de pureza en los libros *De Sacerdotio* de s. Juan Crisóstomo. *Scripta Theologica.* 6: 2 (1974) 704.

²²¹ Cf. DE WET, Chris L. – The priestly body: power-discourse and identity in John Chrysostom's *De Sacerdotio*. *Religion & Theology.* 18 (2011) 356.

²²² Cf. DE WET – The priestly body, 355.

²²³ Cf. LUBAC – Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 829.

²²⁴ Cf. DE SIMONE, Giuseppe – Ministero ordinato: spunti e provocazioni dalla lettura del *Dialogo sul sacerdozio* di Giovanni Crisostomo. In IDEM – *Preti secondo i padri: provocazioni dalla lettura di alcuni testi patristici*. Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2014, p. 65.

²²⁵ SIMOENS, Yves – Sacerdoce. In LACOSTE, Jean-Yves, dir. – *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 1024.

Prefigurado por Elias que, em *IRs.* 18,30-39, invoca o fogo que desce do céu para consumir o sacrifício, o sacerdote, no dia-a-dia da sua ação, pede a descida do fogo do Espírito Santo para que acenda, por meio do Sacrifício, as almas dos fiéis e as faça brilhar: «pues el sacerdote está en pie, no para traer fuego sino el Espíritu Santo»²²⁶. Neste sentido, e a respeito deste dom de invocação do Espírito sobre o altar – dom característico do bispo e do presbítero –, afirma o teólogo e bispo belga Albert Houssiau:

«Para João Crisóstomo, a mediação sacerdotal consiste principalmente no papel do padre no momento da epiclese eucarística. Só o sacerdote que recebeu o Espírito pode pedir e fazer descer esse Espírito sobre o pão e o cálice, para que se transformem nas realidades “formidáveis” do corpo e do sangue de Cristo»²²⁷.

Pelo sacerdócio, o Senhor outorgou aos homens o dom de administrar as coisas divinas. Assim, para Crisóstomo não existe poder maior dado ao ser humano do que o de atar e desatar segundo o mandato do Senhor acerca do perdão dos pecados (cf. *Mt.* 16,19; 18,18). Ao passo que os sacerdotes do AT atestavam a cura do leproso, o sacerdote de Cristo cura a alma, perdoa os pecados, tanto no renascimento – ou seja, no Batismo –, como depois desse evento da vida – ou seja, mediante algo de análogo ao que hoje comumente chamamos de Reconciliação penitencial²²⁸.

No Batismo cristão encontramos outra comparação muito bela levada a cabo por João. Depois da referência ao fogo ardente do Espírito Santo, e ao mandato do perdão dos pecados, é dito que também foram confiados ao sacerdote os partos espirituais. Pelo Batismo, o sacerdote é o parteiro do Espírito²²⁹. Quer dizer: por tal evento o sujeito é revestido de Cristo, sepultado com Cristo e feito membro do Seu Corpo por intermédio do sacerdote que administra os dons que Deus concede ao Seu povo (cf. *Cl.* 2,12). Neste sentido, «para Crisóstomo, o sacerdote é o embaixador do mundo inteiro, intercessor não só dos vivos, mas também dos mortos, e o pai de todos»²³⁰.

Neste cenário, é possível vislumbrar uma certa analogia aos Sacramentos da Iniciação Cristã. Senão vejamos: no episódio de Elias vemos prefigurados, pela água e pelo fogo, o Batismo e o Crisma cristão. Já a Eucaristia é descrita quando é dito «quando

²²⁶ *De Sac.* III,4: «ἔστηκε γὰρ ὁ ἱερεύς, οὐ πῦρ καταφέρων, ἀλλὰ τὸ Πνεῦμα τὸ ἅγιον» [*SCh.* 272, p. 146]; cf. LUBAC – *Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome*, 825.

²²⁷ HOUSSIAU, Albert – *Le sacerdoce ministériel dans l'Église ancienne*. In HOUSSIAU, Albert; MONDET, Jean-Pierre – *Le sacerdoce du Christ et de ses serviteurs selon les Pères de l'Église*. Lovain-La-Neuve: Centre d'Histoire des Religions, 1990, p. 19.

²²⁸ Cf. *De Sac.* III,5-6, e depois, MONDET – *Sacerdoce du Christ et sacerdoce ecclésial*, p. 191.

²²⁹ Cf. LUBAC – *Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome*, 825.

²³⁰ HOFER – *The reordering of relationships*, 466.

ves al Señor inmolado y yacente, al sacerdote que preside el sacrificio y ora, y a todos bañados en aquella preciosa sangre»²³¹. Por fim, refere que os sacerdotes judeus apenas tinham o poder de examinar os corpos que tinham sido libertados da lepra, contudo o sacerdote cristão é capaz de curar a alma e assim remover as impurezas espirituais²³².

Perante a responsabilidade que lhe é incumbida, o sacerdote, para Crisóstomo, deve ser dotado de muita inteligência, graça de Deus, retidão de costumes, pureza de vida e muita virtude²³³, porque «el alma del sacerdote es sacudida por olas mayores que los ventos que agitan el mar»²³⁴. A grande ameaça do sacerdote é a vanglória. Dela virão os mais prejudiciais vícios que um sacerdote pode adquirir e expressar: a ira, o desalento, a inveja, a discórdia, as calúnias, as acusações, a mentira, a hipocrisia, as maquinações, a satisfação de ver as quedas dos colegas, a aflição nos êxitos, o desejo de receber elogios, a ânsia da honra, as pregações para agradar a quem ouve, as adulações grosseiras, a bajulação ignóbil, o desprezo pelos pobres, o cuidado excessivo para com os ricos, o honrar os insensatos, os favores prejudiciais, a morte da liberdade de expressão, o temor servil, a falsa humildade, os ataques contra os humildes e o medo de falar contra os poderosos²³⁵. Contudo, Crisóstomo diz: «nadie piense que hago caer sobre todos estas acusaciones. Pues hay, hay muchos que escapan a estas redes, e incluso son más numerosos que los atrapados por ellas»²³⁶.

Para Crisóstomo, na origem da fonte – a vanglória – de tais vícios existentes nos sacerdotes encontra-se algo bem definido e definível: «las elecciones y designaciones de quienes las presiden se hacen com superficialidade y de cualquier manera»²³⁷. Toda a gente passa pela rede da formação e o joio aumenta, asfixiando o trigo que ainda pode surgir. Neste sentido, João entende que se a cabeça não funciona bem, e se encontra num estado de debilidade, então ela não é capaz de discernir com clareza, acabando por destruir o resto do corpo. Assim sendo, o candidato ao sacerdócio deve ser escolhido com

²³¹ *De Sac.* III,4: «Ὅταν γὰρ ἴδῃς τὸν Κύριον τεθυμένον καὶ κείμενον, καὶ τὸν ἱερέα ἐφεστῶτα τῷ θύματι καὶ ἐπευχόμενον, καὶ πάντας ἐκείνῳ τῷ τιμῷ φοιτισσομένους αἵματι» [*SCh.* 272, p. 143-145].

²³² Cf. *De Sac.* III,6; DAVIS – *The unchanging priesthood*, 454; LUBAC – *Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome*, 825.

²³³ Cf. *De Sac.* III,8.

²³⁴ *De Sac.* III,9: «τῶν τὴν θάλατταν ταραπτόντων πνευμάτων χειμάζει κύματα τὴν τοῦ ἱερομένου ψυχὴν» [*SCh.* 272, p. 160].

²³⁵ Cf. *De Sac.* III,9 e, depois, DE SIMONE – *Ministero ordinato*, p. 67.

²³⁶ *De Sac.* III,9: «Καὶ μὴ μέ τις οἰέσθω πάντας ταῖς εἰρημέναις ὑποβάλλειν αἰτίαις· εἰσὶ γὰρ, εἰσὶ πολλοὶ οἱ τούτων ὑπερενεχθέντες τῶν δικτύων καὶ τῶν ἀλόντων πλείους» [*SCh.* 272, p. 164].

²³⁷ *De Sac.* III,10: «Ἐγὼ μὲν γὰρ οὐδὲ ἄλλοθὲν ποθεν, οἶμαι, ἢ ἐκ τοῦ τὰς τῶν προεστώτων αἰρέσεις καὶ ἐκλογὰς ἀπλῶς καὶ ὡς ἔτυχε γίνεσθαι» [*SCh.* 272, p. 166].

o máximo de cuidado tendo em conta as características negativas, expostas anteriormente, que já poderá expressar antes da sua ordenação e que dificultariam a sua relação com os crentes, com os demais presbíteros e com o bispo. De notar que não é o sacerdócio em si mesmo o culpado por uma tal situação, antes quem usa mal os dons de Deus. Daí, o sacerdócio não poder ser confiado, de forma superficial, a qualquer homem apenas pelo facto, por exemplo, de provir de boas famílias ou ter habilidade nos tratos com as elites sociais²³⁸.

Uma premissa fundamental a ser tida em conta no candidato ao sacerdócio, entre muitas outras que poderiam ser trazidas para aqui, é a alma do eleito estar pura no que diz respeito ao seu desejo do sacerdócio, não sendo movida pela sede de poder, de riqueza, de prestígio e de autoridade. A ambição destas realidades conduz à tirania, opondo-se, portanto, à misericórdia de Deus. Para Crisóstomo, a pobreza sacerdotal também passa por tal desprendimento de não estar agarrado ao poder e de não ter medo de ser afastado de um cargo: «el que no desea aparecer com esta autoridade, no tiene miedo a su destitución y, al no tener miedo, podrá hacer todo com la libertad que conviene a los cristianos»²³⁹.

Outra das características que, segundo João, um candidato ao sacerdócio deve possuir é a prudência e a perspicácia, ao jeito da recomendação de Jesus quando fala das perseguições que estes deveriam sofrer (cf. *Mt.* 10,16). A este respeito afirma João Crisóstomo: «El sacerdote tiene que ser prudente y perspicaz, y poseer ojos innumerables, pues no vive sólo para sí sino también para muchísima gente»²⁴⁰.

De facto, os fiéis inclinam-se a olhar os hábitos do sacerdote, tido por eles como arquétipo da sua vida cristã, fazendo-se semelhantes a ele. As suas debilidades, por mais pequenas que sejam, muito dificilmente passam despercebidas, pois, devido à sua missão, acaba por ser julgado como se não possuísse uma natureza humana²⁴¹. Em consequência, aquando das suas manifestações de fragilidade, muitos daqueles que até então eram tidos como amigos abandonam a reverência hipócrita, convertendo-se em adversários e

²³⁸ Cf. *De Sac.* III,11 e, depois, DE WET – The priestly body, 359.

²³⁹ *De Sac.* III,10: «Ὁ γὰρ οὐκ ἐπιθυμῶν ἐπὶ ταύτης δειχθῆναι τῆς ἐξουσίας οὐδὲ τὴν καθαίρεσιν αὐτῆς δέδοικεν, οὐ δεδοικῶς δὲ μετὰ τῆς προσηκούσης χριστιανοῖς ἐλευθερίας πάντα πράττειν δύναιτ' ἄν» [*SCh.* 272, p. 170].

²⁴⁰ *De Sac.* III,10: «Νηφάλιον εἶναι δεῖ τὸν ἱερέα καὶ διορατικὸν καὶ μυρίους πανταχόθεν κεκτηῖσθαι τοὺς ὀφθαλμοὺς ὡς οὐχ ἑαυτῷ μόνον, ἀλλὰ καὶ πλήθει ζῶντα τοσοῦτον» [*SCh.* 272, p. 172].

²⁴¹ Cf. DE WET – The priestly body, 360.

inimigos²⁴². Por isso, o sacerdote deve ser prudente e perspicaz de modo a estar atento a tudo o que o rodeia.

O sacerdote também deve ser capaz de suportar muitas adversidades. Na verdade, Crisóstomo fala que são muitos os que conseguem suportar as mortificações da carne, mas são poucos os que conseguem aguentar, com liberdade e paz interior, a insolência, injúria e injustiça dos demais. Para o sacerdote, o desafio é ainda maior: um temperamento desordenado e colérico terá consequências para si e para os que o rodeiam: «si el que está al frente de los fieles no se reprime ante la comida y no anda descalzo, no daña a la comunión de la Iglesia. En cambio, un carácter violento produce grandes inconvenientes no sólo a quien lo posee sino también a quienes están cerca»²⁴³; e ainda: «nada turba tanto la pureza de mente y la limpieza de corazón como un temperamento desordenado y violento»²⁴⁴.

Depois de apontar esta série de características que um candidato ao sacerdócio deve ter e não ter, João volta-se mais uma vez para as autoridades eclesiásticas; ou seja, para aqueles que escolhem e ordenam os candidatos. Também elas têm responsabilidade perante toda a comunidade no que concerne às escolhas que fazem e que, muitas vezes e tal como critica Crisóstomo, partem de interesses que nada expressam os valores do Evangelho. Na verdade, apesar dos traços que João aponta como fundamentais para alguém vir a ser um bom sacerdote, na escolha dos mesmos subjazem, não poucas vezes, muitos interesses alheios a tais traços provindos do exemplo do Senhor Jesus, tal como: laços familiares, interesses económicos, o estatuto social, entre outros²⁴⁵. É à custa destes interesses que, muitas vezes, os candidatos são escolhidos em prejuízo da sua idoneidade, algo que para Crisóstomo se revela como um mal terrível: «creo que es igualmente terrible rechazar a los idóneos y admitir a los ineptos. Com ello se intenta que el rebaño de Cristo no pueda encontrar alivio de ninguna parte, ni tomar aliento»²⁴⁶.

²⁴² Cf. HOFER – The reordering of relationships, 467.

²⁴³ *De Sac.* III,10: «τὸ μὲν γὰρ μήτε πρὸς τὰ σίτα ἀπηγχοῖσθαι μήτε ἀνυπόδετον εἶναι τὸν προεστῶτα οὐδὲν ἄν βλάψῃ τὸ κοινὸν τῆς Ἐκκλησίας, θυμὸς δὲ ἄγριος εἰς τε τὸν κεκτημένον εἰς τε τοὺς πλησίον μεγάλας ἐργάζεται συμφοράς» [*SCh.* 272, p. 176].

²⁴⁴ *De Sac.* III,10: «Οὐδὲν γὰρ οὕτω καθαρότητα νοῦ καὶ τὸ διειδὲς θολοῖ τῶν φρενῶν ὡς θυμὸς ἄτακτος καὶ μετὰ πολλῆς φερόμενος τῆς ῥύμης» [*SCh.* 272, p. 176].

²⁴⁵ Cf. DE WET – The priestly body, 359.

²⁴⁶ *De Sac.* III, 11: «Ὡσπερ γὰρ δέον ἀμφοτέρωθεν λυμήνασθαι τῆς Ἐκκλησίας τὴν ἀσφάλειαν ἢ ὡσπερ οὐκ ἀρκούσης τῆς προτέρας προφάσεως ἐκκαῦσαι τοῦ Θεοῦ τὴν ὀργήν, οὕτω τὴν δευτέραν συνῆψαν, οὐχ ἥττον οὔσαν χαλεπήν· καὶ γὰρ ἐξ ἴσης οἶμαι εἶναι δεινὸν τό τε τοὺς χρησίμους ἀπείργειν καὶ τὸ τοὺς ἀχρεῖους εἰσωθεῖν· καὶ τοῦτο δὲ γίνεται ἵνα μηδαμόθεν παραμυθίαν εὑρεῖν μηδὲ ἀναπνεῦσαι δυνηθῇ τοῦ Χριστοῦ τὸ ποίμνιον» [*SCh.* 272, p. 194].

Assim, a má seleção dos candidatos leva danos para todo o corpo formado pelos cristãos, e, muitas vezes, as comunidades são as que mais acabam por ser prejudicadas no sentido em que, no sacerdote que lhes é designado, não recebem um pastor e guia, mas alguém mais cristãmente perdido do que elas. Alguém que, em vez de estar preocupado em aliviar e dar alimento à comunidade, está cheio de outras preocupações. Contudo, Crisóstomo apoia os bispos que lutam contra estes ventos que rasgam o tecido eclesial – e que em muitas ocasiões são violentíssimos –, apontando uma série de características que estes devem possuir para conseguirem fazer frente a estes obstáculos:

«Hay que ser respetable y sencillo, temible y bondoso, enérgico y benévolo, íntegro y servicial, humilde y no servil, fuerte y manso, para poder luchar facilmente contra todas estas cosas, para introducir com mucha autoridade al idóneo, aunque todos se opongan, y para no admitir con la misma autoridade al que no es idóneo, aunque todos lo apoyen, sino mirar sólo a una cosa, la construcción de la Iglesia, sin hacer nada por enemistad o por agradar»²⁴⁷.

Não basta, por conseguinte, e para ser um bom bispo nestes assuntos, (pensar) saber tudo sobre tudo – e alardeá-lo em qualquer conversa –, antes deve ser alguém cristiforme e capaz de discernir se o candidato possui uma firme e verdadeira piedade aliada à inteligência. Para os desafios a que estarão expostos enquanto sacerdotes, não bastará uma grande piedade alimentada por rigoroso ascetismo, nem uma grande inteligência sem sabedoria prática, nomeadamente no que concerne na sua capacidade de prestar auxílio às viúvas, as quais precisam de ser ajudadas por um «protector [...] [que] no sólo há de ser benigno y paciente sino también, y no menos, un buen administrador»²⁴⁸.

Alvo de peculiar atenção deve ser a atividade judicial e, curiosamente, a seleção daqueles a quem irá visitar. João recomenda que não se negue proteção a quem precisa dela, sobretudo os mais pobres. De facto, ele afirma que muitos homens caíram no desânimo porque não foram auxiliados, sobretudo aqueles que sabem que foram vítimas de alguma injustiça e não encontraram nos sacerdotes alguém que os protegesse e ajudasse²⁴⁹. O sacerdote, seguindo o exemplo da ação Deus em Pedro (cf. *At.* 15,7-11),

²⁴⁷ *De Sac.* III, 11: «Καὶ γὰρ καὶ σεμνὸν καὶ ἄτυφον καὶ φοβερὸν καὶ προσηνῆ καὶ ἀρχικὸν καὶ κοινωνικὸν καὶ ἀδέκαστον καὶ θεραπευτικὸν καὶ ταπεινὸν καὶ ἀδούλωτον καὶ σφοδρὸν καὶ ἡμερον εἶναι δεῖ, ἵνα πρὸς ἅπαντα ταῦτα εὐκόλως μάχεσθαι δύνηται καὶ τὸν ἐπιτήδειον μετὰ πολλῆς τῆς ἐξουσίας, κἂν ἅπαντες ἀντιπίπτωσι, παράγειν καὶ τὸν οὐ τοιοῦτον μετὰ τῆς αὐτῆς ἐξουσίας, κἂν ἅπαντες συμπνέωσι, μὴ προσίεσθαι, ἀλλ' εἰς ἓν μόνον ὄραν, τὴν ἐκκλησιαστικὴν οἰκοδομὴν καὶ μηδὲν πρὸς ἀπέχθειαν ἢ χάριν ποιεῖν» [*SCh.* 272, p. 200]; cf. RAPP – Pragmatic authority, p. 47.

²⁴⁸ *De Sac.* III,12: «Οὐκ ἐπιεικῆ δὲ μόνον καὶ ἀνεξίκακον τὸν τούτων προστάτην, ἀλλὰ καὶ οἰκονομικὸν οὐχ ἥττον εἶναι χρὴ ὡς, ἐὰν τοῦτο ἀπῆ, πάλιν εἰς τὴν ἴσην περίσταται ζημίαν τὰ τῶν πενήτων χρήματα» [*SCh.* 272, p. 208].

²⁴⁹ Cf. *De Sac.* III,14.

não pode fazer aceção de pessoas e não deve tratar de forma inferior os pobres, donde Crisóstomo deixa uma oportuna advertência: «no existe acusador más duro que la conciencia y, cuando ésta, que es severíssima, nos condena previamente, soportamos facilmente a los de fuera, que son más indulgentes»²⁵⁰.

2.5.4. Livro IV

No Livro IV do *De Sacerdotio*, Crisóstomo aborda a problemática daqueles que são coagidos para o sacerdócio e refuta a ideia, levantada por Basílio, de que estes, por terem sido forçados a assumirem algo que não desejavam, não podem ser castigados acaso pequem. João argumenta a sua posição dando alguns exemplos bíblicos de que, de facto, não é assim.

Os dois primeiros exemplos apresentados por João encontram-se relatados no *Primeiro Livro de Samuel*. Saúl foi rei de Israel sem procurar tal honra (cf. *ISm.* 9,14-10,1.17-27) e quando pecou desculpou-se dizendo que não tinha sido vontade dele ser rei, mas de nada serviu tal desculpa para diminuir o castigo de Deus (cf. *ISm.* 15,1-23): «el que ha sido honrado por encima de su mérito no há de poner como excusa la grandeza del honor para defenderse de sus pecados, mas que ha de servirse de la gran solitud de Dios por él para progresar grandemente hacia lo mejor»²⁵¹. Também Eli não procurou a autoridade que lhe foi concedida, antes a teve que aceitar por força da linhagem de sangue (cf. *ISm.* 2,12-25), e tampouco isso lhe serviu de desculpa quando pecou (cf. *ISm.* 4,12-18). Na própria batalha contra os filisteus, os filhos de Eli são mortos e a Arca é capturada, razão pela qual James C. Turro afirma: «pode ser que a intenção oculta deste cap. 4 seja demonstrar que, por culpa dos crimes cometidos pelos filhos de Eli, Israel já não mereça a presença pessoal de Deus por meio da arca»²⁵².

De seguida, João fala do que sucedeu com Aarão e com Moisés. Com o primeiro, aconteceu que, segundo o relatado em *Ex.* 32,1-14, não aguentou a pressão da multidão e fez um ídolo para ser adorado. Se não tivesse sido Moisés a implorar o perdão de Deus, o seu irmão teria sido castigado. Também Moisés teve momentos de fraqueza:

²⁵⁰ *De Sac.* III,14: «ἐπειδὴ γὰρ οὐκ ἔστι πικρότερος τοῦ συνειδότος κατήγορος, διὰ τοῦτο, ὅταν ὑπ' ἐκείνου τοῦ χαλεπωτάτου πρότερον ἀλώμεν, τοὺς ἔξωθεν ἡμερωτέρους ὄντας εὐκόλως φέρομεν» [*SCh.* 272, p. 222].

²⁵¹ *De Sac.* IV,1: «Τὸν γὰρ ὑπὲρ τὴν ἀξίαν τιμηθέντα οὐκ εἰς τὴν τῶν ἀμαρτημάτων ἀπολογίαν χρὴ προβάλλεσθαι τῆς τιμῆς τὸ μέγεθος, ἀλλ' εἰς μείζονα βελτιώσεως προκοπὴν κεχρησθαι τῇ πολλῇ περι αὐτὸν τοῦ Θεοῦ σπουδῆ» [*SCh.* 272, p. 230].

²⁵² TURRO, James C. – 1-2 Samuel. In BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., dir. – *Comentário bíblico san Jeronimo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, tomo 1, p. 457.

primeiramente recusou orientar o povo (cf. *Ex.* 4,10-17); depois, já quando conduzia o povo, pecou e não chegou a entrar na terra prometida como os outros que estavam sob a sua autoridade (cf. *Nm.* 20,1-13). Por fim, o nosso Autor refere o que se passou com Judas. Este foi escolhido por Jesus e foi-lhe confiado o dinheiro. Sem que o tenha escolhido pecou, no entanto, sofreu um terrível castigo por ter traído o mestre (cf. *Jo.* 12,6; 13,29).

De facto, é inútil o sacerdote justificar as suas falhas com o dom grandioso que Deus lhe outorgou livremente, não sendo de supor que não se será castigado porquanto se foi chamado por Deus ao serviço sacerdotal²⁵³. Neste sentido, quem é escolhido para o ministério deve tomar consciência se é capaz de o viver de tal forma que não faça perder nem a sua pessoa, nem os demais, pois, «en efecto, merecerían un grandísimo castigo quienes, después de alcanzar esta autoridad por mérito de particular empeño, hicieran mal uso del sacerdocio por negligencia, por maldad o por desconocimiento»²⁵⁴.

A amizade que João nutria por Basílio fá-lo pedir a este que não caia no desespero, apesar da seriedade e frieza com que apresenta o sacerdócio. Dito isto, o nosso Teólogo não baixa a fasquia deste ministério, pois aquele a quem se confiará o cuidado de tantas almas deverá examinar-se convenientemente antes de aceitar a ordenação e, correlativamente, quem ordena deve, por sua vez, procurar conhecer o ordinando. Justamente acerca disto diz João:

«A los que son elegidos no les basta decir en su defensa: “No he venido por propia iniciativa y no hui porque no lo sabía de antemano”. Tampoco le sirve de nada a los ordenantes decir que desconocen al ordenado. Precisamente por esto, el reproche se hace mayor, porque han conducido a un desconocido. Lo que parecía ser una defensa hará crecer la acusación»²⁵⁵.

Nota-se neste Livro IV do *De Sacerdotio* que a pregação já era um tema muito caro a João, realidade esta que nos permite ver os motivos pelos quais passará a ser apelidado de Crisóstomo pela sua habilidade com as palavras, sobretudo na pregação e no ensino dos Textos Sagrados²⁵⁶. Por isso ele diz: «la decisión que se nos propone ahora

²⁵³ Cf. *De Sac.* IV,1.

²⁵⁴ *De Sac.* IV,1: «Μεγίστης μὲν γὰρ ἂν εἶεν κολάσεως ἄξιοι οἱ μετὰ τὸ δι' οἰκείας σπουδῆς ταύτης ἐπιτυχεῖν τῆς ἀρχῆς ἢ διὰ ῥαθυμίας ἢ διὰ πονηρίας ἢ καὶ δι' ἀπειρίαν κακῶς κεχρημένοι τῷ πράγματι» [*SCh.* 272, p. 238].

²⁵⁵ *De Sac.* IV,2: «Ὡσπερ γὰρ τοῖς αἰρεθεῖσιν οὐκ αὐταρκες πρὸς ἀπολογίαν τὸ λέγειν· Οὐκ αὐτόκλητος ἦλθον, οὐδὲ προειδῶς οὐκ ἀπέφυγον, οὕτως οὐδὲ τοὺς χειροτονοῦντας ὠφελῆσαι τι δύναται, εἰ λέγοιεν τὸν χειροτονηθέντα ἀγνοεῖν· ἀλλὰ διὰ τοῦτο καὶ μείζον τὸ ἐγκλημα γίνεται ὅτι ὄν ἠγγούον παρήγαγον καὶ ἡ δοκοῦσα εἶναι ἀπολογία αὔξει τὴν κατηγορίαν» [*SCh.* 272, p. 240].

²⁵⁶ Cf. DAVIS, David A. – St John Chrysostom on ministry, discernment, and call. *Theology Today*. 62 (2005) 411.

no afecta a la administración de trigo y cebada, ni de bueys y ovejas, ni se ocupa de otras cosas semejantes, sino al del Cuerpo mismo de Jesús»²⁵⁷. Para João Crisóstomo, é pelo ensino da Palavra que o sacerdote cura os que estão doentes da alma, pois a Palavra é ao mesmo tempo proteção e arma contra os inimigos (cf. *Ef.* 6,17)²⁵⁸, razão que o leva a mencionar que «cuando un alma está enferma por enseñanzas nocivas, en este caso mucha es la necesidad de la palabra, no sólo para la seguridad de los que están dentro de la Iglesia sino también para las guerras que vienen del exterior»²⁵⁹.

Importa, por conseguinte, zelar para que a Palavra de Deus nos habite abundantemente, estando preparados para enfrentar inimigos diversos, cuyos ataques debemos conocer e prevenir²⁶⁰. Sem a astúcia de um pastor, o lobo pode devorar um bom número de ovelhas com uma só heresia – como as de Valentiniano e Marcião. Neste sentido, o sacerdote deve ser um profundo conhecedor de tudo aquilo que o rodeia pois «si el que intenta vencer no conoce todas las formas de este arte, el diablo sabe apoderarse de las ovejas, introduciendo a sus esbirros, aunque sea por un único resquicio cuando está desprotegido»²⁶¹. Só pela moderação é que se pode sustentar o ataque provindo dos diversos extremos – que, no fundo, levam às posições heréticas –, evitando-se, assim, o maior número de sofrimentos.

Crisóstomo, para além destes ataques, tem igualmente em conta os ataques domésticos. Para fazer frente a estes, o sacerdote é chamado a adquirir a capacidade da inteligência articulada com a moderação para não ser acusado de soberba e de ignorância. Para tudo isto é muito relevante a palavra, daí o facto do nosso Autor voltar a dar importância à oratória na vida sacerdotal:

«Para todo esto se há concedido solamente la protección de la palabra. Si uno está privado de esta capacidad, las almas de los que han sido colocados bajo él, me refiro a las más débiles e indiscretas, no se encontrarán en una situación mejor que las barcas

²⁵⁷ *De Sac.* IV,2: «Ὅκ ἔστιν ἡμῖν ὑπὲρ οἰκονομίας πυροῦ καὶ κριθῶν, οὐδὲ βοῶν καὶ προβάτων, οὐδὲ περὶ τοιούτων ἄλλων ἢ σκέψις ἢ προκειμένη νῦν, ἀλλ' ὑπὲρ αὐτοῦ τοῦ σώματος Ἰησοῦ» [*SCh.* 272, p. 246-248].

²⁵⁸ Cf. DE WET – The priestly body, 361.

²⁵⁹ *De Sac.* IV,3: «ὅταν δὲ περὶ δόγματα νοσῇ ἡ ψυχὴ τὰ νόθα, πολλὴ τοῦ λόγου ἐνταῦθα ἡ χρεια, οὐ πρὸς τὴν τῶν οἰκείων ἀσφάλειαν μόνον, ἀλλὰ καὶ πρὸς τοὺς ἔξωθεν πολέμους» [*SCh.* 272, p. 250].

²⁶⁰ Cf. WENGER, Antoine – Jean Chrysostome. In VILLER, Marcel, dir. – *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1974, tomo 7, col. 344.

²⁶¹ *De Sac.* IV,4: «ἐνταῦθα δὲ τοῦτο οὐκ ἔστιν, ἀλλὰ ἂν μὴ πάσας ἐπιστάμενος ἢ τῆς τέχνης τὰς ιδέας ὁ μέλλων νικᾶν, οἶδεν ὁ διάβολος καὶ δι' ἐνὸς μέρους, ὅταν ἡμελημένον τύχη, τοὺς πειρατὰς εἰσαγαγῶν τοὺς αὐτοῦ, διαρπάσαι τὰ πρόβατα» [*SCh.* 272, p. 252-254].

sacudidas continuamente por la tormenta. Pero ello, el sacerdote, tiene que hacer todo lo posible por adquirir esta capacidade»²⁶².

João elogia o apóstolo Paulo pelas suas capacidades, pelos sofrimentos que enfrentou, pelos milagres que realizou e procura mostrar que este não era ignorante como alguns o acusavam (cf. *2Cor.* 11,5-6)²⁶³. Na realidade, sabemos que alguns detratores de Paulo diziam que este era ignorante na eloquência pagã e no ensino da verdade, mas o próprio Paulo apenas diz que era ignorante no discurso e não no conhecimento (cf. *2Cor.* 11,6). Já na perspectiva de Crisóstomo, alguém pode ter uma dicção pobre, não articular bem as palavras e ter um discurso simples, mas isso não significa necessariamente que seja ignorante, nem no conhecimento, nem na sabedoria. Contudo, também é sabido, e o nosso Autor recorda-nos disto mesmo, que Paulo venceu inúmeros inimigos pela força das suas palavras. Antes mesmo de começar a realizar prodígios, Paulo já vencia pela sua pregação, tanto que, até hoje, os seus escritos são usados como armas pelos sacerdotes para combaterem as más doutrinas e ensinarem a comunidade a eles confiadas²⁶⁴.

A finalizar este IV Livro, João tem o cuidado de mencionar que alguns defendiam o desdenhar a leitura da Sagrada Escritura, justificado essa atitude evocando o amor à ignorância e ao desconhecimento. Todavia, o nosso Autor refere que isso não passava de meras desculpas e simples pretextos para a negligencia e o descuido²⁶⁵. Por outro lado, se o sacerdote fosse ignorante como esses pretendiam, não poderia refutar e contrariar os que levantavam a sua voz contra a verdade. É neste contexto que Crisóstomo cita *1Tm.* 5,17: «os presbíteros que exercem bem a presidência sejam julgados dignos de dupla honra, principalmente os que trabalham na pregação e no ensino». O fim de tudo isto é conduzir o povo à vida em Cristo, e para isto são necessárias quer as obras (o fazer), quer a palavra (o dizer). As obras não são suficientes quando o combate diz respeito à doutrina e, por conseguinte, todo o rebanho pode cair e perder a esperança se virem o seu pastor a ser derrotado devido ao desconhecimento das Escrituras²⁶⁶. De facto, «segundo

²⁶² *De Sac.* IV,5: «Πρὸς ἅπαντα δὲ ταῦτα ἕτερον μὲν οὐδέν, ἢ δὲ τοῦ λόγου βοήθεια δέδοται μόνη· κἄν τις ταύτης ἀπεστερημένος ἢ τῆς δυνάμεως, οὐδὲν ἄμεινον τῶν χειμαζομένων πλοίων διηνεκῶς αἰ ψυχαὶ τῶν ὑπ' αὐτῷ τεταγμένων ἀνδρῶν διακείσονται, τῶν ἀσθενεστέρων καὶ περιεργότερων λέγω. Διὸ χρὴ τὸν ἱερέα πάντα ποιεῖν ὑπὲρ τοῦ ταύτην κτήσασθαι τὴν ἰσχὺν» [*SCh.* 272, p. 262].

²⁶³ Cf. *De Sac.* IV,6.

²⁶⁴ Cf. *De Sac.* IV,7.

²⁶⁵ Cf. HOFER – The reordering of relationships, 468.

²⁶⁶ Cf. *De Sac.* IV,9.

Crisóstomo, é exatamente o estudo e o conhecimento que põe de lado o orador medíocre»²⁶⁷.

2.5.5. Livro V

Continuando com a nossa apresentação, podemos referir que no Livro V da Obra que estamos a ponderar, João sublinha o muito trabalho que requer os discursos dirigidos ao povo, sendo que nem sempre a atitude dos fiéis é a melhor. João descreve que os fiéis podem ser divididos em dois grupos em função do modo como encaram a pregação do sacerdote. Primeiramente, Crisóstomo fala dos fiéis que estão sentados a ouvir como se estivessem numa plateia a assistir a um debate ou a um discurso e que, por isso, adotam a atitude de meros espectadores pagãos que se acomodam para assistir a uma disputa, tomando parte no que ouvem ora por simpatia, ora por antipatia. Em segundo lugar, temos aqueles que não aceitam que o sacerdote enriqueça a sua pregação com o trabalho de outros e, mesmo só com suspeitas e não com certezas, atacam o sacerdote porque, nas palavras de João, estão habituados a encarar a oratória como uma forma de divertimento. Contudo, para Crisóstomo, o objetivo da pregação é apenas o de ajudar os ouvintes na interpretação da Sagrada Escritura²⁶⁸, pois o sacerdote é o leal guardião da doutrina que deve transmitir fielmente com a autoridade do Senhor Jesus²⁶⁹.

Os ouvintes imputam as culpas ao orador como se este fosse um anjo e não um homem com as suas fragilidades e erros, desprezando os seus êxitos e sublinhando os seus defeitos. Por isso, o sacerdote deve saber manter-se calmo e, segundo João, «sólo hay dos medios para alcanzar esto: el desdén de los elogios y la capacidade de hablar. Si falta uno, el otro es inútil pues no se pueden separar»²⁷⁰. Contudo, não se deverá desprezar, nem absolutizar o juízo mesmo quando este não esteja fundamentado. João dá o exemplo do pintor: nem se desalenta, nem se envaidece pelo juízo dos que pouco entendem do seu labor.

Ante as possíveis críticas de que poderá ser alvo, o sacerdote deverá considerar que Deus é o único critério e propósito do ofício do sacerdote, e não os aplausos e os cumprimentos – que não devem ser procurados, nem ser causa de sofrimento quando não

²⁶⁷ DE WET – The priestly body, 372.

²⁶⁸ Cf. *De Sac.* V,1.

²⁶⁹ Cf. LUBAC – Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 825.

²⁷⁰ *De Sac.* V,2: «Ὅτι τὸν εἰς τοῦτο τεταγμένον καὶ ἐγκωμίῳν ὑπερορᾶν χρῆ καὶ δύνασθαι λέγειν. Τοῦτου δὲ οὐδαμῶς ἔστιν ἐπιτυχεῖν, ἀλλ' ἢ διὰ τούτοιον τοῖν δυοῖν, τῆς τε τῶν ἐπαίνων ὑπεροψίας καὶ τῆς ἐν τῷ λέγειν δυνάμεως» [*SCh.* 272, p. 284].

surgem²⁷¹. Importa, isso sim, a consciência que leva a que o sacerdote se empenhe na preparação da pregação para agradar a Deus. Quem é dominado pelo desejo dos louvores fica exposto a muitos riscos; por seu lado, quem a eles se habitua, poderá ficar abatido ao receber poucos, ou nenhuns elogios. Também ver brilhar aquele que, humanamente falando, é inferior, poderá despertar sentimentos de inveja e tristeza. Acerca deste tipo de situações, João diz que o sacerdote deve estar bem vigilante e preparado para as mesmas²⁷². Todos estes elementos podem parecer insignificantes e desprezíveis, mas, como refere João em palavras dirigidas a Basílio, tal «se debe a tu inexperiencia, pero son suficientes para apagar la buena voluntad y debilitar la fuerza del alma si uno, apartándose de todas las pasiones humanas, no se dedica a vivir como las Potencias incorpóreas que no son perseguidas por la malevolencia ni por el deseo de gloria ni por ningún outro vicio»²⁷³.

2.5.6. Livro VI

O último Livro do *De Sacerdotio* recorda que o sacerdote terá que prestar contas de cada um dos que lhe foram confiados, não podendo vir a alegar inexperiência, ou ignorância. Neste sentido, se o seu labor conduzir à perdição de uma só das pessoas de que ficou encarregado por encargo a si entregue por Deus, mediado pela autoridade eclesiástica, o castigo será inevitável²⁷⁴.

É neste contexto que lemos que o sacerdote deve ser puro num grau muito superior ao dos monges. Deveras, enquanto estes optaram por uma vida longe das cidades, entregando-se a práticas de oração e ascetismo e mesmo assim não confiam que estarão isentos de uma sanção divina, o sacerdote, embebido numa vida urbana mais propensa a situações externas de pecado, está mais exposto a práticas que podem fazer com que se corrompa²⁷⁵. A vida solitária isenta os monges de alguns riscos, também porque têm que se preocupar com um menor número de pessoas e podem estar apartados de muitos assuntos mundanos. Também, o facto de residirem em comum facilita o poderem ser

²⁷¹ Cf. HOFER – The reordering of relationships, 467-468.

²⁷² Cf. DE WET – The priestly body, 371.

²⁷³ *De Sac.* V,8: «Ταῦτα γὰρ εἰ καὶ μικρά σοι δοκεῖ νῦν εἶναι καὶ εὐκαταφρόνητα, διὰ τὸ ἀπείρατον, ἀλλ' ἰκανά γέ ἐστι προθυμίαν σβέσαι καὶ ψυχῆς παραλῦσαι δύναμις, ἣν μὴ πάντων τις ἑαυτὸν τῶν ἀνθρωπίνων ἀνασπάσας παθῶν, ὁμοίως ταῖς ἀσωμάτοις μελετήσῃ διακείσθαι δυνάμεσιν αἱ μῆτε φθόνῳ, μῆτε δόξης ἔρωτι, μῆτε ἑτέρῳ τινὶ τοιούτῳ θηρῶνται νοσήματι» [*SCh.* 272, p. 302].

²⁷⁴ Cf. *De Sac.* VI,1 e, depois, DE WET – The priestly body, 360.

²⁷⁵ Cf. *De Sac.* VI,2 e, depois, HOFER – The reordering of relationships, 466.

ajudados pelos superiores. Quanto ao sacerdote, este vê-se muitas vezes sozinho no meio do povo²⁷⁶.

É tarefa do sacerdote lembrar, dia após dia e com tenacidade, a mensagem do Evangelho, para que ela vá sendo retida aos poucos por aqueles que a ouvem. João reconhece que isto é muito complicado. E é-o, seja porque as suas palavras devem chegar de modo adaptado a todos os seus fiéis – e isto implica conhecê-los –, seja porque a relação com Deus requer um grande cuidado, pois se este inexistir a mesma poder-se-á desvanecer até que deixe de existir. O sacerdote existe para poder falar da multidão a Deus e de Deus à multidão, e para o fazer necessita de ter uma relação pessoal com Deus²⁷⁷.

Mas não só: para celebrar os santos mistérios, o sacerdote deve ser puro e piedoso e a sua alma deverá brilhar como candeia que ilumina os fiéis e que aquece o coração de quantos se aproximam de si. Contudo, não basta que o sacerdote seja só puro, mas ao dizer, numa clara referência a *Mt. 5,13*, que «os sacerdotes devem ser sal da terra»²⁷⁸, Crisóstomo afirma que o sacerdote deve conhecer o mundo e todas as suas coisas, mesmo tendo consciência que não é do mundo e que, portanto, ao mesmo tempo que procura conhecê-lo, deve afastar-se dele para não ser levado na rede que o mesmo lhe pode atirar. Para tal, e para se poder relacionar com todos, o sacerdote deve ser flexível, honesto e procurar perceber, com inteligência e sabedoria, a vida das pessoas e a personalidade e especificidade de cada um que o procura. Só assim, conhecendo tudo quanto o rodeia e estando de olhos e coração abertos para o mundo, o sacerdote atinge o fim do seu ministério: a glória de Deus pela edificação da Igreja²⁷⁹.

O nosso Autor refere ainda que o sacerdote deve ser apto para desempenhar as mais variadas funções e, se isso não ocorrer, de nada lhe serve a boa vontade por si colocada nos seus diversos encargos. Neste sentido, Crisóstomo aduz que a maior firmeza se manifesta, não na solidão – que, contudo, a exige –, mas diante da multidão: «el que está sentado al timón dentro del puerto no da una prueba exacta de su oficio, pero nadie negará que es un óptimo piloto quien es capaz de salvar la nave en medio del mar y de la

²⁷⁶ Cf. *De Sac.* VI,3.

²⁷⁷ Cf. *De Sac.* VI,4.

²⁷⁸ *De Sac.* VI,4: «Οἱ ἱερεῖς τῆς γῆς εἰσὶν οἱ ἄλλες» [*SCh.* 272, p. 318].

²⁷⁹ Cf. *De Sac.* VI,4 e, depois, LUBAC – *Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome*, 826.

tempestad»²⁸⁰. Aquele que por entre os meandros do mundo mantém sã a sua alma demonstrou provas da sua força e, segundo Crisóstomo, deve ser aplaudido.

A ascese que é pedida ao sacerdote acaba por diferir da do monge. De facto, se não estiver próximo da multidão e se retirar do mundo, o sacerdote não terá confrontos nem acusadores, dado que se resguardou artificialmente daqueles. Contudo, sob a capa dessa ascese, estaria alguém a enveredar por algo que, para a comunidade, seria mais prejudicial do que a inércia que, furtando-o à exposição pública, lhe permitiria esconder as suas debilidades e defeitos. Ao passo que o monge, na sua vida de solidão, não tem como irritar-se, não está preparado para falar a uma multidão nem se preocupa em resfriar o seu temperamento, já sacerdote tem de aprender a controlar os seus sentimentos, a dominar a ira, a desprezar a glória e, como já vimos diversas vezes, ser inteligente²⁸¹.

Observe-se que o que foi mencionado até ao momento acerca do Livro VI do *De Sacerdotio*, não significa, para o nosso Autor, que se tenha de escolher candidatos mundanos, antes pessoas que se conheça bem, que vivam no mundo, que estejam no meio das pessoas e que, mesmo assim e apesar das tentações e dificuldades, se mantenham íntegros e fiéis, conseguindo guardar a pureza, a tranquilidade, a santidade e a constância. E isto, mesmo quando a exposição pública derivada do sacerdócio tornar visível os seus mais variados defeitos²⁸².

Crisóstomo enumera várias situações que debilitam o vigor da alma, sendo de salientar, em nossa opinião, o que ele menciona acerca do relacionamento dos sacerdotes com as mulheres. Segundo o nosso Autor, é preciso uma especial atenção nos encontros com as mesmas, pois, embora nunca devam ser esquecidas – antes ajudadas e, quando doentes, até visitadas –, o maligno serve-se frequentemente dessas ocasiões em que o sacerdote se mostra mais próximo e prestável para o atacar. De que modo? Enchendo o seu olhar de maldade, as suas palavras de adulação, o seu coração de caridade indiscreta, a sua mente de preocupações contínuas e todo o seu ser de ira²⁸³. Assim sendo, é clara a posição de Crisóstomo quanto ao celibato dos clérigos e à exigência que isso comporta

²⁸⁰ *De Sac.* VI,6: «Ὁ μὲν γὰρ εἶσω λιμένων ἐπὶ τῶν οἰάκων καθημένος οὐπω τῆς τέχνης ἀκριβῆ δίδωσι βάσανον, τὸν δὲ ἐν μέσῳ τῷ πελάγει καὶ τῷ χειμῶνι δυνηθέντα διασῶσαι τὸ σκάφος, οὐδεὶς ὅστις οὐκ ἂν φαίη κυβερνήτην ἄριστον εἶναι» [*SCh.* 272, p. 324].

²⁸¹ Cf. *De Sac.* VI,7.

²⁸² Cf. *De Sac.* VI, 8.

²⁸³ Cf. *De Sac.* VI,8.

para eles, tentando preveni-los para a necessidade de se protegerem das tentações elencadas antes²⁸⁴.

Mais uma vez o nosso Autor reporta que não se deve desprezar a opinião da multidão, mesmo que errónea, pois, como diz o adágio – que cremos especificamente português – “não há fumo sem fogo”. Aquele que preside à comunidade deve, isso sim e com cuidado esmerado, «refutar las acusaciones delante de todos, com mucha moderación y mansedumbre, perdonándoles el reproche sin fundamento en lugar de irritarse y encolerizarse»²⁸⁵. Assim sendo, o sacerdote – quando é acusado de algo (ainda que caluniosamente ou ridiculamente) e seguindo o exemplo de Paulo – deve procurar desfazer rapidamente os equívocos para que estes não se tornem em algo maior e incontrolável²⁸⁶.

Crisóstomo considera ainda que o sacerdote não se pode salvar sem ter feito nada pela “salvação” dos outros. No entanto, acredita que o castigo é menor do que o daquele que perdeu os outros e a si próprio. Neste sentido, o castigo torna-se maior quanto maior a responsabilidade para com os outros e para com Deus, razão pela qual os pecados do sacerdote «son más graves no por naturaleza sino que se agravan por la dignidade del sacerdote que se atreve a cometerlos»²⁸⁷. Para que isto não ocorra, o sacerdote deve ter cuidado com a sua vida espiritual, ainda que o nosso Pensador também reconheça que o sacerdote, pelas suas diversas ocupações, poderá ter dificuldade nisso, em particular na parte negativa da parte prática da vida espiritual: o reprimir os vícios ou paixões da alma. Estas não deverão ser alimentadas sob o risco de aumentarem a dificuldade de serem combatidas. E como se alimentam tais “feras”? As honras e louvores alimentam a vanglória; a autoridade e poder a soberba; as honras do próximo a inveja; a distinção dos benfeitores a avareza; o prazer e o tratamento com as mulheres a intemperança; e por aí adiante²⁸⁸.

Retomando o que já dissera, quando se reportara ao período em que se preparava para a ordenação – e que acabaria por evitar –, João menciona que passou por angústia e medo ao comparar a pureza devida à Esposa de Cristo com os seus males e defeitos

²⁸⁴ Cf. WENGER – Jean Chrysostome, col. 344.

²⁸⁵ *De Sac.* VI,9: «Τὸν δὲ προσετῶτα καλῶς, οὐδὲ τούτων δεῖ καταφρονεῖν, ἀλλὰ πρὸς ἅπαντας περὶ ὧν ἂν ἐγκαλῶσι διαλύεσθαι μετὰ πολλῆς τῆς ἐπιεικείας καὶ πραότητος, συγγινώσκοντα μᾶλλον αὐτοῖς τῆς ἀλόγου μέμψεως ἢ ἀγανακτοῦντα καὶ ὀργιζόμενον» [*SCh.* 272, p. 334].

²⁸⁶ Cf. *De Sac.* VI,9.

²⁸⁷ *De Sac.* VI,11: «χαλεπώτερα δὲ γίνεται, οὐ τῇ φύσει, ἀλλὰ τῇ ἀξίᾳ τοῦ τολμῶντος αὐτὰ ἱερέως βαρούμενα» [*SCh.* 272, p. 340].

²⁸⁸ Cf. *De Sac.* VI,12.

peçoais. Na nossa opinião, é belíssima a comparação que o mesmo faz a este respeito. Ele convida a que imagine um jovem camponês, a quem é dado ver o horror da guerra, ser colocado, depois e sem mais, na frente da batalha. João alega que foi assim que se sentiu ao imaginar a sua ordenação. O exército com que se enfrentava era, segundo a sua percepção, muito mais terrível, e isso fez com que a sua alma sofresse muito mais do que em consequência de todos os sofrimentos que um corpo poderia viver numa guerra²⁸⁹. Além do que sabia que iria sofrer no juízo – e que já comportava um certo padecimento –, a sua alma foi desde logo consumida pela má consciência. Expandindo a sua imagem, Crisóstomo aduz que sempre que o maligno encontra uma alma debilitada, ele não deixará de a golpear até ao último suspiro, qual inimigo astuto que não concede qualquer descanso ao seu adversário. Ele espera sempre a nossa negligência, «manifestando un mayor celo por nuestra perdición que nosotros por nuestra propia salvación»²⁹⁰.

No fim do *De Sacerdotio*, Basílio acaba a confessar que tinha vindo ao encontro de João somente com uma preocupação – a de defendê-lo perante os que o acusavam – e lá acabou por manifestar outra – a de se defender a si mesmo dos seus males perante Deus. Assim, João, procurando consolar o amigo diz: «en Cristo que te ha llamado y que te há establecido al frente de sus propias ovejas, tengo puesta la confianza de que por este ministerio poseerás una libertad tan grande que me recibirás en tu morada eterna cuando aquel día yo esté en peligro»²⁹¹.

²⁸⁹ Cf. *De Sac.* VI,12 e, depois, LUBAC – Le Dialogue sur le Sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 826.

²⁹⁰ *De Sac.* VI,13: «Καὶ γὰρ ἐκεῖνος διαπαντὸς ἔστηκε μετὰ τῆς αὐτοῦ παρατάξεως, τὰς ἡμετέρας ῥαθυμίας παρατηρῶν, πλείονά τε εἰσφέρων σπουδὴν εἰς τὴν ἡμετέραν ἀπώλειαν ἢ εἰς τὴν σωτηρίαν ἡμεῖς τὴν ἑαυτῶν» [*SCh.* 272, p. 360].

²⁹¹ *De Sac.* VI,13: «Πιστεύω γάρ, ἔφην, τῷ καλέσαντί σε Χριστῷ καὶ τοῖς ἰδίοις ἐπιστήσαντι προβάτοισι ὅτι τοσαύτην ἐκ τῆς διακονίας ταύτης κτήση παρρησίαν ὡς καὶ ἡμᾶς κατὰ τὴν ἡμέραν ἐκείνην κινδυνεύοντας εἰς τὴν αἰώνιον σου δέξασθαι σκηνήν» [*SCh.* 272, p.362]; cf. HOFER – The reordering of relationships, 468-469.

3. O tríplice múnus de Cristo: concretizações no *De Sacerdotio* e em alguns textos do Magistério

Ao olharmos a vida de João Crisóstomo aprendemos a sua história e a sua vida nos seus diversos contextos, desde Antioquia ao exílio, passando por Constantinopla. Olhámos a sua vida enquanto monge, presbítero e bispo e, partindo daí, procurámos compreender melhor a sua Obra que está a focar a nossa atenção: o *De Sacerdotio*. Escrita no final do séc. IV, a mesma chegou até aos nossos dias, passando por inúmeras traduções, interpretações e propostas de leitura. Nós mesmos fizemos a nossa leitura dessa Obra e foi desde essa leitura que nos surgiu patente, no *De Sacerdotio*, um tema que nos interessava particularmente desde há anos: o do tríplice múnus de Cristo como fundamento e base fundamental do exercício do ministério sacerdotal.

Neste sentido, depois da síntese comentada com que terminámos o capítulo precedente, propor-nos-emos regressar ao texto de Crisóstomo. Nele identificaremos, num primeiro apartado, as características gerais respetivas de cada um dos três serviços crístico-sacerdotais, intitulado cada um dos subpontos com as duas possibilidades de terminologia para nos referirmos àqueles três serviços ou múnus: uma terminologia mais bíblica e outra baseada na usada no, e a partir do, II CV.

Posto isto, e depois de feito tal levantamento dos elementos presentes na nossa Obra, empreenderemos numa leitura de alguns documentos do Magistério, cruzando esta leitura com referências ao *De Sacerdotio* e a outros textos que nos foram surgindo como capitais. Em suma, será o levantamento que faremos, no primeiro apartado deste presente capítulo, acerca da importância do tríplice serviço que nos fará caminhar em direção ao nosso segundo apartado desta parte da nossa Dissertação. Nunca foi, de todo e pese a intenção inicial do nosso Orientador, nossa intenção ficarmo-nos pelo passado, mas procurar trazer para os nossos dias alguns elementos que proporcionassem uma reflexão acerca da importância do tríplice múnus na formação sacerdotal e na vida dos sacerdotes – bispos e presbíteros.

Assim, primeiramente lançaremos mãos dos textos do II CV diretamente relacionados com o ministério sacerdotal e a formação dos candidatos ao sacerdócio,

procurando sempre as referências à centralidade do tríplice múnus. Será a partir deste cenário que dedicaremos algum espaço para o Magistério papal sobre o sacerdócio ministerial, sendo que, para não nos dispersarmos, escolheremos a Exortação Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis* como documento focal. Por fim, olharemos para o texto de Magistério curial (romano) que nos pareceu de maior relevância: o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* de 2013.

3.1. Sacerdote, profeta e rei: os *tria munera* no *De Sacerdotio*

Ao olharmos para a passagem evangélica do batismo de Jesus no Jordão (cf., por exemplo, *Mt.* 3,16) frequentemente o nosso olhar se detém na presença atuante do Espírito, que desce em forma como que de uma pomba. Para Joseph Ratzinger, então Bento XVI, esse evento representa, juntamente com as tentações ou provações no deserto que se lhe seguem, o principiar da missão pública de Jesus de Nazaré. Um evento em que os Padres da Igreja viam analogicamente e em leitura simbólica como que a unção dos reis e sacerdotes em Israel. Neste sentido, Jesus também terá sido ungido, não pelo óleo, mas pelo Espírito Santo e como outrora em Israel, foram-lhe confiadas as honras e dignidades enquanto sacerdote, rei e profeta²⁹².

Como diz George Augustin, «os traços fundamentais do serviço sacerdotal existem já à partida no sacerdócio de Jesus Cristo»²⁹³, sendo que são muitos os textos do NT que nos apresentam os três serviços do único sacerdócio de Cristo – profético, real e sacerdotal²⁹⁴ –, embora com algumas diferenças. Por um lado, os sinóticos realçam a dimensão profética do ministério de Jesus, sobrepondo-O aos profetas do AT, e apresentando-O como a concretização das promessas destes (cf., por exemplo, *Lc.* 4,18). Por outro lado, o epistolário paulino olha para Cristo como Senhor e Salvador (cf., por exemplo, *Fl.* 2,5-11; *2Tm.* 1,10; *Tt.* 2,13) e a assim denominada *Carta aos Hebreus* aborda o único sacerdócio de Cristo como a superação do sumo-sacerdócio antigo (cf. *Heb.* 8,1-5; 9,11-14.24-26; 10,9-13)²⁹⁵.

²⁹² Cf. RATZINGER, Joseph / BENTO XVI – *Jesus de Nazaré*. 5ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010, p. 55-56, e, depois, ALFARO, Juan – Las funciones salvíficas de Cristo como revelador, señor, y sacerdote. In FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus, dir. – *Mysterium Salutis: manual de teologia como historia de la salvacion*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980, vol. 3, p. 545.

²⁹³ AUGUSTIN – *Colaboradores da vossa alegria*, p. 46.

²⁹⁴ Cf. ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 544.

²⁹⁵ Cf. SIMOENS – Sacerdoce, p. 1024.

Estas três funções do único mediador e sacerdote, Jesus Cristo, nascem dos mistérios da Sua encarnação, morte e ressurreição. Ou melhor, do grande único mistério composto por tais três momentos-chave da História da Salvação. Neste sentido, os sacerdotes participam deste único *múnus* de Cristo – que, no entanto, se reparte em três – apenas porque têm como referência esse acontecimento salvífico que foi a Páscoa do Senhor morto e ressuscitado, o qual se atualiza na Igreja por meio do seu Espírito²⁹⁶.

Esta divisão tripartida do ministério de Cristo aparece também nos escritos dos Padres da Igreja do séc. II, no entanto, inicialmente tal referência é feita separadamente e nunca como um conjunto de três serviços²⁹⁷. De facto, os Padres da Igreja valorizavam esta ou aquela dimensão do *múnus* crístico em função do seu desejo de sintonia com as diversas circunstâncias em que escreviam os seus textos. Esta diferente valorização de um dos serviços em particular, que não é desconsideração dos demais, pode mesmo ser generalizada, sem traição alguma para com a verdade, para a sensibilidade mais ampla de diferentes comunidades. Assim, a comunidade de Alexandria valorizava mais o *múnus* profético e, portanto, o ensino da palavra. Já a Igreja de Antioquia apreciava mais o carácter sacrificial do sacerdócio e a de Roma dava mais relevo à questão da autoridade e do governo²⁹⁸.

Foi apenas com Justino de Siquém – o primeiro autor a aludir aos três *múnus* no seu conjunto –, Eusébio de Cesareia, Jerónimo de Strídon e Pedro Crisólogo que encontramos as primeiras referências a esta trilogia do serviço enquanto um todo²⁹⁹. Já na era medieval, e mais ainda no período póstumo ao Concílio de Trento, raramente o *tríplice múnus* é mencionado em relação a Cristo. Exceção à era medieval foi Tomás de Aquino que fez algumas referências ao *múnus* profético e sacerdotal em relação a Cristo, e também ao significado do poder régio e judicial de Cristo. De facto, no que concerne ao *tríplice múnus*, a teologia medieval e a teologia posterior a Trento destacam e dão mais relevo e preponderância à dimensão sacerdotal ou sacrificial do ministério de Cristo³⁰⁰.

Nos finais do séc. XVIII surgiram, na teologia católica, os primeiros estudos mais sistemáticos a respeito da temática dos três serviços e foi na primeira metade do séc. XIX que o teólogo católico alemão Matthias Joseph Scheeben se tornou no primeiro teólogo a

²⁹⁶ Cf. PONCE CUÉLLAR, Miguel – *Llamados a servir: teologia del sacerdocio ministerial*. Barcelona: Herder, 2001, p. 474.

²⁹⁷ Cf. ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 545.

²⁹⁸ Cf. PONCE CUÉLLAR – *Llamados a servir*, p. 475.

²⁹⁹ Cf. ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 545.

³⁰⁰ Cf. ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 546.

tratar esta temática mais amplamente e com maior profundidade e «sob cujo influxo se impôs à consideração de vários teólogos modernos»³⁰¹. Chegados ao II CV, vemos que o tríplice múnus é abordado na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – como veremos apropriadamente mais à frente – e estendido, de modo proeminente, aos apóstolos e aos seus sucessores específicos na missão da Igreja: os bispos, os quais participam do mesmo múnus³⁰². Proeminente, sim, mas não exclusivo, pois também os presbíteros, os diáconos e os leigos participam, de modos diferentes, em tal múnus.

Posto isto, é de se fazer observar que, segundo Olegário González de Cardedal, esta divisão tripartida – profeta, sacerdote e rei – do ministério de Cristo é de alguma forma fabricada ou artificial, simplesmente porque, aparentemente sem qualquer lógica, escolhe apenas três dos inúmeros títulos que os Textos Sagrados atribuem a Jesus de Nazaré. De facto, segundo González de Cardedal, tal divisão «não faz justiça à complexidade da existência de Jesus, cuja função de revelação se estende a toda a sua vida e não só a uma das suas partes, por exemplo, a pregação»³⁰³. Para este autor, o tríplice múnus não é mais do que uma expressão metafórica para se falar das ações de Cristo enquanto salvador da humanidade. É verdade que, de certa forma, a escolha destes três títulos entre os inúmeros títulos atribuídos a Jesus de Nazaré possa parecer artificial pois não dizem a complexidade de toda a natureza e missão de Jesus. No entanto, não deveremos ficar aprisionados a tal parecer. De facto, são estes três serviços como poderiam ser outros, do mesmo modo que os Sacramentos são sete e não oito. Neste sentido, é mesmo porque Cristo ressuscitado continua ativamente presente na Sua Igreja que, de acordo com o teólogo salmantino, tal múnus se encontra na *Ecclesia*, tendo O mesmo transmitido esse poder aos apóstolos e, conseqüentemente, aos sucessores destes³⁰⁴.

Uma vez feito este enquadramento mais geral dos *tria munera*, e depois de, no precedente capítulo deste Trabalho, termos olhado para o texto *De Sacerdotio* na sua totalidade – de modo a apresentarmos uma síntese comentada pessoal do mesmo –, cremos estar em condições para avançar. E avançar para a extração, do texto de João Crisóstomo, dos elementos mais identificativos e significativos do ministério sacerdotal

³⁰¹ ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 546.

³⁰² Cf. ALFARO – Las funciones salvíficas de Cristo, p. 546.

³⁰³ GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. 2ª ed. Madrid: BAC, 2012, p. 531.

³⁰⁴ Cf. GONZÁLEZ DE CARDEDAL – *Cristología*, p. 531.

à luz do tríplice múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, propondo nós este tripé ministerial como os traços identificativos do ministério sacerdotal.

Todavia, antes de avançarmos para a persecução do que acabámos de mencionar, queremos garantir que a nossa proposta de estudo é viável e justa. Na realidade, não nos desejamos colocar na situação de pormos o *De Sacerdotio* a dizer o que ele não disse, antes apresentar o que referimos no parágrafo anterior a partir do claramente presente nessa mesmíssima Obra. Como garantia de viabilidade e de justiça do nosso empreendimento, cremos ser oportuno referir que numa tal análise não nos encontramos sozinhos, qual peregrinos em busca de um caminho original e único para chegarem ao seu destino, antes seguimos na alçada de um dos mais conhecidos e reputados teólogos do século XX: o cardeal francês Henri-Marie Joseph Sonier de Lubac.

Henri de Lubac refere claramente a presença das três funções crísticas no *De Sacerdotio*. Para este teólogo francês, João Crisóstomo distingue de forma clara os três múnus que temos vindo a referir: enquanto pastor e chefe, conduz e guia a comunidade; enquanto sacerdote, celebra os mistérios da paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus; por fim, enquanto profeta, é o fiel guardião da doutrina e dos Textos Sagrados, tendo o encargo de ensinar a sua comunidade, mormente no que diz respeito à leitura da Sagrada Escritura e dos autores cristãos³⁰⁵.

Ainda de acordo com Lubac, o presbítero, em comunhão com o bispo, participa no próprio tríplice múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, razão pela qual este teólogo francês afirma que, ao ser entendido no *De Sacerdotio* dentro da consideração mais ampla do episcopado e presbiterado, tal participação sacerdotal é uma honra desmedida. Honra, sim, mas não no sentido de um prémio ou condecoração, mas de um excelso dom dado por Deus àqueles que O amam³⁰⁶.

Anteriormente, na brevíssima resenha histórica que fizemos sobre a importância dada ao tríplice múnus, percebemos que, em geral e ao longo de dois mil anos de história, a tendência geral foi a de não se dar atenção ao conjunto dos três, antes aos mesmos tidos de modo mais individual, embora sem desvalorização dos demais. No *De Sacerdotio*, o nosso Autor também não refere explicitamente uma trilogia do serviço ministerial, contudo, tais serviços surgem, na nossa Obra, como realidades fundamentais para o ofício

³⁰⁵ Cf. LUBAC – Le Dialogue sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 824-825.

³⁰⁶ Cf. LUBAC – Le Dialogue sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 824.

sacerdotal que se complementam umas às outras. O mesmo Henri de Lubac certifica esta nossa afirmação:

«As três funções que reconhece não estão separadas, para ele, mas ligadas reciprocamente: aquele que conduz e ensina o povo é aquele que lhes transmite o dom de Deus; nesta tríplice e única tarefa ele é verdadeiramente (embora sempre ministerialmente) o pai deles: gera para a vida divina como os nossos pais nos geraram para a vida presente»³⁰⁷.

3.1.1. Múnus sacerdotal ou santificar

É por meio do ofício sacerdotal que o bispo e o presbítero santificam a pessoa, mediante a celebração do mistério sacrificial da Eucaristia, o perdão dos pecados e o Batismo. Isto, nas palavras de Bento XVI proferidas aquando de uma Audiência geral dedicada ao tema do *munus sanctificandi*, «significa colocá-la em contacto com Deus, com este seu ser luz, verdade, amor puro»³⁰⁸.

É no Livro III do *De Sacerdotio* que Crisóstomo mais fala do sacerdócio como aquilo que podemos identificar como o múnus sacerdotal ou de santificar, sendo no centro narrativo de toda a Obra que surge o grande elogio ao sacerdócio cristão como aquele que, pelo culto, é capaz de a todos transportar para as realidades celestes. Ou seja: capaz de fazer descer o Céu à terra, para, assim e do mesmo modo, elevar a terra ao Céu e santificar e divinizar os crentes. De facto, o sacerdócio cristão – por meio do culto e da celebração do(s) mistério(s) da paixão, morte e ressurreição do Senhor – é capaz de santificar todos aqueles que participam de tais realidades que João nomeia de celestes, sendo, portanto, tal ação santificadora «um centro específico do seu modelo de sacerdote»³⁰⁹.

3.1.1.1. O Sacrificio eucarístico

Para João, o sacerdócio cristão supera o sacerdócio antigo judaico. Vimos isso no capítulo precedente quando nos reportámos a algumas passagens veterotestamentárias referentes ao profeta Elias. Através da sua leitura, de certo modo simbólica, desses textos bíblicos, Crisóstomo propõe uma nítida teologia da superação em que o novo supera o antigo e a Nova Aliança completa e leva à plenitude a Antiga Aliança. Nessas passagens do AT são revelados, de forma prefigurada e ante o nosso olhar, os mistérios – culto

³⁰⁷ LUBAC – Le Dialogue sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 825.

³⁰⁸ IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (5 de maio de 2010).

³⁰⁹ ASOLAN, Paolo – *Il pastore in una chiesa sinodale: una ricerca odegetica*. Città del Vaticano: Lateran Università Press, 2017, p. 120.

eucarístico, perdão dos pecados e Batismo – fundamentais do exercício santificante do sacerdócio cristão. De facto, diz João que «a hombres que habitan la tierra y pasan el tiempo en ella, se les ha confiado administrar las realidades celestes, y han recibido el poder que Dios no otorgó ni a los ángeles ni a los arcángeles»³¹⁰. Assim, os sacerdotes são chamados a serem fiéis administradores dos dons que Deus lhes concede (cf. *IPe.* 4,10). Nota-se facilmente, desde o texto do *De Sacerdotio* que foi transcrito anteriormente, o apreço que João tem pelo ministério sacerdotal.

Para o nosso Autor, o Sacrifício eucarístico é um serviço sacerdotal de grande sublimidade capaz de fazer os cristãos participantes das realidades celestes³¹¹. Por isso, questiona João de forma retórica: «quando ves al Señor inmolado e yacente, al sacerdote que preside el sacrificio y ora, y a todos bañados en aquella preciosa sangre, ¿piensas que aún estás entre los hombres y sobre la tierra y, en cambio, no piensas que al punto has emigrado al cielo?»³¹². O nosso Teólogo descreve com grande sublimidade e realismo o mistério do Sacrifício eucarístico dentro da função sacerdotal de santificação, sendo que o mais admirável no mesmo é que todo ele é um puro dom de Deus. Para o nosso Pensador, a celebração do sacrificio eucarístico é o maior dos poderes litúrgicos do sacerdote e podemos constatar isto mesmo também pela forma como ele descreve a celebração destes mistérios, tanto que, «neste sentido, ele foi chamado *Doctor Eucharistiae*»³¹³.

3.1.1.2. O perdão dos pecados e o Batismo

Outro dom associado ao serviço santificante é o poder de ligar e desligar; quer dizer: o de perdoar objetivamente os pecados no que hoje denominamos de Reconciliação penitencial³¹⁴. Ao sacerdote cristão, e tal como recorda João Crisóstomo, é dado, com efeito, o poder de curar, de perdoar os pecados, de sarar as feridas ao longo de toda a sua vida ministerial pelo exercício, em Cristo Jesus e na Igreja, daquela Reconciliação. Tudo

³¹⁰ *De Sac.* III,5: «Οί γάρ τὴν γῆν οἰκοῦντες καὶ ἐν ταύτῃ ποιούμενοι τὴν διατριβὴν τὰ ἐν οὐρανοῖς διοικεῖν ἐπετρέπησαν καὶ ἐξουσίαν ἔλαβον ἣν οὔτε ἀγγέλους οὔτε ἀρχαγγέλους ἔδωκεν ὁ Θεός» [*SCh.* 272, p. 148].

³¹¹ Cf. RAPP – Pragmatic authority, p. 46.

³¹² *De Sac.* III,4: «Ὅταν γὰρ ἴδῃς τὸν Κύριον τεθυμένον καὶ κείμενον, καὶ τὸν ἱερέα ἐφεστῶτα τῷ θύματι καὶ ἐπευχόμενον, καὶ πάντας ἐκεῖνον τῷ τιμίῳ φοινισσομένους αἵματι, ἄρα ἔτι μετὰ ἀνθρώπων εἶναι νομίζεις καὶ ἐπὶ τῆς γῆς ἐστάναι, ἀλλ' οὐκ εὐθέως ἐπὶ τοὺς οὐρανοὺς μετανίστασαι καὶ πᾶσαν σαρκικὴν διάνοιαν ἐκβάλλων» [*SCh.* 272, p. 142.144]; cf. WENGER – Jean Chrysostome, col. 344.

³¹³ ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 120.

³¹⁴ Cf. RAPP – Pragmatic authority, p. 46.

isto é possível só porque «lo que los sacerdotes obran aqui abajo, Dios lo ratifica allí arriba, y el Señor confirma la determinación de sus siervos»³¹⁵.

Também o Batismo é um dom de Deus, sendo que, por ele, o sacerdote similarmemente tem o poder de perdoar os pecados – e, desde o lado do sujeito que o recebe, esse evento é mesmo a primeira vez em que este recebe tal perdão pelo sacerdote –, mas sobretudo de fazer (re)nascer o sujeito por meio da água e do Espírito Santo (cf. *Jo.* 3,5). Na nossa opinião, é belíssima a imagem utilizada por João para descrever o ofício sacerdotal em ação no Batismo. Ora vejamos: se no Batismo, pela água e pelo Espírito, o ser humano é feito cristão, filho no Filho e sepultado com Cristo para com Este voltar a nascer para uma nova vida (cf. *Rm.* 6,4; *Cl.* 2,12), então o sacerdote é aquele instrumento humano que, pelo poder confiado pelo Senhor à Sua Igreja, permite que tal nascimento ocorra, estando-lhe confiado a tarefa de ser como que uma parteira espiritual: «éstos son; sí; éstos son a quienes se les han confiado los partos espirituales, a quienes se les há encomendado el parto por medio del bautismo»³¹⁶.

3.1.2. Múnus profético ou ensinar

É também pelo ministério da pregação e do ensino que o sacerdote torna Deus presente no seio do mundo, sendo tal ação como luz que alumia e que, portanto, não pode permanecer escondida, muito menos apagada (cf. *Mt.* 5,15; *Lc.* 11,33). Essa luz é, de modo especial, a Palavra de Deus, farol para a humanidade (cf. *Sl.* 119,105), não sendo, portanto, uma mera ideia ou opinião do sacerdote, muito menos uma qualquer filosofia *à la carte* de onde o sacerdote retira o que mais lhe convém para agradar. Quando o sacerdote proclama e explica a Sagrada Escritura está a proclamar a ressurreição do Senhor, por isso, não deve inventar, mas procurar ser fiel à mensagem que recebeu e que pretende transmitir, mesmo que isso implique falar sem que ninguém o queira ouvir. No entanto, é aí que, também no parecer de Bento XVI expresso numa sua Audiência Geral dedicada ao *Munus docendi*, reside a força profética: «em nunca ser homologado, nem homologável, a alguma cultura ou mentalidade dominante, mas em mostrar a única novidade capaz de produzir uma autêntica e profunda renovação do homem, ou seja, que é Cristo vivente, é o Deus próximo»³¹⁷.

³¹⁵ *De Sac.* III,5: «καὶ ἄπερ ἂν ἐργάζωνται κάτω οἱ ἱερεῖς, ταῦτα ὁ Θεὸς ἄνω κυροῖ καὶ τὴν τῶν δούλων γνώμην ὁ δεσπότης βεβαιοῖ» [*SCh.* 272, p. 148].

³¹⁶ *De Sac.* III,6: «Οὗτοι γάρ εἰσιν, οὗτοι οἱ τὰς πνευματικὰς πιστευθέντες ὡδίνας καὶ τὸν διὰ τοῦ βαπτίσματος ἐπιτραπέντες τόκον» [*SCh.* 272, p. 150]; cf. WENGER – Jean Chrysostome, col. 344.

³¹⁷ IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (14 de abril de 2010).

No ponto anterior, ao falarmos do múnus de santificar, percebemos que este é de extrema importância na visão que o nosso Autor tem do sacerdócio cristão, sobretudo no que se refere à celebração do Sacrifício eucarístico. Agora veremos que para João Crisóstomo o ministério da Palavra é outro dos pilares fundamentais do exercício da cura pastoral³¹⁸. Deveras, o múnus do ensino e da pregação, a par da Eucaristia, é essencial para a vida ministerial do presbítero e do bispo³¹⁹, e é um serviço concreto que estes devem prestar sempre e incansavelmente aos fiéis das suas comunidades³²⁰.

Como já vimos em apartados anteriores, a capacidade de João Crisóstomo para a pregação era notável. Ele, que ficou conhecido como um dos maiores pregadores e hábeis utilizadores da palavra e da arte da retórica, não poderia deixar de mencionar no *De Sacerdotio* a importância do uso do discurso e da pregação no ministério sacerdotal. É nos livros IV e V da Obra que está a merecer a nossa atenção, que o nosso Autor mais se foca nesse aspeto. Fazendo um paralelismo com a doença física e seus remédios, Crisóstomo fala da pregação como remédio para os males do espírito, para as doenças ou patologias espirituais, sendo que para ele, «junto con el testimonio de las obras, se concede un único remedio y camino de curación: la enseñanza por medio de la palabra»³²¹.

3.1.2.1. A importância da pregação para a cura pastoral

É pelo estudo e o ensino da Palavra que o sacerdote é capaz de pugnar contra todos aqueles que atacam a comunidade. Para que a comunidade não seja atacada, o sacerdote deve estar preparado para combater em todas as frentes. De facto, e como diz João Crisóstomo no Livro IV do *De Sacerdotio*, a Palavra é um importante escudo de defesa e simultaneamente uma arma de investida contra aqueles que procuram derrubar o ministro para, depois, se apoderarem da comunidade³²². É neste sentido que o nosso Autor refere que é pelo estudo da Palavra que o pastor deve se tornar astuto para que as suas ovelhas, sobretudo as mais frágeis a diversos níveis, não sejam levadas pela heresia:

«Para todo esto se ha concedido solamente la protección de la palabra. Si uno está privado de esta capacidad, las almas de los que han sido colocados bajo él, me refiero a

³¹⁸ Cf. DAVIS – St John Chrysostom on ministry, discernment, and call, 411.

³¹⁹ Cf. ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 118.

³²⁰ Cf. SOUSA, Pío G. Alves – O ministério da palavra nos livros *De Sacerdotio* de s. João Crisóstomo. *Theologica*. 9 (1974) 160-161.

³²¹ *De Sac.* IV,3: «Ἐνταῦθα δὲ οὐδὲν τούτων ἐπινοῆσαι ἔστιν, ἀλλὰ μία τις μετὰ τὰ ἔργα δέδοται μηχανὴ καὶ θεραπείας ὁδός, ἢ διὰ τοῦ λόγου διδασκαλία» [*SCh.* 272, p. 250].

³²² Cf. *De Sac.* IV,4.

las más débiles e indiscretas, no se encontrarán en una situación mejor que las barcas sacudidas continuamente por la tormenta. Por ello, el sacerdote tiene que hacer todo lo posible por adquirir esta capacidad»³²³.

Assim sendo, é claro que para o nosso Teólogo a pregação e a arte da palavra são de extrema importância no ofício do sacerdote. E são-no essencialmente por três motivos: «para combater os inimigos externos à Igreja; para combater os inimigos internos à Igreja (são a ignorância, a heresia e a superstição); para o ministério da pregação ordinária ao povo de Deus»³²⁴. Neste sentido, para o nosso Autor e como já apontámos, tal arte tanto serve de escudo de proteção como de arma de arremesso, razão pela qual é fundamental e de extrema importância para João Crisóstomo que o pastor seja hábil na mesma e, sobretudo, prudente na tarefa de falar e ensinar³²⁵. Utilizando as palavras de Gian Franco Saba, «a palavra é uma arte que, para Crisóstomo, constitui uma ferramenta pastoral de grande relevo: é, por isso, necessário conhecê-la em todas as suas dimensões a fim de a utilizar em diversas circunstâncias e adaptá-la para defender e guardar o rebanho»³²⁶.

3.1.2.2. Paulo, insigne mestre na arte da palavra

Não poderíamos falar da pregação da Palavra no *De Sacerdotio* sem referir a importância que, para o nosso Autor, Paulo possui como insigne mestre nesse âmbito. De facto, a esta tal relação João-Paulo já aludimos no capítulo precedente. No entanto, para João Crisóstomo, muitos não perceberam a profundidade das palavras do apóstolo. Este, com o seu saber crístico adaptado às ocasiões e destinatários, venceu inúmeros inimigos pela força das suas palavras e foi por estas que orientou os cristãos de diversas e distintas comunidades, razão pela qual Crisóstomo admite que o sacerdote pode não ter uma dicção perfeita ou um vocabulário muito rico, mas não deve ser ignorante:

«Admito que alguien pueda ser pobre en la dicción y que la articulación de las palabras sea simple y llana, con tal de que no sea ignorante en el conocimiento y en la exactitud de la doctrinas y con tal de que, para ocultar la propia pereza, no se le arrebatase a aquel bienaventurado el mayor de los bienes y el principal de los elogios»³²⁷.

³²³ *De Sac.* IV,5: «Πρὸς ἅπαντα δὲ ταῦτα ἕτερον μὲν οὐδέν, ἢ δὲ τοῦ λόγου βοήθεια δέδοται μόνη· κἂν τις ταύτης ἀπεστερημένος ἢ τῆς δυνάμεως, οὐδὲν ἄμεινον τῶν χειμαζομένων πλοίων διηκεῶς αἰ ψυχαὶ τῶν ὑπ' αὐτῷ τεταγμένων ἀνδρῶν διακείσονται, τῶν ἀσθενεστέρων καὶ περιεργότερων λέγω» [*SCh.* 272, p. 262].

³²⁴ ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 117.

³²⁵ Cf. SOUSA – O ministério da palavra, 161.

³²⁶ SABA – *Il dialogo sul sacerdozio di Giovanni Crisostomo*, p. 567.

³²⁷ *De Sac.* IV,6: «Ἄλλ' ἐξέστω καὶ τῇ λέξει πτωχεύειν καὶ τὴν συνθήκην τῶν ὀνομάτων ἀπλῆν τινα εἶναι καὶ ἀφελῆ, μόνον μὴ τῇ γνώσει τις καὶ τῇ τῶν δογμάτων ἀκριβεῖα ἰδιώτης ἔστω· μὴδ' ἵνα τὴν οἰκείαν ἀργίαν ἐπικαλύψῃ, τὸν μακάριον ἐκεῖνον ἀφαιρέσθω τὸ μέγιστον τῶν ἀγαθῶν καὶ τὸ τῶν ἐγκωμίων κεφάλαιον» [*SCh.* 272, p. 270].

Voltemos a salientar o capital: segundo o nosso Autor, o apóstolo Paulo fez-se vencedor não só pelas obras, mas também, e sobretudo, pela pregação que as acompanhava. Também a respeito desta unidade entre o que se diz e o que se faz, diz Bento XVI a respeito de João: «na realidade, em Crisóstomo há uma unidade substancial de pensamento e de acção tanto em Antioquia como em Constantinopla. Mudam só o papel e as situações»³²⁸. Perante isto, Crisóstomo lança-se numa sequência de questões retóricas, interpelando, desse modo, o seu interlocutor apenas com o intuito de mostrar tal facto, nomeadamente salientando que «antes de los milagros y en medio de ellos, [Pablo] hizo uso abundante de la palabra»³²⁹. Assim, João, recordando as palavras do apóstolo a Timóteo (cf. *ITm.* 4,13) mostra que o sacerdote deve ser um homem dedicado à leitura, à pregação e ao ensino assíduo da Palavra, igualmente para que, desse modo e fruto da grande familiaridade com a Palavra de Deus que assim logrará, venha a ser alguém paciente e capaz de ensinar a todos e com todos os recursos da palavra³³⁰. Note-se, enfim, que apesar de João dizer que se dirige especialmente aos sacerdotes – bispos e presbíteros –, também afirma que as suas palavras acerca do tema agora em consideração são para todos os batizados, recordando que é dever de todo o cristão conhecer os Textos Sagrados³³¹.

3.1.2.3. O dever do estudo e critério para uma boa pregação

Face ao antes apontado, estimamos ser de grande relevo salientar, com Henri de Lubac, a importância do estudo dos Textos Sagrados para, dessa forma, poder transmitir fielmente à sua comunidade o Evangelho. Tal pregação exige trabalho e esforço da parte do sacerdote, pois se este quiser dar bom uso à Palavra, deve estudá-la e preparar-se para adquirir o talento para a oratória³³². A importância deste tema é corroborada por Alves de Sousa, conceituado estudioso português do texto do nosso Autor: «afirma-se de este modo que o sacerdote deve dedicar-se ao estudo da Sagrada Escritura, deixar-se penetrar pela

³²⁸ IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (26 de setembro de 2007).

³²⁹ *De Sac.* IV,7: Ὅταν οὖν καὶ πρὸ τῶν σημείων καὶ ἐν μέσοις αὐτοῖς φαίνηται πολλῶ κεκρημένος τῷ λόγῳ» [*SCh.* 272, p. 272].

³³⁰ Cf. RAPP – Pragmatic authority, p. 47

³³¹ Cf. *De Sac.* IV,8.

³³² Cf. LUBAC – Le Dialogue sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome, 825.

Palavra de Deus, conseguindo assim essa necessária preparação com vista à transmissão fiel da mensagem e à defesa do dogma»³³³.

No entanto, e como tivemos a oportunidade de referir de passagem, também os demais fiéis devem estudar a Sagrada Escritura e procurar viver segundo a Palavra de Deus. Só assim é que serão profundos conhecedores dos Textos Sagrados, pois o abandono da leitura da Palavra de Deus e a falta de consciência da utilidade da mesma são dois problemas que traduzem e indiciam a decadência do ensino cristão³³⁴.

Para que exista um maior interesse pelos Textos Sagrados entre os membros de uma comunidade, é importante que a atitude dos fiéis comece por ser a mais correta possível também perante o pregador, algo que, segundo constata João, nem sempre acontece. No entanto, e como afirma o nosso Autor, o pregador deve saber não só evitar desanimar-se pelos maus comentários e pelas críticas, como também ensoberbecer-se pelos elogios e enaltecimentos³³⁵.

Posto isto, que apresentámos na breve pretérita digressão, é claro que, para João, as pregações e os discursos sacerdotais devem ser perfeitamente fiéis aos Textos Sagrados e nunca devem ser escritos e/ou proferidos ao sabor das opiniões, geralmente infetadas pelo egoísmo, de quem os profere. De facto, o nosso Autor, também reforçando uma ideia que já vimos no final do parágrafo anterior, afirma: «el que ha aceptado el combate de la enseñanza no se fie de las felicitaciones de los de fuera ni abata su alma a causa de ellos, sino que, componiendo sus discursos para agradar a Dios»³³⁶. No entanto, isto não quer dizer que uma pregação só é bem feita quando contraria sistematicamente o gosto e a opinião dos fiéis: isso seria insensato, pois tal opinião e gosto já podem estar assaz cristianizados. João apenas adverte o sacerdote para que este use de precaução nas suas mensagens de forma a evitar que as pregações, com claro prejuízo para a correta transmissão fiel da Palavra, acabem por andar ao sabor dos interesses e das inclinações, seja dos ouvintes, seja do próprio sacerdote³³⁷.

Já o vimos numa anterior citação que fizemos do *De Sacerdotio*: o único critério de uma pregação deve ser o de se agradar a Deus, pois só daqui é que a exposição e o

³³³ SOUSA – O ministério da palavra, 163-164.

³³⁴ Cf. SABA – *Il dialogo sul sacerdozio di Giovanni Crisostomo*, p. 562.

³³⁵ Cf. *De Sac.* V,1-2 e, depois, SOUSA – O ministério da palavra, 164-165.

³³⁶ *De Sac.* V,7: «Μὴ τοίνυν μήτε ὁ τῆς διδασκαλίας ἀναδεξάμενος τὸν ἀγῶνα ταῖς τῶν ἕξωθεν εὐφημίαις προσεχέτω, μηδὲ ἀπὸ τούτων τὴν ἑαυτοῦ καταβαλλέτω ψυχὴν, ἀλλ' ἐργαζόμενος τοὺς λόγους ὡς ἂν ἀρέσειε τῷ Θεῷ» [*SCh.* 272, p. 296.268].

³³⁷ Cf. SOUSA – O ministério da palavra, 168-169.

ensino, aos fiéis, dos Textos Sagrados serão fecundos. Só preparando o que irá ensinar tendo em consideração o desejo de agradar a Deus, é que o sacerdote será livre para dizer a verdade objetiva, mesmo que isso implique ser incômodo.

3.1.3. Múnus real ou governar

Se é Cristo que, pelo sacerdote, governa a comunidade dos fiéis, então é preciso que o sacerdote ame profunda e profusamente a Cristo. Como vimos, quando apresentámos no capítulo anterior desta Dissertação o Livro I do *De Sacerdotio*, é no amor *de* Cristo e *a* Cristo que radica todo o empreendimento pastoral. É necessário, pois, que o pastor, enquanto guia da comunidade, esteja consciente da sua identidade e continuamente alimente a relação de amizade com Cristo, único pastor. Só assim é que o sacerdote será capaz de conformar a sua vida com Cristo e, desse modo, conduzir, à maneira do Senhor, a comunidade, não para onde ele quer, mas para onde Cristo quer. Se a condução é, como dissemos, “à maneira do Senhor”, então o sacerdote não pode ser autoritário ou dominante, pois o próprio sacerdócio em Cristo não é uma promoção, antes, e como referiu Bento XVI numa Audiência Geral dedicada ao *munus regendi* sacerdotal, um ministério; ou seja, um serviço realizado no amor e na humildade³³⁸.

Assim, o *De Sacerdotio* de João Crisóstomo, ajuda, a seu modo, a estabelecer uma diferença entre o governo civil – neste caso imperial e pagão, pois embora o Cristianismo já estivesse difundido na corte, o mesmo, tal como constatamos no primeiro capítulo deste nosso Trabalho, ainda era quase encarado como uma forma de se ter um determinado estatuto social – e uma administração eclesial cristã – no caso do sacerdote, seja este presbítero ou bispo. Para o arcebispo católico Gian Franco Saba, tal diferença reside numa única característica específica do sacerdote: na moral ou consciência interior que o sacerdote possuiu, ou devia possuir, em relação à natureza do seu ato de governo. Assim sendo, no *De Sacerdotio*, o nosso Autor vai ilustrando como é que o sacerdote se deve colocar perante a sociedade helenista da sua época. Partindo daqui, João Crisóstomo revela-nos a maneira de ser do sacerdote em relação a cada uma das múltiplas e diferentes realidades do seu quotidiano, devendo tal sacerdote procurar sempre, com sensatez e prudência, o equilíbrio fundamental entre a sua disposição e crenças interiores face ao contexto social, político e religioso que o rodeia³³⁹.

³³⁸ Cf. IGREJA CATÓLICA, Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (26 de maio de 2010).

³³⁹ Cf. SABA – *Il dialogo sul sacerdozio di Giovanni Crisostomo*, p. 535.

Já o vimos: contrapondo a vida monacal à vida secular do sacerdote, João Crisóstomo diz que a segunda é mais difícil, porque se, por um lado, o monge se encontra mais protegido no mosteiro longe das tentações mundanas, pelo outro lado, o sacerdote cristão vê-se diariamente colocado à prova. Este último é chamado a conduzir a sua comunidade no meio das tribulações e agruras do mundo, muitas vezes como que no seio de uma barca no meio da tempestade. Por isso, o pastor deve ser astuto e inteligente para, governando a sua comunidade de modo crístico, a conduzir à santificação: «as atitudes da governação são, por sua vez, resumidas numa particular habilidade ou sagacidade que sabe como encontrar as ações adequadas e a forma mais apropriada para a singular incumbência do cuidado pastoral»³⁴⁰. Assim, o sacerdote é chamado a presidir à sua comunidade de modo que a leve a bom porto e quando tal acontece é motivo para sentir e viver um humilde contentamento. Crisóstomo refere justamente isto com as seguintes palavras:

«Pero si uno, que se ha entregado a muchedumbres enteras y ha sido obligado a llevar los pecados de muchos, permanece firme y constante, pilotando su alma en medio de la tempestade como si hubiese bonanza, es justo que ése sea aplaudido y admirado por todos. Mostró de manera suficiente la prueba de su propia fuerza»³⁴¹.

Ainda a respeito do serviço de governo da comunidade, o nosso Pensador dá alguns conselhos que o sacerdote deve tomar em conta em relação às viúvas, às virgens, aos pobres, aos doentes, ao poder judicial e à relação do pastor com os membros da comunidade, incluindo as autoridades civis. Este é, de algum modo e para o nosso Autor, o papel de governo sócio-ecclesial do pastor³⁴². De modo sintético, e apesar de todas as diferenças naturais inerentes àqueles âmbitos, todos devem ser pautados por uma vida crucificada e ressuscitada; crucificadora do mal e ressuscitadora das pessoas. Mas veremos, já na continuação, alguns casos concretos.

3.1.3.1. O cuidado para com as viúvas e as virgens

Para João Crisóstomo, as viúvas, quando são acolhidas pelo pastor, podem esperar que este proveja a sua digna sustentação para que, dessa forma, não lhes falte alimento. Para tal tarefa, ou mais formas de serviço na mesma linha, o sacerdote deve ser um bom

³⁴⁰ ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 116-117.

³⁴¹ *De Sac.* VI,6: «Ἄλλ' εἴ τις πλήθεσιν ὄλοις ἑαυτὸν ἐκδεδωκῶς καὶ τὰς τῶν πολλῶν φέρειν ἁμαρτίας ἀναγκασθεὶς ἔμεινεν ἀκλινῆς καὶ στερρός, ὥσπερ ἐν γαλήνῃ τῷ χειμῶνι τὴν ψυχὴν διακυβερνῶν, οὗτος κροτεῖσθαι καὶ θαυμάζεσθαι παρὰ πάντων ἂν εἴη δίκαιος· ἱκανῶς γὰρ τῆς οἰκείας ἀνδρείας τὴν δοκιμασίαν ἐπεδείξατο» [*SCh.* 272, p. 324].

³⁴² Cf. DE SIMONE – *Ministero ordinato*, p. 70.

administrador, mas também escolher colaboradores competentes nessa área, não bastando, nem para aquele, nem para estes, o desprendimento dos bens materiais. Acima deste desprendimento – que, contudo, é uma qualidade imprescindível que deve possuir um bom administrador – deve estar a sábia arte da paz: a paciência. Muitas vezes, o pastor, encarregado desta nobre tarefa de administrar e presidir, ouve comentários desagradáveis, e, assim, a paciência é fundamental para que não se irrite, antes suporte todas as críticas com um amor crístico piedoso e sensato³⁴³.

Para João Crisóstomo, o pastor deve ser, portanto, bom administrador, paciente, devoto e ponderado, para, desse modo, conseguir que as riquezas sejam distribuídas. Ou seja, se o pastor tiver tais qualidades, aqueles que possuem riquezas não hesitarão em contribuir, com empenho e generosidade, para a causa dos pobres. Assim, diz João a respeito daquele que protege as viúvas – e, acrescentamos nós, os pobres e padecentes –: «el protector de las viudas no sólo há de ser benigno y paciente sino también, y no menos, un buen administrador. Si esto falta, los recursos de los pobres se encuentran expuestos, a sua vez, a un peligro proporcional»³⁴⁴.

Já quanto às virgens, estas requerem, segundo o nosso Pensador, uma atenta e solícita vigilância, a qual, para o pastor, se pode revelar muito difícil, dado que o contacto com elas, devido à humana fraqueza dos envolvidos, pode ser ocasião para sentimentos e comportamentos que se revelem inapropriados. No entanto, a grande recomendação que Crisóstomo faz acerca das virgens é que o pastor não deve abrigá-las em sua casa³⁴⁵. Esta advertência vai em linha com o que vimos, no primeiro capítulo deste Trabalho, acerca de algumas das reformas que João fez quando foi eleito bispo de Constantinopla, pois ele já se havia apercebido da falta de idoneidade dos padres desta cidade a respeito, quer da administração dos bens para os pobres – sendo que a maioria ia mesmo para proveito próprio –, quer da permanência de viúvas e virgens nas casas particulares de membros do clero.

3.1.3.2. A atividade judicial e a aceção de pessoas

Neste nosso apartado sobre o múnus de governar, partindo do *De Sacerdotio* de João Crisóstomo, é de especial referência a atenção que o nosso Autor dá a respeito da

³⁴³ Cf. *De Sac.* III,12.

³⁴⁴ *De Sac.* III,12: «Οὐκ ἐπιεικῆ δὲ μόνον καὶ ἀνεξίκακον τὸν τούτων προστάτην, ἀλλὰ καὶ οἰκονομικὸν οὐχ ἥττον εἶναι χρὴ ὥς, ἐὰν τοῦτο ἀπῆ, πάλιν εἰς τὴν ἴσην περιίσταται ζημίαν τὰ τῶν πενήτων χρήματα» [*SCh.* 272, p. 208].

³⁴⁵ Cf. *De Sac.* III,13.

atividade judicial e à seleção que o próprio pastor faz de quem visita. Em relação à atividade judicial, Crisóstomo diz: «ya algunos hombres débiles cayeron en dificultades y naufragaron en la fe por no encontrar protección. Muchos de los que han sufrido alguna injusticia detestan a quienes no los protegen, tanto como a los que han cometido con ellos la injusticia»³⁴⁶. Perante tais palavras percebemos que o pastor deve proteger a sua comunidade e zelar pela verdade e pela justiça, para que nenhum daqueles que está ao seu cuidado se perca apenas porque não teve auxílio. Na verdade, não raras vezes era – e ainda é –, por falta deste apoio, de refúgio e proteção, por parte do seu pastor, que muitos cristãos se afastavam – e ainda se afastam – das comunidades.

A isto acresce, a respeito das visitas, o facto do sacerdote, à imagem do próprio Deus, não dever fazer discriminação de pessoas³⁴⁷. De facto, «o sacerdote é responsável por todo o rebanho e tem de lidar com pessoas de todas as condições»³⁴⁸. Todos querem, e precisam de, ser visitados pelo seu pastor e, por isto, este não deve ir apenas às casas das pessoas mais eminentes da sua comunidade, antes deve visitar a todos e, na medida das possibilidades, estar particularmente atento às casas dos pobres e dos enfermos³⁴⁹. Quando isto que aqui expusemos não se verifica, João diz que «no existe acusador más duro que la conciencia y, cuando ésta, que es severísima, nos condena previamente, soportamos facilmente a los de fuera, que son más indulgentes»³⁵⁰.

Por tudo isto, o sacerdócio ministerial não deve ser confiado a alguém de ânimo leve, nem de forma superficial. O escolhido «deve ter uma conduta variada que se adapta à singularidade das circunstâncias»³⁵¹ e isto dentro de uma matriz entretecida pelo ser: bom administrador, paciente, benevolente, generoso, prudente e sensato para que, dessa forma, não seja dominado pela ambição de exercício despótico do poder ou da autoridade. Isto significa, para o nosso Autor, não ter medo de ser deposto de um cargo, mas tudo fazer com liberdade e desprendimento:

«En los combates, los soldados más valerosos luchan animosamente y caen virilmente. Así también han de desempeñar el ministerio sacerdotal los que han llegado a este

³⁴⁶ *De Sac.* III,14: «ἤδη γὰρ τινες τῶν ἀσθενεστέρων πράγμασιν ἐμπεσόντες, ἐπειδὴ προστασίας οὐκ ἔτυχον, ἐνανάγησαν περὶ τὴν πίστιν Πολλοὶ γὰρ τῶν ἡδίκημένων οὐχ ἤττον τῶν ἡδικηκῶτων τοὺς μὴ βοηθοῦντας μισοῦσι» [*SCh.* 272, p. 218].

³⁴⁷ Cf. DE SIMONE – Ministero ordinato, p. 70.

³⁴⁸ ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 119.

³⁴⁹ DE SIMONE – Ministero ordinato, p. 70.

³⁵⁰ *De Sac.* III, 14: «ἐπειδὴ γὰρ οὐκ ἔστι πικρότερος τοῦ συνειδότος κατήγορος, διὰ τοῦτο, ὅταν ὑπ' ἐκείνου τοῦ χαλεπωτάτου πρότερον ἀλώμεν, τοὺς ἔξωθεν ἡμερωτέρους ὄντας εὐκόλως φέρομεν » [*SCh.* 272, p. 222].

³⁵¹ ASOLAN – *Il pastore in una chiesa sinodale*, p. 119.

gobierno y han de abandonarlo como conciene a hombres cristianos, sabiendo que tal destitución no otorga una corona inferior a la que corresponde a la autoridade»³⁵².

3.2. Perspetivas e provocações de alguns textos do Magistério à luz do *De Sacerdotio*

Depois de, até este momento deste presente capítulo, termos dado a nossa atenção às concretizações do tríplice múnus no *De Sacerdotio*, procuraremos passar a fazer o mesmo a partir de uma seleção de textos do II CV, do Magistério pontifício e do Magistério da Congregação para o Clero. Dito isto, não poremos para detrás das costas o *De Sacerdotio* de Crisóstomo, antes olharemos a centralidade e a importância dos três serviços no exercício das funções sacerdotais em linha com o exposto em tal texto do nosso Autor.

3.2.1. Magistério do II Concílio do Vaticano (1962-1965)

Neste primeiro ponto da segunda grande parte do terceiro e último capítulo do nosso Trabalho, dedicar-nos-emos aos textos do II CV relacionados com o ministério sacerdotal e a formação dos candidatos ao sacerdócio. A seleção dos textos não foi de todo arbitrária, mas seguiu um critério de natureza temática: o tríplice múnus como concretização do ministério sacerdotal. Neste sentido, lançaremos mãos, em primeiro lugar, da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, por ser o primeiro texto conciliar a abordar o tríplice múnus e a sua relação com Cristo, os apóstolos e os seus sucessores – os bispos. De seguida, olharemos para o decreto *Optatam Totius* sobre a formação sacerdotal e a importância dos três múnus nessa formação. Por fim, daremos a nossa atenção às especificações do tríplice serviço nos decretos sobre o ministério dos bispos e sobre o ministério dos presbíteros, respetivamente *Christus Dominus* e *Presbyterorum Ordinis*.

3.2.1.1. *Lumen Gentium*: os três serviços do bispo e a comunhão presbiteral

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, aprovada e promulgada a 21 de novembro de 1964 pelo Papa Paulo VI, é um dos documentos estruturais do II CV e,

³⁵² *De Sac.* III,10: «Δεῖ δὲ οὐχ οὕτω διακεῖσθαι τὴν ψυχὴν, ἀλλ' ὥσπερ ἐν τοῖς πολέμοις τοὺς γενναίους τῶν στρατιωτῶν ὁρᾶμεν καὶ πολεμοῦντας προθύμως καὶ πίπτοντας ἀνδρείως, οὕτω καὶ τοὺς ἐπὶ ταύτην ἤκοντας τὴν οἰκονομίαν καὶ ἱεραῖσθαι καὶ παραλύεσθαι τῆς ἀρχῆς ὡς χριστιανοῖς ἐστὶ προσῆκον ἀνδράσιν, εἰδότας ὡς ἡ τοιαύτη καθαίρεσις οὐκ ἐλάττονα φέρει τῆς ἀρχῆς τὸν στέφανον» [*SCh.* 272, p. 170].

juntamente com a Constituição *Dei Verbum* – as únicas com a qualificação de “Constituições Dogmáticas”. Tal documento olha a Igreja no seu todo, com toda a sua pluralidade e diversidade, tendo sido, por isso, um dos documentos mais discutidos do II CV, necessitando de inúmeros escrutínios e emendas até chegarmos ao texto que hoje temos em mãos. De facto, a sua aprovação não se revelou facilitada, sendo que, a quase unanimidade na votação final revelou-se inesperada, mas feliz³⁵³. Olhando nós para tal documento, concentrar-nos-emos essencialmente no seu capítulo terceiro, o qual que tem por tema a constituição hierárquica da Igreja, dando, portanto, especial relevo ao ministério dos bispos de ensinar, santificar e governar, bem como à relação destes com os presbíteros.

«Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado» (*Mc.* 16,15-16). No final do *Evangelho segundo Marcos* deparamo-nos com este mandato do Senhor aos apóstolos, os quais são, por conseguinte, enviados a todos, para que, com o auxílio do Espírito Santo, anunciem a Boa Notícia; isto é, ao próprio Senhor Jesus dito especialmente através da referência aos mistérios da Sua morte e ressurreição. E anunciem-na, não para ficarem por aí, mas para que batizem aqueles que livremente aderirem ao Evangelho.

Tidos, com o passar do tempo, como sucessores dos apóstolos, os bispos também são herdeiros deste mandato ou missão de Jesus, que se fundamenta no próprio poder só-amoroso e todo-amoroso do Senhor ressuscitado. Poder esse que não é autoritário nem altivo, mas que, como já vimos a propósito do pensamento de João Crisóstomo, é um serviço ou ministério em humildade caridosa³⁵⁴ «que qualifica de forma decisiva o ministério pastoral na Igreja»³⁵⁵.

Este serviço deve ser exercido especialmente em três dimensões. Uma das dimensões do ministério episcopal é, precisamente, o múnus do ensino e do anúncio do Evangelho, o qual está presente, como já vimos, no mandato do Senhor Jesus. Assim sendo, os bispos devem ser guardiões da fé e da interpretação da revelação, devendo

³⁵³ Cf. ALBERIGO, Giuseppe – *Breve historia del Concilio Vaticano II (1959-1965): en busca de la renovación del Cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005, p. 132; ZANON, Darlei – *Para ler o Concílio Vaticano II*. Lisboa: Paulus, 2012, p. 15-16.

³⁵⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, n.º 24. *AAS.* 57 (1965) 29.

³⁵⁵ PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiología: la sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, p. 619.

aprofundá-la, protegê-la e anunciá-la. É, pois, por meio do ensino da Palavra de Deus que os bispos, enquanto pastores da comunidade, fortalecem a sua comunidade e protegem-na contra aqueles que a procuram destruir³⁵⁶. Eis a razão do II CV «privilegia[r] a participação do Bispo no ofício profético e a sua responsabilidade de garantir que o Evangelho seja fielmente proclamado»³⁵⁷.

O pastor deve estar preparado e ser um grande, franco e íntimo conhecedor da Palavra de Deus, e, de facto e como pudemos verificar precedentemente, já João Crisóstomo afirmava a importância da preparação do pastor. Se o sacerdote – presbítero ou bispo – não estiver preparado e não for conhecedor dos Textos Sagrados, quem sai prejudicado é o povo de Deus que fica entregue a uma espécie de anemia espiritual, razão pela qual o nosso Autor exorta a que os pastores adquiram essa capacidade e conhecimento³⁵⁸. De facto, os pastores, no seu ensino ao serviço do povo de Deus, estão, ou deveriam estar, sempre sob a alçada dos Textos Sagrados para que, desse modo, não anunciem nenhuma palavra que não decorra endogenamente da Palavra de Deus³⁵⁹.

O múnus de santificação é-nos apresentado como outro dos ministérios próprios do episcopado, através do qual os bispos oferecem aos fiéis os dons de Deus. A Eucaristia – ceia memorial e sacrificial da morte e ressurreição do Senhor, pela qual a Igreja comunga do seu Corpo e Sangue – é um desses dons³⁶⁰. Também o Batismo – que nos faz filhos no Filho ao gerar-nos para uma vida nova n’Este – e a Reconciliação penitencial – que nos comunica o perdão dos pecados – são dons dados gratuitamente por Deus à Sua Igreja e têm nos bispos os seus fiéis administradores e dispensadores³⁶¹.

Assim, «pelo ministério da palavra, comunicam a força de Deus, para salvação dos que crêem e, por meio dos Sacramentos, cuja distribuição regular e frutuosa ordenam com a sua autoridade, santificam os fiéis»³⁶². Notamos, pois, que o bispo deve ser um fiel administrador dos dons de Deus (cf. *1Cor.* 4,1-2), sobretudo o da Eucaristia, mistério do Corpo e Sangue de Cristo, sendo que na celebração desses mistérios o Senhor encontra-

³⁵⁶ Cf. *LG*, n.º 25. *AAS.* 57, 29-31; e, depois, *De sac.* IV,4.

³⁵⁷ GAILLARDETZ, Richard R.; CLIFFORD, Catherine E. – *As chaves do Concílio: à descoberta do Vaticano II*. Prior Velho: Paulinas, 2012, p. 183.

³⁵⁸ Cf. *De Sac.* IV,5.

³⁵⁹ Cf. PIÉ-NINOT – *Eclesiología*, p. 620-621.

³⁶⁰ Cf. *De Sac.* III,4.6.

³⁶¹ Cf. *De Sac.* III,5-6.

³⁶² *LG*, n.º 26. *AAS.* 57, 32.

Se presente, sem exclusão, em todas as comunidades para derramar copiosamente os seus dons sobre todas elas³⁶³.

Em terceiro lugar temos o ministério de governo, graças ao qual os bispos orientam e guiam as suas comunidades em união com, e segundo o modelo de, Cristo, único pastor. Assim, eles são chamados a tomar decisões e a fazer leis para o bem do povo de Deus³⁶⁴. Neste sentido, o bispo, para poder tomar as melhores opções, deve conhecer o melhor possível e escutar com toda a atenção os fiéis da sua comunidade. Mais: praticando as obras de caridade, deve estar especialmente atento aos pobres e moribundos, aos ignorantes e desorientados; em suma: a todos sem fazer qualquer tipo de aceção, dando, como Jesus, a sua vida pelas suas ovelhas (cf. *Jo.* 10,11)³⁶⁵. A tudo isto o bispo deve ter atenção, pois será particularmente sobre isso que terá que prestar contas a Deus pelo seu trabalho³⁶⁶.

Para concluirmos esta secção do nosso estudo, vamos fazer uma breve alusão à relação dos bispos com os presbíteros. Neste sentido, e desde logo, podemos recordar que bispos e presbíteros partilham o mesmíssimo sacramento da Ordem embora em graus distintos, sendo que incumbe aos bispos transmitirem os próprios múnus – ensinar, santificar e governar – em diferentes graus a diferentes pessoas³⁶⁷. Deste modo, os presbíteros, «por virtude do sacramento da Ordem, são consagrados, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote, para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino»³⁶⁸.

Dentro da moldura esboçada no parágrafo anterior, tenha-se em apreço que os presbíteros são chamados a batizarem, a celebrarem o Sacrifício eucarístico e a perdoarem os pecados por meio da Reconciliação penitencial. Também são chamados a presidirem à comunidade e a, desse modo, reunirem e elevarem as preces dos fiéis a si confiados até Deus, vivendo o Evangelho e estudando, pregando e ensinando os Textos Sagrados. Como já dizia João Crisóstomo, os presbíteros – sempre unidos ao seu bispo, formando um presbitério de coração e de co(m)laboração – são verdadeiros parceiros espirituais pois pelo Batismo e pela pregação da Palavra geram novos membros para a comunidade dos

³⁶³ Cf. PIÉ-NINOT – *Eclesiología*, p. 621.

³⁶⁴ Cf. *De Sac.* IV,7; VI,7.8.

³⁶⁵ Cf. *De Sac.* III,12.13.14.

³⁶⁶ Cf. *LG*, n.º 27. *AAS.* 57, 32-33.

³⁶⁷ Cf. GAILLARDETZ – *As chaves do Concílio*, p. 179.

³⁶⁸ *LG*, n.º 28. *AAS.* 57, 34.

filhos de Deus³⁶⁹. Mas isto não ocorre de um modo mecânico ou mágico, donde os presbíteros não só não devem nunca ser ocasião de escândalo, mas, também e sobretudo, estão chamados a dar o exemplo de vida cristã autêntica às suas comunidades, também para que estas possam ver, com verdade e autenticidade, o ministério sacerdotal³⁷⁰.

Como vemos, os presbíteros, participando do múnus dos bispos, também exercem a tríplice função ministerial ao nível da sua especificidade vocacional³⁷¹, algo que, aliás, também ocorre com os batizados leigos³⁷², ainda que, no dizer de Hervé Legrand, isso só seja a título excepcional: «excepcionalmente, os leigos podem exercer [o tríplice múnus]; mas não se vê que possam ter a mesma autoridade que os bispos para governar a Igreja na comunhão ou para definir a sua fé oficialmente»³⁷³. Contudo, vemos que o II CV empreende esta “inovação” ou “recuperação”, no sentido em que os Padres da Igreja já o faziam, como referimos na nossa Introdução e, por isso, o Concílio apenas recuperou algo que se tinha perdido. Deveras, se até pouco antes da sua realização este tríplice múnus era exclusivamente aplicado aos ministros ordenados, o II CV – e na sua esteia o *Catecismo da Igreja Católica* nos números 901 a 913³⁷⁴ – refere que os batizados participam, precisamente pelo Batismo, desse tríplice ministério de Cristo:

«Não devemos menosprezar a importância de tal desenvolvimento. Empregando os *tria munera*, o Concílio fundamentou toda a Igreja, e não só o clero, nas missões de Cristo e do Espírito Santo. É o Espírito Santo que capacita todos os batizados para participar na obra de Cristo como sacerdote, profeta e rei»³⁷⁵.

Seja como for, os presbíteros são chamados por Deus e pela Igreja para que, em comunhão e co(m)laboração com o bispo diocesano, sejam dispensadores dos dons e maravilhas de Deus. De facto, estes, os presbíteros, «exercem o seu ministério em dependência da autoridade do seu bispo e num grau subordinado»³⁷⁶. E isto, enquanto: parceiros dos filhos de Deus; ministros do Batismo, da Eucaristia e da Reconciliação;

³⁶⁹ Cf. *De Sac.* III,6.

³⁷⁰ Cf. *LG*, n.º 28. *AAS.* 57, 34-36.

³⁷¹ Cf. PIÉ-NINOT – *Eclesiologia*, p. 621-622.

³⁷² Cf. *LG*, n.º 31. *AAS.* 57, 37.

³⁷³ LEGRAND, Hervé – Sacerdote ministériel. In LACOSTE, Jean-Yves, dir. – *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 1027.

³⁷⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO INTERDIOCESANA PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, n.º 901-913.

³⁷⁵ GAILLARDETZ – *As chaves do Concílio*, p. 141.

³⁷⁶ MADRIGAL, Santiago – Ser sacerdote según el Vaticano II y su recepción postconciliar. In URÍBARRI BILBAO, Gabino – *El ser sacerdotal: fundamentos y dimensiones constitutivas*. Madrid: San Pablo, 2010, p. 129.

arautos da Boa Nova; e guias da comunidade segundo o coração de Cristo, bom e belo pastor.

3.2.1.2. *Optatam Totius*: o tríplice múnus na formação dos candidatos ao ministério

Depois de termos ponderado o ministério dos bispos e a sua relação com os presbíteros na *LG*, olhamos agora para o decreto sobre a formação sacerdotal, antes de abordarmos os textos próprios do II CV em relação aos bispos e aos presbíteros. O texto final do *Optatam Totius* foi promulgado por Paulo VI a 28 de outubro de 1965, dando eco às já então vigentes preocupações relacionadas com a formação sacerdotal e a escolha dos candidatos ao sacerdócio, assunto a que João Crisóstomo também alude na sua *Obra*³⁷⁷.

Desde logo, é de se reter que é de facto muito relevante a formação sacerdotal e que só se formando pastores ao jeito de Jesus é que, no futuro, teremos melhores bispos e melhores padres. Se assim é, uma tal formação passa necessariamente por um processo de integração, por parte do candidato, da vontade e do exemplo de Cristo enquanto perspectivados como vindo a ser por ele concretizados no anúncio da Boa Nova, na celebração dos mistérios da morte e ressurreição do Senhor e na orientação e guia da comunidade cristã³⁷⁸. Nos nossos dias, só será significativa uma formação dos candidatos ao sacerdócio que esteja alicerçada no tríplice múnus, na escolha e seleção dos candidatos ao sacerdócio segundo a pauta da vida do Senhor e, por fim, num sentido de vida sacerdotal mais pleno voltado para o serviço de Cristo e da Igreja em atenção ao mundo.

À luz do antes apontado, prestemos atenção às seguintes palavras: «neles [seminários], a educação dos alunos deve tender a que, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre, sacerdote e pastor, se formem verdadeiramente pastores de almas»³⁷⁹. Assim, o objetivo dos seminários é formar sacerdotes segundo Jesus, único pastor. É tendo por base o tríplice ministério de Cristo que os candidatos ao sacerdócio devem ser

³⁷⁷ Cf. VALLE, João Edênio dos R. – *Optatam Totius*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 685.

³⁷⁸ Cf. ZANON – *Para ler o Concílio Vaticano II*, p. 36-37.

³⁷⁹ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Optatam Totius*, n.º 4. *AAS*. 58 (1966) 716.

formados para, desse modo, tomarem consciência de que um dia, enquanto sacerdotes, participarão do, e no, próprio sacerdócio de Cristo, mestre, sacerdote e pastor³⁸⁰.

No seguimento disto que acabamos de referir, é urgente e necessário que a formação sacerdotal prepare os candidatos ao ministério de acordo com estes três serviços de Cristo. Por outras palavras, deve preparar-se o futuro sacerdote para: o serviço da Palavra de Deus, deve estudá-la, meditá-la e anunciá-la; o serviço dos mistérios da morte e ressurreição do Senhor, para que, por meio dos Sacramentos, da oração e da liturgia, possa santificar o povo cristão; a orientação da comunidade, para o cuidado de todos em geral e para estar, de modo particular, ao lado dos pobres, dos que sofrem ou andam errantes³⁸¹.

A escolha e seleção dos candidatos ao sacerdócio ministerial é, por conseguinte, uma tarefa exigente para os próprios candidatos, mas sobretudo para os responsáveis da formação destes. Neste sentido, o decreto elenca uma série de características ou parâmetros avaliativos que os responsáveis devem ter em conta: a idade; a reta intenção; a liberdade; a idoneidade e capacidade tanto física como mental do candidato; e por último, mas não menos importante, a capacidade em exercer as obrigações sacerdotais e pastorais³⁸².

Também Crisóstomo falava da exigência que representava o ministério, tanto para o candidato como para os responsáveis, sendo que para este a escolha e seleção dos candidatos era de extrema importância e seriedade, chegando mesmo a dizer que, quanto aos formadores, de nada lhes serviria, depois, justificarem-se dizendo que afinal não conheciam bem os candidatos³⁸³. Em consequência disto, o nosso Autor defende que os responsáveis devem ser absolutamente idóneos para tal tarefa e, além de todo um conjunto de atributos cristãos, possuir outras diversas qualidades: respeitabilidade; sensibilidade; bondade; energia; franqueza; benevolência; integridade; honestidade; não-duplicidade; humildade; e força³⁸⁴.

O ministério sacerdotal, sendo configurado no tríplice múnus com Cristo, deve ser vivido na adesão íntima e pessoal com o Senhor. Esta relação de amizade e intimidade com Cristo alimenta-se de várias formas: pelo estudo e leitura da Palavra de Deus; pela

³⁸⁰ Cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Ser padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, p. 39.

³⁸¹ Cf. *OT*, n.º 4. *AAS*. 58, 716 e, depois, AZEVEDO – *Ser padre*, p. 61.

³⁸² Cf. *OT*, n.º 6. *AAS*. 58, 717.

³⁸³ Cf. *De Sac.* IV,2.

³⁸⁴ Cf. *De Sac.* III,11.

celebração do culto divino; pelo cuidado pastoral para com todos, sobretudo os pobres, as crianças, os pecadores e os doentes; por fim, pela relação com o bispo diocesano vivida em espírito de fraternidade evangélica³⁸⁵. Já vimos anteriormente que esta relação íntima que o sacerdote deve cultivar com Cristo é claramente mencionada no *De Sacerdotio*. Para o nosso Autor, Cristo só confia o seu rebanho àqueles que O amam e, portanto, só aqueles que manifestam este amor por Cristo e que cultivam com Ele uma relação de amizade e intimidade são chamados a apascentar o seu rebanho³⁸⁶. Os formadores devem ter o cuidado de ver se os formandos possuem, de verdade, esta característica tão central, pois caso contrário, estes até poderão vir a ser sacerdotes, mas não de Cristo Jesus.

3.2.1.3. *Christus Dominus*: ensinar, santificar, governar

Continuando a seguir o trilho que idealizámos para este capítulo, eis-nos chegados ao decreto *Christus Dominus*, que, como já sabemos, trata o ministério pastoral dos bispos. O presente decreto, promulgado por Paulo VI a 28 de outubro de 1965, centra-se: na relação dos bispos com a Igreja Universal e a Santa Sé; na relação dos mesmos com a Igreja Particular; e, por fim e no seu terceiro capítulo, trata de outros serviços do episcopado, nomeadamente a participação em sínodos ou concílios. Face aos objetivos do nosso Trabalho, daremos a nossa atenção à segunda parte deste decreto e ponderaremos o bispo como o pastor da sua diocese e que tem o dever de nela exercer o seu serviço de ensinar, santificar e governar³⁸⁷.

O anúncio do Evangelho é fundamental quando o bispo exerce o seu ministério de ensino, sendo mesmo «um dos principais deveres dos Bispos»³⁸⁸. No entanto, o decreto elenca outros assuntos e temáticas que os bispos devem ensinar segundo o que diz a doutrina da Igreja: o valor da pessoa e da vida; a natureza da família e as suas implicações; a sociedade civil; o trabalho; e, entre outros, o descanso³⁸⁹. Para isto, os bispos, tanto na pregação como na instrução catequética, devem adaptar a sua comunicação e a sua metodologia às circunstâncias de cada tempo, devendo, pois, conhecer o que o rodeia de

³⁸⁵ Cf. *OT*, n.º 8.9. *AAS*. 58, 718-719 e, depois, AZEVEDO – *Ser padre*, p. 91.

³⁸⁶ Cf. *De Sac.* II,1.

³⁸⁷ Cf. GONÇALVES, Paulo Sérgio – *Christus Dominus*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 113-114; ZANON – *Para ler o Concílio Vaticano II*, p. 34.

³⁸⁸ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Christus Dominus*, n.º 12. *AAS*. 58 (1966) 678; cf. SANTORO, Filippo – A centralidade do episcopado no Concílio Vaticano II: aspectos teológicos e as retomas pastorais. *Atualidade Teológica*. 49 (2015) 44.

³⁸⁹ Cf. *CD*, n.º 12. *AAS*. 58, 678.

modo a poder responder às perguntas e às dificuldades de cada tempo e de cada pessoa. Só dessa forma poderão chegar às pessoas que lhe estão confiadas³⁹⁰. Recordemos que já Crisóstomo, no *De Sacerdotio*, faz uma alusão ao trabalho que o sacerdote deve empreender na preparação das suas comunicações ao povo de Deus, tomando sempre o exemplo de Paulo que, por ter o dom crístico da palavra, era capaz de adaptar os seus discursos e o seu modo de discutir consoante os seus destinatários³⁹¹.

Neste sentido, é também necessário que os bispos promovam encontros de diálogo e de debate teológico, devendo ainda estar presentes, com coragem e prudência para dizerem o relevante sem escandalizarem indevidamente ninguém, nos meios de comunicação social³⁹². Contudo, isto, nos dias de hoje, não é suficiente, donde também precisam de procurar o seu lugar para comunicar com os mais jovens através de eventos dinâmicos e interativos sobretudo com presença nas redes *online*³⁹³. Perante isto percebemos que «para se conseguir transmitir a tradição, esta tem de ser “atualizada” em cada novo contexto»³⁹⁴.

Pelo serviço de santificar, o bispo é canal dos dons e do perdão de Deus para a humanidade, razão pela qual «os Bispos são, portanto, os principais dispensadores dos mistérios de Deus, como também ordenadores, promotores e guardas da vida litúrgica na igreja a si confiada»³⁹⁵. É na medida que é dispensador e guardião dos dons de Deus³⁹⁶ que «o bispo é “*oeconomus*” da graça do sumo sacerdócio»³⁹⁷. Com o dever do *múnus* de santificar, o bispo deve procurar que o seu presbitério e todo o povo de Deus cresça na felicidade e na santidade e o faça participando da Eucaristia, corpo do Senhor, sendo assíduo na oração e na prática dos Sacramentos³⁹⁸. Neste sentido, «o Bispo é responsável pela qualidade da vida de oração comum da comunidade. A liturgia na sua catedral deve ser um modelo para toda a diocese. É sua missão prover ao cuidado espiritual de todos os fiéis, garantindo que estes recebem os Sacramentos e a pregação que precisam»³⁹⁹.

³⁹⁰ Cf. *De Sac.* IV,3.7; V,1.

³⁹¹ Cf. *De Sac.* IV,7; V,1.

³⁹² Cf. *CD*, n.º 13. *AAS.* 58, 678-679.

³⁹³ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013 (Francisco) – *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus, n.º 204-205. Prior Velho: Paulinas, 2019, p. 110.

³⁹⁴ GAILLARDEZ – *As chaves do Concílio*, p. 184.

³⁹⁵ *CD*, n.º 15. *AAS.* 58, 679-680.

³⁹⁶ Cf. *De Sac.* III,6.

³⁹⁷ SANTORO – A centralidade do episcopado no Concílio Vaticano II, 45.

³⁹⁸ Cf. *CD*, n.º 15. *AAS.* 58, 679-680 e, depois, *De Sac.* III,4.5; SANTORO – A centralidade do episcopado no Concílio Vaticano II, 46.

³⁹⁹ GAILLARDEZ – *As chaves do Concílio*, p. 184-185.

Por fim, o decreto *Christus Dominus* fala sobre o serviço do pastor e guia da comunidade. Temos visto que, nos documentos do II CV, o ofício de governo é referido sempre no fim dos demais, não porque seja menos importante, mas porque o Concílio quis marcar a importância da dimensão ministerial do bispo que tinha sido ofuscada pela dimensão governativa e de jurisdição⁴⁰⁰. Assim, o documento a que estamos a dar atenção exorta os bispos a tratarem primeiramente dos seus presbíteros, para que depois estes empreendam no seu trabalho com maior vigor e força de espírito, devendo estar atentos a eles e a considerá-los como filhos e amigos, estando sempre disponíveis para ouvir com toda a atenção e disponibilidade a todos, e em especial os mais necessitados. Os bispos também são chamados a preocuparem-se com a formação dos seus presbíteros, promovendo: encontros e retiros espirituais; espaços de partilha de vida e da Palavra de Deus; uma contínua formação bíblica e teológica; e uma atualização contínua dos métodos pastorais⁴⁰¹.

3.2.1.4. *Presbyterorum Ordinis*: os presbíteros e a sua participação no tríplice múnus

O decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério sacerdotal, aprovado a 7 de dezembro de 1965 – ou seja, quase no fim dos procedimentos conciliares –, nasceu da necessidade de se ponderar o ministério e a vida dos presbíteros à luz das novas ideias que brotaram dos precedentes textos exarados pelo II CV. Nele apresenta-se a figura do padre e a natureza do sacerdócio enquanto ministério sacerdotal, dando mais relevo à função ministerial, mas também apresentando uma visão ontológica do sacerdócio como identificação com Cristo pela ordenação. Tanto uma como outra ideia do sacerdócio são complementares e inseparáveis⁴⁰². Assim, debruçar-nos-emos essencialmente sobre o segundo capítulo que trata do tríplice serviço do presbítero.

Prestemos atenção às seguintes palavras: «o mesmo Senhor [...] constituiu, dentre os fiéis, alguns como ministros que, na sociedade dos crentes, possuísem o sagrado poder da Ordem para oferecer o Sacrifício, perdoar os pecados e exercer oficialmente o serviço sacerdotal em nome de Cristo em favor dos homens», e continua o documento mais adiante: «o ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem episcopal, participa da

⁴⁰⁰ Cf. SANTORO – A centralidade do episcopado no Concílio Vaticano II, 43.

⁴⁰¹ Cf. *CD*, n.º 16. *AAS*. 58, 680-681.

⁴⁰² Cf. OLIVEIRA, Antonio Genivaldo C. de – *Presbyterorum Ordinis*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 773; ZANON – *Para ler o Concílio Vaticano II*, p. 35-36.

autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu povo»⁴⁰³. Eis ideias, palavras e frases que todos os sacerdotes deveriam sempre ter em atenção.

Como vemos, é tornada absolutamente clara, logo no início do decreto *Presbyterorum Ordinis*, qual é a finalidade do serviço presbiteral: oferecer os dons de Deus por meio dos Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia e a Reconciliação penitencial; edificar o povo de Deus por meio da pregação e da evangelização; e congregar e governar o povo de Deus⁴⁰⁴. Também fica desde logo bem presente a relevância da comunhão dos presbíteros com o episcopado dentro da matriz teológica provinda do facto de que, se Cristo transmitiu o Seu ministério aos apóstolos, e estes o comunicaram aos seus sucessores, então o presbítero só participa do tríplice múnus de Cristo enquanto em comunhão com o bispo, que é quem tem o poder de lhe outorgar esse tríplice múnus que recebeu de Cristo⁴⁰⁵.

Se assim é, também no decreto *Presbyterorum Ordinis* encontramos o tríplice múnus de Cristo como o fundamento do ministério sacerdotal, sendo daí que decorrem as funções ou ofícios do presbítero, os quais são, mais uma vez, apresentados segundo a ordem de exposição adotada pelo II CV: serviço da Palavra de Deus; o serviço dos Sacramentos; e o serviço pastoral da comunidade. Tal ordem não é arbitrária, mas não se pode esquecer que cada um dos serviços é o primeiro segundo a sua categoria ou a perspectiva com que se o encara, pois nenhum se sobrepõe aos demais, mas antes se complementam, como afirma o teólogo Miguel Ponce Cuéllar:

«O [múnus] da pregação é o primeiro na ordem de execução, já que é necessário para o nascimento da fé; o [múnus] do culto precede no âmbito ontológico, dado que a Eucaristia é o fim e origem de toda a vida e atividade eclesial, e o [múnus] pastoral é o primeiro no âmbito qualitativo. De facto, cada número dedicado a uma destas funções faz alusão aos outros dois, pois trata-se de funções totalmente independentes, mas que se implicam mutuamente»⁴⁰⁶.

É pelo anúncio e partilha da Palavra de Deus que se faz a comunidade e se cumpre o que Jesus pediu aos apóstolos quando enviou estes em missão (cf. *Mc.* 16,15-16)⁴⁰⁷. Segundo o decreto *Presbyterorum Ordinis*, este mandato pode ser executado de diversas formas: glorificando o Senhor; anunciando o Evangelho e a doutrina da Igreja; e

⁴⁰³ IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n.º 2. *AAS.* 58 (1966) 992.

⁴⁰⁴ Cf. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges – A identidade presbiteral depois do Vaticano II. *Horizonte.* 9: 24 (2011) 1098.

⁴⁰⁵ Cf. *PO*, n.º 2. *AAS.* 58, 992.

⁴⁰⁶ PONCE CUÉLLAR – *Llamados a servir*, p. 318.

⁴⁰⁷ Cf. *LG*, n.º 24. *AAS.* 57, 29.

estudando a Palavra de Deus para que, assim, se possa anunciar a salvação de Cristo em cada tempo⁴⁰⁸. De facto, a Palavra de Deus precisa de ser sempre ensinada e aplicada ao concreto da vida do povo de Deus, devendo, por conseguinte, a pregação ser sempre inculturada⁴⁰⁹. Eis a razão do pregador dever tomar em atenção, entre outros fatores, o contexto social e religioso envolvente, bem como ao tipo geral de pessoas para quem fala⁴¹⁰. Por isso, «a pregação, para ser eficaz, requer tanto um profundo empenhamento no poder evangélico do Evangelho, como uma profunda compreensão das complexidades da vida moderna»⁴¹¹.

Já o vimos e já o sabemos: o presbítero é também chamado a distribuir os dons do amor de Deus pelos seus fiéis no exercício do múnus de santificação. Dessa forma, o presbítero serve os batizados, a comunidade dos cristãos «mediante o exercício do seu ministério sacramental dentro e não acima da comunidade cristã, de modo especial quando preside à liturgia eucarística»⁴¹². Assim, por meio da liturgia e da prática sacramental, o presbítero santifica a sua comunidade: é ele que, pelo Batismo, introduz novos membros na comunidade; é ele que, cumprindo o mandato de ligar e desligar, perdoa os pecados na Reconciliação penitencial; é ele que, com o óleo benzido em Quinta-Feira Santa, alivia as dores dos enfermos e doentes; é ele que, pela Eucaristia, torna presente ao Povo de Deus os mistérios do Corpo e Sangue do Senhor, pão partido e repartido, alimento e força espiritual da caminhada terrena⁴¹³. De notar que, embora não desvalorize os demais Sacramentos, o decreto que estamos a ponderar atribui grande importância à celebração eucarística «como fonte e coroa de toda a evangelização»⁴¹⁴.

Neste serviço de santificar, em que o presbítero participa de modo especial pelo sacramento da Ordem, também se inclui a oração, nomeadamente a do ofício divino recitado ao longo das horas de cada dia. Por ele, os presbíteros, «em nome da Igreja, rezam a Deus por todo o povo que lhes fora confiado; mais ainda, por todo o mundo»⁴¹⁵.

Também o serviço de governo, próprio do ministério de Cristo cabeça e único pastor da Igreja, é concedido pelo bispo, por meio da ordenação, ao presbítero que forma

⁴⁰⁸ Cf. *De Sac.* V,1.7.

⁴⁰⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013 (Francisco) – *Evangelii Gaudium*, n.º 142-143.155. (Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013). *AAS.* 105 (2013) 1079.1085.

⁴¹⁰ Cf. *PO*, n.º 4. *AAS.* 58, 995-997, e depois, *De Sac.* IV,7.

⁴¹¹ GAILLARDEZ – *As chaves do Concílio*, p. 139.

⁴¹² GAILLARDEZ – *As chaves do Concílio*, p. 139.

⁴¹³ Cf. *De Sac.* III,4-6.

⁴¹⁴ *PO*, n.º 5. *AAS.* 58, 997, e depois, *De Sac.* III,4.

⁴¹⁵ *PO*, n.º 5. *AAS.* 58, 998.

uma comunidade com aquele e os demais presbíteros. Neste sentido, é pela autoridade de Cristo, único pastor, que foi transmitida na sua ordenação presbiteral pelo bispo, que o presbítero é chamado a apascentar e a zelar por todo o Povo de Deus, e mormente pela porção daquele que lhe foi confiado de forma particular, cuidando que os seus membros cresçam com maturidade na verdadeira fé cristã e na caridade⁴¹⁶. Note-se que o presbítero exerce tal múnus de governo «através da liderança pastoral, através da promoção da maturidade do Povo de Deus e através da ordenação dos muitos dons dos batizados, de tal modo que esses dons possam edificar a Igreja, ao serviço da sua missão no mundo»⁴¹⁷. De facto, o decreto afirma que de nada servirão as belas liturgias e celebrações bem cuidadas se, depois, na vida, os cristãos não forem maduros na sua fé e não praticarem a caridade verdadeira: «de nada servirão as cerimónias, embora belas, bem como as associações, embora florescentes, se não se ordenam a educar os homens a conseguir a maturidade cristã»⁴¹⁸.

Neste sentido, o presbítero enquanto pastor, participante da autoridade de Cristo cabeça, deve tomar em atenção a todos e ao jeito do exemplo do apóstolo (cf. *1Cor.* 9,19-22), mas, como é referido mais uma vez, precisa de dar atenção especial àqueles que são pobres e marginalizados, não se esquecendo dos jovens, dos casais, dos idosos, dos doentes e moribundos⁴¹⁹. Também, mais uma vez se evidencia, ao jeito dos Padres da Igreja e em particular do nosso Autor, a demonstração de amor que o presbítero, concretizando tudo isto, mostra ter por Cristo e pela sua Igreja⁴²⁰.

3.2.2. Magistério pontifício

Chegados a este ponto, e como o tempo e o espaço nos impõem uma restrição e uma eleição, começaremos a dar a nossa atenção àquele que é considerado o texto de referência do Magistério pontifício sobre o sacerdócio e a formação sacerdotal: a *Pastores Dabo Vobis*. No entanto, não deixaremos de olhar para outros textos do Magistério pontifício, fazendo, assim, alguns cruzamentos de ideias e referências.

⁴¹⁶ Cf. *De Sac.* III,12-14; VI,4.

⁴¹⁷ GAILLARDETZ – *As chaves do Concílio*, p. 141.

⁴¹⁸ *PO*, n.º 6. *AAS.* 58, 999.

⁴¹⁹ Cf. *PO*, n.º 6. *AAS.* 58, 999-1001, e depois, *De Sac.* III,12-13.

⁴²⁰ Cf. *De Sac.* II,1-2 e, depois, *PO*, n.º 11. *AAS.* 58, 1009.

3.2.2.1. *Pastores Dabo Vobis*: o tríplice múnus e a vida espiritual do sacerdote

A 25 de março do ano de 1992 foi emanada, pelo Papa João Paulo II, uma Exortação Apostólica Pós-Sinodal resultante do Sínodo dos Bispos de 1990. Tendo por título *Pastores Dabo Vobis*, a dita exortação trata da formação dos sacerdotes tendo em apreço a necessidade de se pensar o sacerdócio ministerial e a formação dos sacerdotes à luz das circunstâncias e necessidades da época⁴²¹. Também neste documento, e de forma mais explícita no seu número 26, está presente a importância do tríplice serviço crístico na vida sacerdotal.

«Antes de mais – diz-nos a *Pastores Dabo Vobis* com um destaque que achamos oportuno vincar desde logo –, o Sacerdote é *ministro da Palavra de Deus*, é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino»⁴²². Neste sentido, o sacerdote deve ser um homem da Palavra de Deus e, assim, um profundo conhecedor dos Textos Sagrados, não no sentido de ser seu dono, mas enquanto livre servo e obediente ministro dessa Palavra. Para que isto se possa tornar uma realidade, o sacerdote deve procurar meditá-la e conhecê-la, para, assim, a transmitir a todos na sua genuinidade e, ao mesmo tempo, cuidar de instruir a sua comunidade para o estudo dos Textos Sagrados⁴²³, mas também dos textos da Igreja e do Magistério. De facto, «estes não são estranhos à Palavra, servem antes a sua recta interpretação e conservam-lhe o autêntico sentido»⁴²⁴.

Para João Paulo II, muito marcado por uma determinada forma monástico-conventual de encarar a oração, um dos modos do presbítero e da comunidade se abeirarem dos Textos Sagrados é pela tradição da leitura meditativa da Palavra, a *lectio divina*. Segundo aquele Sumo Pontífice, tal prática torna a Palavra de Deus viva, no sentido que interpela e confronta a existência de cada um⁴²⁵. O presbítero, ao ser ministro da Palavra – não da sua própria palavra, mas da Palavra de Deus –, deve anunciá-la a todos e isto requer imprescindivelmente que a coloque em prática diariamente na sua vida.

⁴²¹ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastores Dabo Vobis*, n.º 3. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 25 de março de 1992). *AAS*. 84 (1992) 660-662.

⁴²² *PDV*, n.º 26. *AAS*. 84, 698. Itálico no original.

⁴²³ Cf. *De Sac.* IV,4.8.

⁴²⁴ *PDV*, n.º 26. *AAS*. 84, 698.

⁴²⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Novo Millennio Ineunte*, n.º 39. (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 293-294.

Tal anúncio dá-se, assim, pelo que o sacerdote diz, mas também muito por aquilo que faz⁴²⁶.

João Paulo II refere igualmente a importância da celebração dos Sacramentos, e em especial a Eucaristia, na vida espiritual do sacerdote. Contudo, é em relação ao sacramento da Reconciliação penitencial que se vê um pronunciamento mais especial e particular⁴²⁷. Citando e retomando o que já havia afirmado na exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, tal Papa afirma que o sacerdote deve ser assíduo, não só no se dispor para acolher quem busca tal sacramento, mas talqualmente no procurar o mesmo. Deveras, a celebração deste sacramento tem particular importância na vivência espiritual da vida sacerdotal, daí a recomendação para que o sacerdote se confesse bem e com regularidade⁴²⁸.

Por fim, é dito que o sacerdote, em colaboração com os bispos, é chamado a ser guia e animador da comunidade. Para o exercício de tal ministério, ele deve ter uma vida espiritual intensa e de grande fervor⁴²⁹, de modo a que, assim, possa guiar e orientar a sua comunidade sem que tal missão se desvie para um ministério que, totalmente incompatível com a Palavra de Deus e o serviço gratuito, se pautar pelo autoritarismo e a demanda do prestígio – incluindo aquela da (falsa) humildade⁴³⁰. Assim, o documento elenca as qualidades necessárias para esse serviço: fidelidade; coerência; sabedoria; acolhimento; bondade; autoridade; liberdade; desprendimento; paciência; gosto e confiança no trabalho discreto⁴³¹. Sonhos face à realidade? Incumbe-nos que não sejam só isso, mas, seguindo a Jesus, vivê-los realmente e chamarmos os demais a vivê-los para bem da Igreja e do mundo.

⁴²⁶ Cf. BIANCHI, Enzo – *Presbíteros: palavra e liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020, p. 31.34 e, depois, IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Pastores Gregis*, n.º 15. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 16 de outubro de 2003). *AAS*. 96 (2004) 846-847, por fim, *De Sac.* IV,3-5.

⁴²⁷ Cf. *De Sac.* III,4-5.

⁴²⁸ Cf. *PDV*, n.º 26. *AAS*. 84, 699 e, depois, IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Reconciliatio et Paenitentia*, n.º 31, VI. (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 2 de dezembro de 1984). *AAS*. 77 (1985) 265-266.

⁴²⁹ Cf. CAPRIOLI, Mario – Esortazione apostólica postsinodale *Pastores Dabo Vobis* di Giovanni Paolo II: presentazione e valutazione. *Teresianum*. 43: 2 (1992) 341.

⁴³⁰ Cf. *De Sac.* III,9.11.

⁴³¹ Cf. *PDV*, n.º 26. *AAS*. 84, 700.

3.2.3. Magistério curial

Presentemente daremos atenção ao Magistério curial (romano), sendo que, pelas mesmas razões que apontámos em relação ao Magistério pontifício, também neste ponto optámos por escolher apenas um texto – concretamente da Congregação para o Clero – seguindo um critério de importância e impacto posterior nos documentos do Magistério. Face a isto tudo, ponderaremos o *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*.

3.2.3.1. O *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*

A primeira edição do *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* surgiu no seguimento das diversas reflexões sobre o sacerdócio ministerial levadas a cabo depois do encerramento do II CV, nomeadamente a partir da já abordada Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis*. Trata-se, na verdade, de um documento que foi dado à luz em 1994, sendo que, com o passar dos anos, houve uma necessidade de atualizar o documento com ulteriores reflexões acerca do ministério e da vida presbiteral. Foi já no ano de 2013 que a última edição de tal relevante texto da Congregação para o Clero foi editada – não sendo, face ao multiplicar de textos do Papa Francisco, de esperar muito para que surja uma nova atualização. Mais uma vez procuraremos realçar os principais pontos relativos à temática que temos vindo a tratar: o triplice múnus de Cristo como tripé fundamental para o sacerdócio ministerial.

Vimos anteriormente que o sacerdote é o ministro da Palavra de Deus, estando vocacionalmente chamado a comunicá-la aos fiéis, não de forma abstrata, mas tocando no concreto das suas vidas⁴³². Para tal, deverá manter-se fiel ao texto escrito, não o desvirtuando, antes simplesmente ilustrando-o com quotidiano da vida: a dos demais e também a sua, pois um sacerdote que não seja transparente face ao que é, nunca será transparência do Senhor. É pela catequese, a explicação da Palavra e pela prática da leitura orante – a *lectio divina* – que o presbítero trabalha e toma conhecimento dos Textos Sagrados⁴³³.

É no cenário antes descrito que o documento que estamos a apresentar tem o grande cuidado de deixar claro o que não é a pregação da Palavra de Deus: ela não é a pregação do pensamento exclusivo do presbítero; não é o mero comunicar da experiência pessoal do presbítero; não é um tratado de psicologia ou de sociologia; nem é, enfim, a

⁴³² Cf. *De Sac.* IV,7-8.

⁴³³ Cf. IGREJA CATÓLICA: CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Lisboa: Paulus, 2013, n.º 50.62.

transmissão do fascínio pela arte da retórica. Só depois é que o decreto em ponderação refere o que é a pregação, dizendo que esta se trata simplesmente, mas não simploriamente, de anunciar o Evangelho segundo o mandato de Jesus aos apóstolos. Se assim é, o presbítero deve preparar as suas pregações pelo estudo, pela oração e tendo em conta, sobretudo, os destinatários da mensagem⁴³⁴. De facto, só assim poderá levar a Palavra de Deus às pessoas que tem diante de si⁴³⁵.

Se o ministério da Palavra é fundamental na vida do presbítero, a celebração dos Sacramentos, principalmente a Eucaristia, é a força vital do seu ministério, sendo mesmo na celebração daquele que se dá a ver e se vê, de forma mais plena, a identidade do presbítero⁴³⁶. Neste sentido, este deve entender e meditar no significado dos mistérios que celebra, sendo de grande importância a celebração destes mistérios de forma frequente, ou o mesmo que dizer, diariamente. Por serem fundamentais, a celebração destes mistérios deve ser maximamente cuidada e o presbítero é, em cada comunidade e certamente com o apoio dos demais fiéis, o primeiro responsável por esse zelo⁴³⁷.

De facto, o documento aconselha o sacerdote a celebrar a Eucaristia sem pressa e tendo em atenção as normas litúrgicas vigentes, devendo ter em atenção alguns aspetos mais práticos que o diretório apresenta: a limpeza e ao asseio do espaço litúrgico; a arquitetura do espaço celebrativo; a dignidade das alfaias e paramentos; os momentos de canto e silêncio, intercalando-os de forma coerente ao longo da celebração. Se tudo isto que temos estado a ver faltar, a liturgia da comunidade cai em desleixo e na superficialidade e, assim, o presbítero não permite que os fiéis participem numa celebração digna e cuidada que seja uma verdadeira catequese dos mistérios da paixão e ressurreição do Senhor Jesus, dado que, como é evidente, a «*ars celebrandi* é a melhor condição para a *actuosa participatio*»⁴³⁸.

O que se diz em relação ao sacramento da Eucaristia, estende-se às celebrações dos demais Sacramentos, sendo que o não cuidar destes aspetos, no contexto de cada celebração e muitas vezes em nome da simplicidade e proximidade, não é mais do que um verdadeiro desleixo por parte do presbítero na abordagem ao seu trabalho pastoral.

⁴³⁴ Cf. *De Sac.* V,7.

⁴³⁵ Cf. *DMVP*, n.º 62; IGREJA CATÓLICA: CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial* (Instrução de 4 de agosto de 2002), n.º 20 e, por fim, *De Sac.* IV,8.9; V,1.

⁴³⁶ Cf. *DMVP*, n.º 66.

⁴³⁷ Cf. *DMVP*, n.º 67, e depois, *De Sac.* III,4.

⁴³⁸ *DMVP*, n.º 67.

Por conseguinte, e em todas as celebrações sacramentais, – cada uma, evidentemente, com as suas especificidades teológico-pastorais –, a liturgia deve ser: simples, mas não simplista; breve, mas não apressada; sóbria, mas não descuidada ou banal⁴³⁹.

Por fim, enquanto pastor de uma comunidade, o presbítero é chamado a guiá-la no amor, desempenhando um verdadeiro «*amoris officium*»⁴⁴⁰ que pautе toda a sua ação de orientação zelosa no amor – o mesmo amor de Cristo para com a Igreja. Eis, precisamente, porque nos é dito:

«Pastor da comunidade – à imagem de Cristo, Bom Pastor, que oferece a sua vida por toda a Igreja –, o sacerdote existe e vive para ela; por ela reza, estuda, trabalha e se sacrifica; por ela está disposto a dar a vida, amando-a como Cristo, dirigindo para ela todo o Seu amor e a Sua estima, prodigando-se com todas as forças e sem limites de tempo por torná-la, à imagem da Igreja esposa de Cristo, cada vez mais bela e digna da complacência do Pai e do amor do Espírito Santo»⁴⁴¹.

O presbítero, como verdadeiro pai espiritual – que, por meio do Batismo, faz nascer para a Igreja os filhos de Deus – deve assim estabelecer – com a sua comunidade em concreto, mas também com a Igreja Universal – este sentido de partilha de vida fraterna e de amor numa profunda comunhão⁴⁴². Desta forma, ele não é servido e não se serve, mas é servidor; não se ilumina, mas ilumina; não se eleva sobre os demais, mas eleva a estes⁴⁴³. Assim, o sacerdote está chamado a estar atento à tentação de abusar ou de transpor o limite dessa convivência no amor fraterno, que é comunhão de vida e de amor em Cristo pelo Espírito, em favor de interesses pessoais⁴⁴⁴.

⁴³⁹ Cf. IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n.º 34. *AAS*. 56 (1964) 109; *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, n.º 21; *De Sac.* III,4.6.

⁴⁴⁰ Cf. *DMVP*, n.º 25.

⁴⁴¹ *DMVP*, n.º 77; cf. *De Sac.* II,1.

⁴⁴² Cf. *De Sac.* III,6.

⁴⁴³ Cf. *De Sac.* II,2-3.

⁴⁴⁴ Cf. *DMVP*, n.º 77 e, depois, *De Sac.* III,6.

Conclusão

Apropriando-nos da analogia culinária muito utilizada pelo nosso Orientador, dizemos que este momento do nosso Trabalho é o “bolo” sendo que cada um dos precedentes capítulos são os “ingredientes” desse mesmo “bolo”. Assim, não pretendemos apresentar uma espécie de síntese de cada uma das partes da nossa Dissertação, mas, isso sim, olhar o todo deste labor para, dessa forma, tirar algumas conclusões do mesmo.

João Crisóstomo foi um homem que marcou o seu tempo e continua a marcar o nosso, por isso dissemos que se tornou, pelos seus escritos que chegaram até nós, numa figura intemporal. Ao estudarmos a vida do nosso Autor, nada faria antever o final trágico que esta teria. Em virtude disso, e retomando uma analogia já utilizada, Crisóstomo não partiu de Ítaca, mas de Antioquia e não acabou expulso de Troia, mas de Constantinopla. Por isso, a sua vida foi uma vida em tensão, desde a sua infância e juventude até à sua morte.

Se dissemos que, na senda dos grandes bispos capadócijs, João também era representativo de uma certa moderação de pensamento evitando entrar em grandes disputas ou querelas doutrinárias, por outro lado constatamos, pela sua vida, no que diz respeito à participação eclesial e às práticas de acordo com o Evangelho, que o nosso Teólogo era tudo menos moderado, fazendo-nos questionar se, hoje, não seremos um pouco relaxados e laxistas quanto à verdade com que os nossos ministros vivem a sua vida e o seu ministério. Ou então, talvez nos falte o fervor da radicalidade do Evangelho, por medo ou por insegurança de onde isso nos poderá levar, olhando a vida de Jesus e destes santos. Também para nós, e para o nosso futuro, isto representa um desafio enorme, como já o era para João no seu tempo.

É no estudo da vida de João Crisóstomo e da sua Obra que atestamos não serem novidades da nossa época os escândalos eclesiais e financeiros – sobretudo entre membros do clero –; os problemas com as vocações; e os critérios, por vezes flutuantes e difusos, com que se aceitam os candidatos ao ministério ordenado. Por isso, não devemos

ficar presos a ideias ou concepções negativistas acerca da Igreja e do ministério ordenado, pois se esta é teândrica é, por isso, ao mesmo tempo santa e feita também de pecadores. É santa porque é obra de Deus, fundada por Jesus e conduzida ao longo da história pelo Seu Espírito. É Igreja que caminha em direção à santidade. É pecadora porque constituída por homens e mulheres a caminho dessa santidade e que, por isso, são frágeis, caem e erram.

Ao olharmos a vida do nosso Autor e, sobretudo, para a forma como esta acabou, só podemos concluir que, de facto, a Igreja é obra de Deus e guiada pelo Espírito Santo, porque, e recordando as famosas palavras de Gamaliel (cf. *At.* 5,38-39), se fosse obra humana e conduzida segundo as vontades do ser humano, então já teria fracassado. Contudo, se não devemos adotar uma atitude pessimista, também não podemos deixar de denunciar o mal argumentando, por exemplo, que se sempre foi assim, então assim sempre será. Por isso, o bispo João Crisóstomo era exigente consigo e com o seu clero, denunciando a imoralidade e os vícios destes, exortando a uma vida de santidade que desconhecia, nomeadamente, cunhas dadas e oferecidas.

Assim, percebemos a grande estima que João Crisóstomo demonstra ter, no *De Sacerdotio*, pelo ministério ordenado e o seu desejo de purificar uma visão distorcida desse ministério. Neste sentido, foi importante perceber o contexto social e religioso da nossa Obra, tanto numa comunidade de Antioquia que não tinha passado por uma fase fácil da sua história, como da Igreja de então em geral. Assim, o *De Sacerdotio* nasce num tempo em que o ministério, igualmente em consequência dos agrestes debates acerca do arianismo, estava em crise e desacreditado.

Talvez isto também se assemelhe ao nosso tempo e à forma como o ministério sacerdotal é visto nele por quem não o conhece: uma vida fácil, sem esforços nem preocupações e em que se forma uma casta, rica e arrogante, movida por interesses e compadrios que a fazem insensível às realidades das demais pessoas. Isto, sabemos bem, não é linearmente assim, mas, verdade seja dita, se contemporaneamente não temos um poder imperial, temos um império de poder(es) que procuram constantemente descredibilizar e desacreditar a Igreja, os seus ministros e os batizados em geral. Acerca de tudo isto, e de muito mais, o nosso Texto, embora lavrado no séc. IV, tem muito a dizer à Igreja e aos ministros da atualidade.

O diálogo que João tem com o seu amigo Basílio não é um tratado de teologia, nem propriamente um manual acerca do sacerdócio ministerial ordenado. Trata-se, numa estratégia retórico-literária bem conhecida, de uma conversa entre dois amigos que se

conhecem e se amam. De facto, o amor é o impulsionador da vida pastoral; amor *de* Cristo e *a* Cristo, concretizado, sempre de modo criativo e fiel para ser evangelicamente fecundo, no amor à Igreja e ao povo de Deus. Assim, é por amor que João recusa a grande responsabilidade do ministério: por não se considerar digno e com capacidades para poder dignificá-lo. Já desde aqui se nota a grande estima que o nosso Autor tinha pelo ministério ordenado e que em muito se desviava de uma visão, a si contemporânea, do mesmo que olhava para tal insigne vocação e missão como uma promoção social. Por isso, o ministério ordenado – o sacerdócio para Crisóstomo – é um tesouro dado por Deus à humanidade, mas em vasos de barro frágeis: a natureza humana ferida pelo desamor.

Esta antagónica referência a um tesouro valioso guardado num local frágil, apenas diz e reforça que, ao contrário do que muitos pensavam na época de João – e talvez ainda hoje pensarão –, o sacerdócio é uma preciosidade que não é nossa. É puro dom amoroso de Deus oferecido a alguns para, por estes, chegar à humanidade. Assim, este dom, que comporta consigo um poder só no amor, não é autoritário nem altivo, mas é o poder de quem mais serve, de quem, de acordo com o Evangelho, se faz último, lava os pés e, por amor e só por amor, é capaz de abraçar a morte por aqueles a quem está chamado a servir, em vez de optar por seguranças artificiais e confortos contraditórios.

Não obstante a infinidade de temas que poderiam ser estudados a partir da nossa Obra, facilmente nos saltou à vista a importância atribuída a cada um dos serviços sacerdotais como fundamentais para o ministério ordenado. De facto, poderíamos ter abordado o *De Sacerdotio* a partir de inúmeras perspectivas, nomeadamente, e a título de exemplo: as qualidades necessárias para um candidato ao ministério ordenado; a pureza do presbítero ou do bispo como características fundamentais para o exercício das suas missões e a configuração das suas identidades; o amor como fundamento da ação pastoral; e, entre outros, a santa mentira e a sua necessidade e repercussões no ministério pastoral. Partindo desta constatação, outras linhas de abordagem diferente ao *De Sacerdotio* poderiam ter sido exequíveis e, agora, constituem futuríveis linhas de investigação.

Procurando, pois, responder, em certa medida, à interrogação da utilidade dos presbíteros e da especificidade do seu ministério, constatamos, pela redação de Crisóstomo e por alguns textos do, e pós, II CV relacionados com o ministério ordenado, que a resposta a tal pergunta se encontra tanto no *De Sacerdotio*, de forma mais implícita, como nos textos mais recentes sobre o ministério ordenado, já de uma forma mais explícita. Tendo isto em vista, podemos dizer que o específico dos presbíteros e bispos é: a celebração dos Sacramentos e entre estes, devemos salientar, o Batismo, a Eucaristia e

a Reconciliação penitencial; a proclamação da Palavra de Deus, o ensino da Sagrada Escritura e da doutrina da Igreja, o incentivar os leigos a meditarem nos Textos Sagrados e a estudarem os autores cristãos – no fundo, o fomentar o amor para com a Palavra –; por fim, o pastoreio do povo de Deus enquanto guias da comunidade, protetores dos mais desfavorecidos e desprotegidos, auxílio dos que sofrem, conselheiro espiritual e promotor da unidade na sua comunidade e do bem estar entre todos, sempre numa entrega solícita e sem nenhuma exclusão.

Assim sendo, percebemos a importância do exercício do tríplice múnus de Cristo na vida ministerial. Neste sentido, o presbítero, em comunhão com o seu bispo diocesano e por amor a Cristo e à Sua Igreja deve ser aquele que: anuncia a morte e ressurreição do Senhor; faz nascer os filhos de Deus; parte e reparte o Corpo do Senhor, alimento e, por isso, força para o caminho; a todos acolhe e perdoa; guia e orienta a sua comunidade ao jeito e a exemplo de Cristo Jesus, o único bom pastor.

Já no AT, os sacerdotes e reis eram ungidos com o óleo sagrado (cf. *1Sm.* 10,1; 16,12-13; *Lv.* 8,12). Também Jesus, no Jordão foi ungido, não pelo óleo dos sacerdotes e reis do AT, mas pela força capacitante do Espírito Santo (cf. *Mt.* 3,16). É também com o fogo do Espírito que Jesus unge e envia os Doze a anunciar a Boa Nova, a batizar e a perdoar os pecados (cf. *Mt.* 28,19-20; *Jo.* 20,22-23). Sendo batizados, os fiéis leigos nascem, pela água e pelo Espírito, para uma vida nova e são ungidos com o óleo desses sacerdotes e reis. Assim, também eles se tornam sacerdotes, profetas e reis. No entanto, de modo próprio pela ordenação e imposição das mãos, os bispos e os presbíteros participam desse tríplice múnus de uma forma absolutamente única neles capacitada, mais uma vez, pelo Espírito Santo que os leva a exercer este tríplice serviço.

Tanto João Crisóstomo, no seu *De Sacerdotio*, como o Magistério, nos documentos que nos propusemos estudar, são realçadas as três dimensões do tríplice serviço crístico. Tanto um, como os outros, dão importância extrema à santificação pela oração e pela celebração litúrgica, nomeadamente do Batismo, da Eucaristia e da Reconciliação penitencial. Pelo Batismo, o bispo ou o presbítero fazem nascer os filhos de Deus. A estes, João Crisóstomo, quase carinhosamente, denomina de parteiros do Espírito. Contudo, é na celebração da Eucaristia que, tanto o nosso Autor como os textos que estudámos, colocam a fonte e cume de todo o múnus de santificar. Assim sendo, os presbíteros e os bispos devem: celebrar com dignidade e sobriedade os Sacramentos; promover a oração na sua comunidade, nomeadamente a *Liturgia das Horas*; cuidar da dignidade dos espaços litúrgicos e dos paramentos e alfais litúrgicas.

Também, o relevo que Crisóstomo dá à pregação está bem presente nos documentos que estudámos pelo múnus de ensinar. No fundo, não se trata só de proclamar e ensinar a Palavra de Deus, mas de torná-la viva, no sentido em que esta deve ser aplicada ao concreto da vida. Se Crisóstomo aponta como modelo a Paulo e à sua arte de pregar e de adaptar o seu discurso consoante o destinatário, os textos do Magistério apontam que o bispo e o presbítero devem atender também aos seus destinatários. Isto é feito por Jesus, por Paulo e por Crisóstomo. De facto, todos estes se identificaram com a própria dinâmica da pedagógica economia salvífica. Não se trata de modificar ou alterar a Palavra de Deus, antes de dar-lhe vida ao aplicá-la, com amor e só por amor, ao concreto da vida de cada um.

Este amor também se concretiza no múnus de governar do bispo e do presbítero. Assim, estes, só por amor se fazem próximos da sua comunidade e dos seus fiéis como pastores que conduzem, com e por amor, o rebanho à Igreja de Cristo e a Este. Se Crisóstomo, no *De Sacerdotio*, destacava o apoio às viúvas e às virgens, e, ao mesmo tempo, o aceitar a todos sem exceção, também tal empenho é salientado nos textos do Magistério. Em ambos os casos, é-nos dito, novamente, que o presbítero e o bispo devem guiar as suas comunidades como pastores próximos, atentos e solícitos. Também devem atender ao cuidado para com os pobres e os mais necessitados e ajudar aqueles que sofrem – quer fisicamente, quer espiritualmente. Olhar pelos casais, deve ser também uma preocupação, procurando estar atento aos desafios das vidas familiares e profissionais modernas, ajudando os casais a viverem um santo e fiel amor ao jeito do amor de Cristo pela Sua Igreja.

Posto isto, entendemos que este tríplice múnus deve ser olhado numa perspetiva unitária e integradora. Nesse sentido, todos os serviços são importantes e nunca – o presbítero ou o bispo – devem desconsiderar algum deles, sobrevalorizando outras dimensões. Ao propormos este tripé ministerial como base fundamental do exercício do ministério sacerdotal ordenado, queremos realçar, não mais do que já fazem os textos do Magistério que estudámos, a unidade do serviço. De facto, se um tripé perde uma das suas pernas fica instável, chegando mesmo a cair se não tiver quem o sustente. Assim, se valorizarmos uma só dimensão, em detrimento das restantes, então o ministério ordenado será instável. Poderemos mesmo chegar ao extremo de termos ministros ordenados que já não saibam o que é próprio do seu serviço.

De facto, se uma dimensão for sobrevalorizada em detrimento das demais, poderemos ter bons celebrantes, mas não teremos pastores e cuidadores que acompanham

e guiam as ovelhas, ajudando os pobres e os desprotegidos – serão vedetas de uma liturgia feita espetáculo. Por outro lado, poderemos ter bons padres que praticam a caridade, cuidam das pessoas da sua comunidade, mas desvalorizam a beleza da liturgia e a oração – serão meros agentes sociais. Enfim, aqueles que programam tudo em folhas de Excel, sem dar lugar à graça, poderão ser muito eficazes, mas nunca serão fecundos – serão os gestores segundo o mundano. Por isso tudo, notamos que, no *De Sacerdotio*, era nestas três ações – ensinar, santificar e governar – tidas em comum que o nosso Autor colocava toda a intensidade do seu discurso revelando a sua igual importância. O Magistério com que contactámos vai na mesma linha.

Nestas breves palavras com que chegamos ao fim desta nossa Dissertação, e ao longo de todo este labor, demo-nos conta de que o estudo acerca do *De Sacerdotio* e do sacerdócio ministerial na Igreja é uma *never ending story*. Por isso, é sempre necessária uma profunda reflexão sistemática acerca destas temáticas e a isso nos comprometemos, nem que seja apenas para benefício daqueles a quem esperamos vir a servir como sacerdotes. Também é verdade que, apesar de termos desejado fazer o melhor possível ao longo do nosso percurso redaccional, reconhecemos que, por diversos motivos, algumas temáticas ou assuntos mereciam uma investigação mais ampla e prolongada. Entre algumas temáticas que poderiam ser abordadas – e às quais já nos referimos antes –, gostaríamos de acrescentar, já de seguida, outras.

Desde logo, cremos que seria interessante desenvolver bem a temática do tríplice múnus de Cristo e a sua evolução teológica ao longo da história, sendo que no nosso Trabalho apenas fizemos uma breve sùmula introdutória desse tema, porquanto considerámos que se nos expandíssemos mais, estaríamos a desviar-nos do nosso assunto principal. Também estimamos que seria pertinente olhar para outros documentos do Magistério a respeito do exercício do tríplice múnus crístico, nomeadamente o *Código de Direito Canónico* no que este se reporta às implicações dos *tria munera* na vida do presbítero e do pároco. Enfim, também seria muito relevante estudar e desenvolver alguns conceitos presentes no *De Sacerdotio* a partir do seu significado, e evolução semântica, no seu idioma original – o grego.

Como já dissemos, em relação à teologia dos *tria munera* era, de facto, incomportável aflorar e desenvolver todas as possíveis temáticas que foram surgindo ao longo desta investigação. Neste sentido, procurámos fazer opções coerentes que não se deslocassem demasiado do âmbito a que nos propusemos. Algumas dificuldades que

foram surgindo ao longo da investigação também não permitiram que o resultado fosse outro, dado que foram, de certa forma, obstáculos sérios com que tivemos que lidar e tentar superar para a realização do nosso Trabalho. Entre essas dificuldades destacamos a necessidade de recorrermos a bibliografia em línguas que não dominámos, contudo tal não nos impediu de, com esforço, superar essa barreira e apresentar uma bibliografia ampla e variada. Também o momento de Pandemia que temos vivido nestes últimos tempos foi um óbice – quer físico, quer psicológico e anímico –, pois em muito dificultou o nosso plano inicial de aquisição, consulta, leitura e estudo de fontes, já de si menos extenso do que gostaríamos devido a uma manifesta falta de tempo disponível para nos dedicarmos à investigação. Por fim, gostaríamos de referir, por não ser de somenos importância, o facto de que este nosso Trabalho foi elaborado ao longo de uma grande extensão temporal, ao longo da qual consultámos uma diversidade de bibliografia – muita dela que acabámos por não usar no nosso Estudo –, razão pela qual, e não obstante os nossos maiores esforços, poderão existir, de forma pontual, incongruências metodológicas, linguísticas ou outras que não foram detetadas.

Com tudo isto, que escrevemos nesta conclusão, em consideração, e terminando, estimamos que o nosso propósito foi, deveras, cumprido. Estudámos a vida de um grande Padre da Igreja e um (seu) grande escrito sobre o sacerdócio, o que nos permite dizer, com toda a honestidade, que este nosso Trabalho contribuiu em muito para a nossa formação, não só académica, mas também espiritual e pastoral. Por isso, mais uma vez reforçamos a nossa convicção de que as problemáticas por nós levantadas ao longo desta nossa Dissertação não foram feitas em tonalidade meramente acética e neutra, antes nos sentimos genuinamente implicados nelas. Sim: sabemos que este nosso Trabalho e, sobretudo, as grandes exigências que ele aponta, são um desafio com que teremos que viver no nosso futuro. Todavia, e deixando o futuro nas mãos de Deus – por mais que, no que nos diz respeito, o queiramos construir já hoje –, cremos que só assim a nossa vida se poderá configurar com o coração de Cristo, único pastor.

Bibliografia

Fontes Primárias

JOÃO CRISÓSTOMO – *Sur le sacerdoce: dialogue et homélie*. Introduction, texte critique, traduction et notes par A. M. Malingrey. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980 [= *SCh* 272].

————— – *Diálogo sobre el sacerdocio*. Introducción, traducción y notas de Juan José Ayán Calvo y Patricio de Navascués Banlloch. Madrid: Ciudad Nueva, 2010.

PALÁDIO – *Dialogue sur la vie de Jean Chrysostome*. Introduction, texte critique, traduction et notes par A. M. Malingrey. Paris: Les Éditions du Cerf, 1988, tomo 1 [= *SCh* 341].

Instrumentos

BÍBLIA SAGRADA. 4.^a ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2002.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – *Metodologia científica: contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. 9.^a ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.

Magistério

Magistério conciliar

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Constituição *Sacrosanctum Concilium*. *AAS*. 56 (1964) 97-138.

————— – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. *AAS*. 57 (1965) 5-71.

————— – Decreto *Christus Dominus*. *AAS*. 58 (1966) 673-701.

————— – Decreto *Optatam Totius*. *AAS*. 58 (1966) 713-727.

————— – Decreto *Presbyterorum Ordinis*. *AAS*. 58 (1966) 991-1024.

Magistério pontifício

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Reconciliatio et Paenitentia*: (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 2 de dezembro de 1984). *AAS*. 77 (1985) 187-275.

————— – *Pastores Dabo Vobis*: (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 25 de março de 1992). *AAS*. 84 (1992) 657-804.

————— – *Novo Millennio Ineunte*: (Carta Apostólica de 6 de janeiro de 2001). *AAS*. 93 (2001) 266-309.

————— – *Pastores Gregis*: (Exortação Apostólica Pós-Sinodal de 16 de outubro de 2003). *AAS*. 96 (2004) 825-924.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2005-2013 (Bento XVI) – *Audiência geral* (19 de setembro de 2007). https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070919.html. 15-09-2021 (15:32).

————— – *Audiência geral* (26 de setembro de 2007). https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070926.html. 14-09-2021 (22:31).

————— – *Audiência geral* (14 de abril de 2010). https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100414.html. 19-08-2021 (17:27).

————— – *Audiência geral* (5 de maio de 2010). https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100505.html. 19-08-2021 (17:02).

————— – *Audiência geral* (26 de maio de 2010). https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100526.html. 19-08-2021 (17:47).

IGREJA CATÓLICA. Papa, 2013 (Francisco) – *Evangelii Gaudium*: (Exortação Apostólica de 24 de novembro de 2013). *AAS*. 105 (2013) 1019-1137.

————— – *Cristo Vive*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus. Prior Velho: Paulinas, 2019.

Magistério curial

IGREJA CATÓLICA: COMISSÃO INTERDICASTERIAL PARA O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

IGREJA CATÓLICA: CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*: (Instrução de 4 de agosto de 2002). https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20020804_istruzione-presbitero_po.html. 28-08-2021 (00:54).

————— – *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Lisboa: Paulus, 2013.

Estudos

ALBERIGO, Giuseppe – *Breve historia del Concilio Vaticano II (1959-1965): en busca de la renovación del Cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

ALFARO, Juan – Las funciones salvíficas de Cristo como revelador, señor, y sacerdote. In FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus, dir. – *Mysterium Salutis: manual de teologia como historia de la salvacion*. 2ª ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1980, vol. 3, p. 507-569.

ALTANER, Berthold – *Patrología*. Madrid: Espasa-Calpe, 1956.

ASOLAN, Paolo – *Il pastore in una chiesa sinodale: una ricerca odegética*. Città del Vaticano: Lateran Università Press, 2017.

AUGUSTIN, George – *Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Prior Velho: Paulinas, 2015.

AYÁN CALVO, Juan José; NAVASCUÉS BENLLOCH, Patricio de – Introducción. In JUAN CRISÓSTOMO – *Diálogo sobre el sacerdocio*. Madrid: Ciudad Nueva, 2010, p. 5-37.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *Ser padre*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

BECK, Bruce N. – “Learn from me”: embodied knowledge through imitation in early christian pedagogy. In BEZZERIDES, Ann Mitsakos; PRODRONOU, Elizabeth H. – *Eastern orthodox christianity and american higher education: theological, historical, and contemporary reflections*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2017, p. 115-139.

BIANCHI, Enzo – *Presbíteros: palavra e liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020.

BOULARAND, Éphrem – Le sacerdoce mystère de craint et d’amour chez saint Jean Chrysostome. *Bull. Litt. Ecclés.* 72: 1 (1971) 3-36.

- CAPRIOLI, Mario – Esortazione apostólica postsinodale *Pastores Dabo Vobis* di Giovanni Paolo II: presentazione e valutazione. *Teresianum*. 43: 2 (1992) 323-357.
- CARVALHO, José Carlos – *Introdução às cartas autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017.
- CATTANEO, Enrico – San Giovanni Crisostomo, pastore e teologo. *La Civiltà Cattolica*. 3782 (2008) 129-136.
- CLARK, Elizabeth A. – John Chrysostom and the subintroductae. *Church History*. 46: 2 (1977) 171-185.
- – *The origenist controversy: the cultural construction of an early christian debate*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- COLEMAN-NORTON, Paul Robinson – St. Chrysostom's use of the greek poets. *Classical Philology*. 27: 3 (1932) 213-221.
- DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri Irénée – *Nueva historia de la Iglesia: desde los origenes a san Gregorio Magno*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1964, tomo 1.
- DAVIS, David A. – St John Chrysostom on ministry, discernment, and call. *Theology Today*. 62 (2005) 408-413.
- DAVIS, H. Francis – The unchanging priesthood. *Life of the Spirit*. 5: 58 (1951) 447-465.
- DELGADO JARA, Inmaculada – El período antioqueno de la vida de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 52 (2001) 23-50.
- – Los primeiros años del episcopado de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 53 (2002) 211-241.
- – Los últimos años del episcopado de san Juan Crisóstomo. *Helmantica*. 54 (2003) 269-294.
- DE SIMONE, Giuseppe – Ministero ordinato: spunti e provocazioni dalla lettura del *Dialogo sul sacerdozio* di Giovanni Crisostomo. In IDEM – *Preti secondo i padri: provocazioni dalla lettura di alcuni testi patristici*. Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2014, p. 55-72.
- DE WET, Chris L. – The priestly body: power-discourse and identity in John Chrysostom's *De Sacerdotio*. *Religion & Theology*. 18 (2011) 351-379.

- DROBNER, Hubertus R. – *Manual de patrología*. Barcelona: Herder, 1999.
- GAILLARDEZ, Richard R.; CLIFFORD, Catherine E. – *As chaves do Concílio: à descoberta do Vaticano II*. Prior Velho: Paulinas, 2012.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio – Christus Dominus. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 112-116.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario – *Cristología*. 2ª ed. Madrid: BAC, 2012.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges – A identidade presbiteral depois do Vaticano II. *Horizonte*. 9: 24 (2011) 1090-1112.
- HOFER, Andrew – The reordering of relationships in John Chrysostom's «De Sacerdotio». *Augustinianum*. 51: 2 (2011) 451-471.
- HOUSSIAU, Albert – Le sacerdoce ministériel dans l'Église ancienne. In HOUSSIAU, Albert; MONDET, Jean-Pierre – *Le sacerdoce du Christ et de ses serviteurs selon les Pères de l'Église*. Lovain-La-Neuve: Centre d'Histoire des Religions, 1990, p. 3-47.
- JEDIN, Hubert – *Manual de historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1980.
- KELLY, John N. D. – *Golden mouth: the story of John Chrysostom: ascetic, preacher, bishop*. Ithaca; New York: Cornell University Press, 1995.
- LAI, Pak-Wah – John Chrysostom's reception of Basil of Caesarea's trinitarian theology. *Scrinium*. 15 (2019) 62-78.
- LANDMAN, Christina – John Chrysostom as pastoral counsellor. *Acta Patristica et Byzantina*. 12: 1 (2001) 147-157.
- LECLERCQ, Henri – Antioche. In CABROL, Fernand, org. – *DACL*. Paris: Letouzey et Ané Editeurs, 1907, tomo 1, vol. 2, col. 2359-2427.
- LEGRAND, Hervé – Sacerdoce ministériel. In LACOSTE, Jean-Yves, dir. – *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 1026-1028.
- LUBAC, Henri de – Le Dialogue sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome. *NRT*. 100 (1978) 822-831.

- MADRIGAL, Santiago – Ser sacerdote según el Vaticano II y su recepción postconciliar. In URÍBARRI BILBAO, Gabino – *El ser sacerdotal: fundamentos y dimensiones constitutivas*. Madrid: San Pablo, 2010, p. 119-157.
- MALINGREY, Anne-Marie – Introduction au *Dialogue sur le sacerdoce*. In JEAN CHRYSOSTOME – *Sur le sacerdoce: dialogue et homélie*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980 [= *SCh* 272], p. 7-25.
- – Juan Crisostomo. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patristico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992, vol. 2, p. 1177-1181.
- MAYER, Wendy; ALLEN, Pauline – *John Chrysostom*. London; New York: Routledge, 2000.
- MITCHELL, Margaret M. – *The heavenly trumpet: John Chrysostom and the art of pauline interpretation*. Louisville; London: Westminster John Knox, 2002.
- MOLAC, Philippe – Des sources nazianzéennes au discours sur le sacerdoce de saint Jean Chrysostome. *Bull. litt. ecclés.* 105: 2 (2004) 169-174.
- MONDET, Jean-Pierre – Sacerdoce du Christ et sacerdoce ecclésial: le témoignage de s. Jean Chrysostome. In HOUSSIAU, Albert; MONDET, Jean-Pierre – *Le sacerdoce du Christ et de ses serviteurs selon les Pères de l'Église*. Lovain-La-Neuve: Centre d'Histoire des Religions, 1990, p. 49-254.
- NORMANN, Friedrich – Escuela teológica de Antioquia. In RAHNER, Karl, ed. – *Sacramentum Mundi*. Barcelona: Editorial Herder, 1972, tomo 1, col. 258-264.
- OLIVEIRA, Antonio Genivaldo C. de – Presbyterorum Ordinis. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 772-774.
- PASQUATO, Ottorino – Antioquia de Siria: história. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patristico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991, vol. 1, p. 135–137.
- PIÉ-NINOT, Salvador – *Eclesiología: la sacramentalidad de la comunidad cristiana*. 3ª ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.
- PIETRI, Luce; BROTTIER, Laurence – Il prezo dell'unità: Giovanni Crisostomo e il sistema teodosiano. In PIETRI, Luce; DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Storia*

- del cristianesimo: la nascita di una cristianità (250-430)*. Roma: Borla, 2000, vol. 2, p. 453-467.
- PONCE CUÉLLAR, Miguel – *Llamados a servir: teología del sacerdocio ministerial*. Barcelona: Herder, 2001.
- PSELLOS, Michael – On saint John Crysostom. In IDEM – *Michael Psellos on literature and art: a byzantine perspective on aesthetics*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2017, p. 169-175.
- QUASTEN, Johannes – *Patrología: la edad de oro de la literatura patristica griega*. Madrid: BAC, 1977, vol. 2.
- RAMOS-LISSÓN, Domingo – *Patrología*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2005.
- RAPP, Claudia – Pragmatic authority. In IDEM – *Holy bishops in late antiquity: the nature of christian leadership in an age of transition*. California: University of California Press, 2005, p. 23-55.
- RATZINGER, Joseph / BENTO XVI – *Jesus de Nazaré*. 5ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario – *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2007, vol. 1.
- SABA, Gian Franco – *Il dialogo sul sacerdozio di Giovanni Crisostomo: sintesi tra paideia clássica e paideia cristiana?*. Bologna: Dehoniana Libri, 2012.
- SANTORO, Filippo – A centralidade do episcopado no Concílio Vaticano II: aspectos teológicos e as retomas pastorais. *Atualidade Teológica*. 49 (2015) 30-51.
- SCHAEFER, Francis – The church of Antioch. In *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1907, vol. 1, p. 567-570.
- SILVA, Gilvan Ventura da – Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da Igreja de Constantinopla. *Phoînix*. 16: 1 (2010) 109-127.
- SIMOENS, Yves – Sacerdoce. In LACOSTE, Jean-Yves, dir. – *Dictionnaire critique de théologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 1023-1024.

- SIMONETTI, Manlio – Éfeso: concilios. In DI BERARDINO, Angelo, dir. – *Diccionario patristico y de la antigüedad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991, vol. 1, p. 683-685.
- SOUSA, Pío G. Alves – Objeto de los libros “*De Sacerdotio*”, de san Juan Crisostomo. In INSTITUTO ‘JUAN DE AVILA’, ed. – *Teologia del sacerdocio en los primeiros siglos*. Burgos: Ediciones Aldecoa, 1972, p. 203-221.
- – Las virtudes del sacerdote: concepto de pureza en los libros *De Sacerdotio* de s. Juan Crisóstomo. *Scripta Theologica*. 6: 2 (1974) 701-709.
- – O ministério da palavra nos livros *De Sacerdotio* de s. João Crisóstomo. *Theologica*. 9 (1974) 155-169.
- – *El sacerdocio ministerial: en los libros De Sacerdotio de san Juan Crisostomo*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1975.
- STIERNON, Daniel – Jean I^{er} Chrysostome. In JACQUEMET, Gabriel, dir. – *Catholicisme: hier, aujourd’hui, demain*. Paris: Letouzey et Ané Editeurs, 1967, tomo 6, col. 498-511.
- TREVIJANO ETCHEVERRIA, Ramón – *Patrología*. Madrid: BAC, 1994.
- TURRO, James C. – 1-2 Samuel. In BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., dir. – *Comentário bíblico san Jeronimo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, tomo 1, p. 449-490.
- TUTAS, Maria Rodica - São João Crisóstomo e são Gregório Magno: uma fonte de inspiração pastoral. *Atualidade Teológica*. 19: 51 (2015) 500-528.
- VALLE, João Edênio dos R. – Optatam Totius. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes, coord. – *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 684-688.
- WENGER, Antoine – Jean Chrysostome. In VILLER, Marcel, dir. – *Dictionnaire de spiritualité: ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Paris: Beauchesne, 1974, tomo 7, col. 331-355.
- ZANON, Darlei – *Para ler o Concílio Vaticano II*. Lisboa: Paulus, 2012.

Índice

Epígrafe	1
Resumo/Abstract	3
Siglas e abreviaturas	5
Introdução	9
1. João Crisóstomo: monge, presbítero de Antioquia e bispo de Constantinopla	19
1.1. Na senda dos grandes capadócijs	20
1.2. Uma vida em tensão	22
1.2.1. Entre Antioquia e o “deserto”.....	22
1.2.2. O estudo dos autores clássicos e da arte da retórica.....	23
1.2.3. Conclusão dos estudos e a vida no ascetério.....	25
1.2.4. Recusa do ministério e a vida eremítica.....	26
1.2.5. Regresso a Antioquia e o diaconado.....	28
1.2.6. O presbiterado e o ministério da pregação da Palavra.....	29
1.3. O ministério episcopal na sede de Constantinopla	29
1.3.1. Conflitos com a corte e reformas do clero.....	31
1.3.2. Conflito com o bispo Severiano.....	34
1.3.3. Os quatro monges e o sínodo do Carvalho de 403.....	36
1.3.4. Revogação do exílio e regresso não autorizado.....	38
1.3.5. O exílio definitivo e a sua derradeira partida.....	39
2. O <i>De Sacerdotio</i>: um legado espiritual da antiguidade cristã	43
2.1. Contexto social e religioso da redação	44
2.2. Género literário: os diálogos platónicos e o diálogo de Crisóstomo	46
2.3. Outros aspetos de realce na redação de Crisóstomo	48
2.4. Problemáticas da redação: datação, personagens, veracidade e motivo	51
2.4.1. A datação da redação.....	51
2.4.2. Quem é Basílio?.....	53
2.4.3. O <i>De Sacerdotio</i> de Crisóstomo e o <i>De fuga</i> de Gregório de Nazianzo.....	54
2.4.4. Motivo da redação.....	56
2.5. A Obra: síntese e comentário	58
2.5.1. Livro I.....	58
2.5.2. Livro II.....	59

2.5.3. Livro III.....	62
2.5.4. Livro IV.....	69
2.5.5. Livro V.....	73
2.5.6. Livro VI.....	74
3. O tríplice múnus de Cristo: concretizações no <i>De Sacerdotio</i> e em alguns textos do Magistério	79
3.1. Sacerdote, profeta e rei: os <i>tria munera</i> no <i>De Sacerdotio</i>	80
3.1.1. Múnus sacerdotal ou santificar.....	84
3.1.1.1. O Sacrifício eucarístico.....	84
3.1.1.2. O perdão dos pecados e o Batismo	85
3.1.2. Múnus profético ou ensinar.....	86
3.1.2.1. A importância da pregação para a cura pastoral	87
3.1.2.2. Paulo, insigne mestre na arte da palavra	88
3.1.2.3. O dever do estudo e critério para uma boa pregação	89
3.1.3. Múnus real ou governar	91
3.1.3.1. O cuidado para com as viúvas e as virgens.....	92
3.1.3.2. A atividade judicial e a aceção de pessoas.....	93
3.2. Perspetivas e provocações de alguns textos do Magistério à luz do <i>De Sacerdotio</i>.....	95
3.2.1. Magistério do II Concílio do Vaticano (1962-1965).....	95
3.2.1.1. <i>Lumen Gentium</i> : os três serviços do bispo e a comunhão presbiteral.....	95
3.2.1.2. <i>Optatam Totius</i> : o tríplice múnus na formação dos candidatos ao ministério ...	100
3.2.1.3. <i>Christus Dominus</i> : ensinar, santificar e governar	102
3.2.1.4. <i>Presbyterorum Ordinis</i> : os presbíteros e a sua participação no tríplice múnus .	104
3.2.2. Magistério pontifício.....	107
3.2.2.1. <i>Pastores Dabo Vobis</i> : o tríplice múnus e a vida espiritual do sacerdote	108
3.2.3. Magistério curial	110
3.2.3.1. O <i>Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros</i>	110
Conclusão.....	113
Bibliografia	121
Índice	129